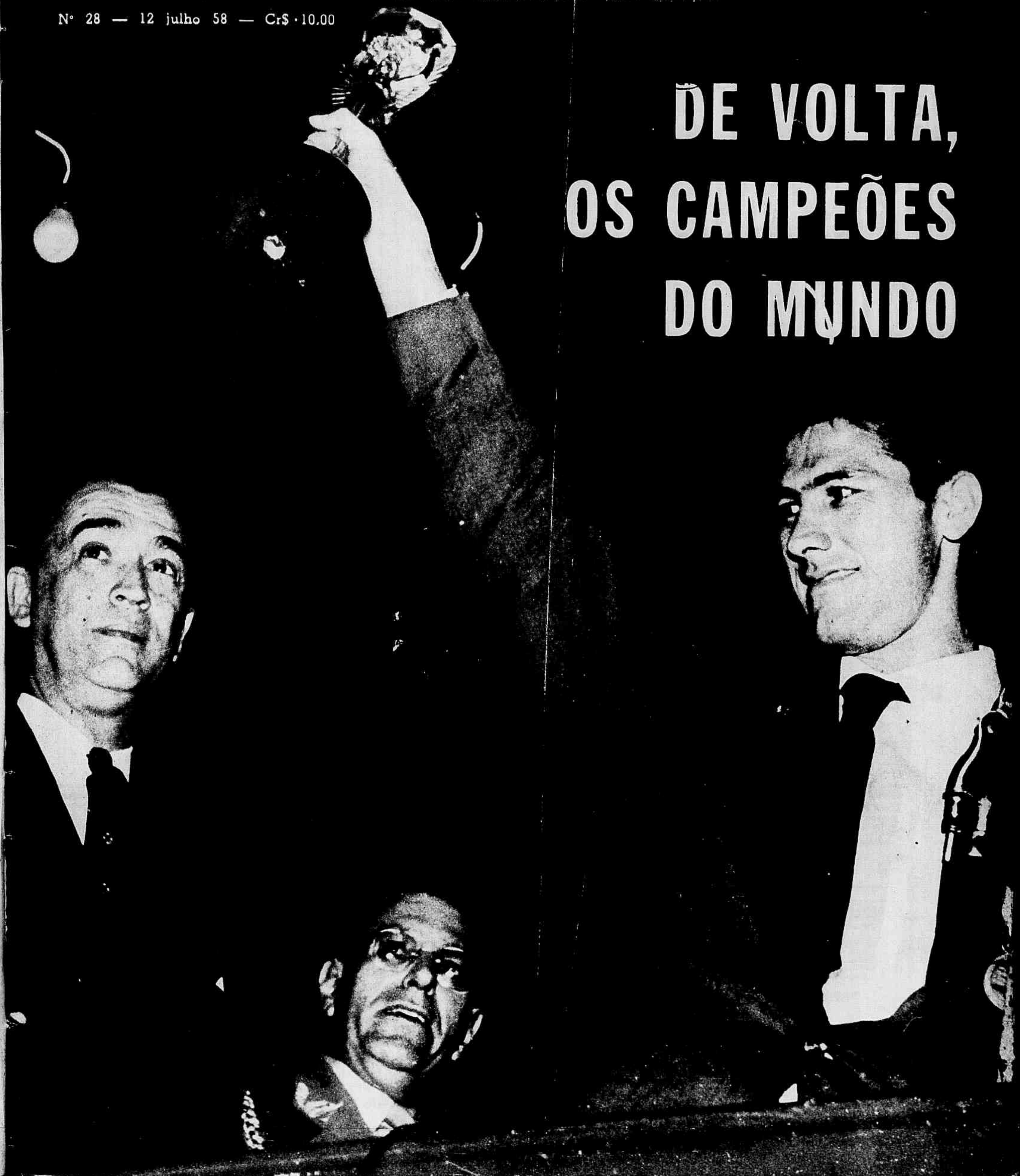


Semana

REVISTA DA

Nº 28 — 12 julho 58 — Cr\$ 10.00

DE VOLTA, OS CAMPEÕES DO MUNDO





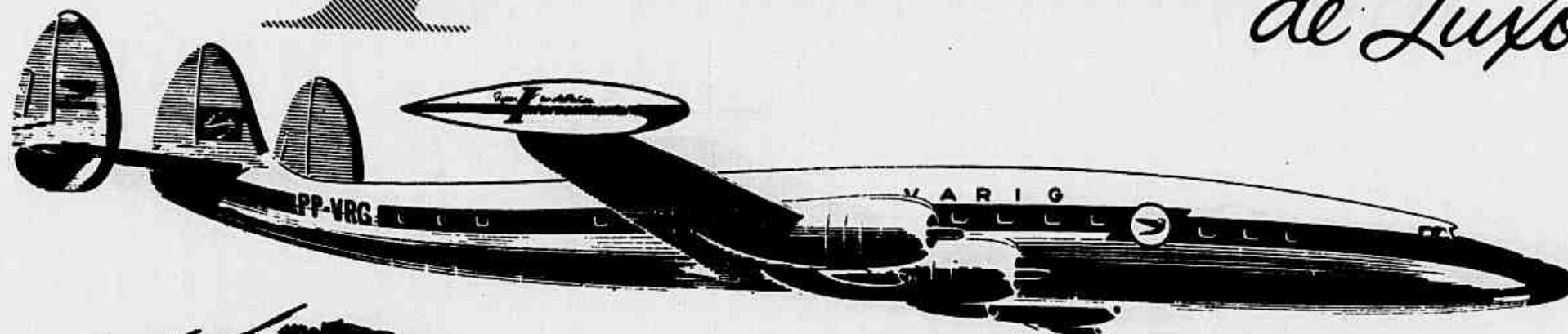
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas «sleeperettes» e um esmerado tratamento a bordo.

* Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. Diretor-Comercial: Joffre Amado. Diretor-Secretário: Aluizio Alves — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior. Cr\$ 900,000. Número avulso, Cr\$ 10,00.

A CAPA

Homenagem aos Campeões (Foto Arnaldo Vieira)

REPORTAGEM

De volta os Campeões do Mundo	4
Carnaval no meio do Semestre	11
Perseguindo a Copa	19
Afinal, o Caminho da Vitória	43
Gilmar não engole frangos	51
Recife Recebeu os Campeões com frevo e chuva	62

NOVELA POLICIAL

O Mistério do Arayado	26
-----------------------	----

CINEMA

Oklahoma!	30
-----------	----

LITERATURA

O Homem Alto	34
--------------	----

MODAS

O Estilo Suéter	38
-----------------	----

SEÇÃO

Encontro com Chuck	55
--------------------	----

HUMOR

A embriaguez da vitória (Marius)	58
----------------------------------	----

DEPARTAMENTO ESPECIALIZADO

Soninha voltou famosa ganhando a chave da cidade	59
--	----

CRÔNICA

Campeonato	66
------------	----

Este número, especialmente dedicado aos nossos patrícios, campeões mundiais de futebol de 1958, é também o das comemorações do aniversário da REVISTA DA SEMANA.

JÚNIOR DIZ ADEUS À GÁVEA...

Crônica de GUIMA

É de garoto que se verifica a preferência ou, melhor, a vocação: uns poucos repartem-se por basquete e vôlei, atletismo e tênis, remo e natação; outros, em número bem considerável, são das corridas de cavalos; e a grande maioria vai mesmo para o futebol. Pois Júnior pertenceu sempre ao grupo do meio — do turfe, “o esporte dos reis”, segundo a sua expressão um tanto pretensiosa, contra a qual a turma dos demais grupos levanta sérias dúvidas quanto à classificação de esporte, que será, talvez, para os “cavalinhos correndo”, nunca para os “cavalões comendo”.

Todos os domingos, portanto — que, antigamente, as carreiras eram somente aos domingos e feriados — Júnior alternava as atenções do Dérbi para o Jóquei, do Itamarati para São Francisco Xavier. E ia bem acompanhado, pelo pai. Que em matéria deste esporte, onde também entra caminhada aos guichês de apostas, é preferível que o aprendiz se faça assim às vistas e sob os conselhos de quem realmente deve segurar o leme da família.

Não se pense, porém, que Júnior não se interessava pelo futebol. Não. Como bom carioca, não poderia deixar de fazê-lo. De longe, através do noticiário dos jornais e das discussões no ginásio, acompanhava o desenrolar do campeonato; timidamente, é verdade, até se dava ao luxo de dizer-se torcedor do Fluminense. Por outro lado, não podia deixar de fugir à atração da pelada em que se envolviam os meninos da sua idade, chegando a integrar o time da rua Dulce, no Engenho Velho. E, modéstia à parte, não fazia feio, na sua posição de ponta-direita.

Explique-se, pois, que, só por ouvir, Júnior sabia da existência de um Fortes e de um Moderato. Seus conhecidos, mesmo, eram o Tanguari, o Apronto e o Leblon — este, um cavalinho preto com o zabala de blusa rosa, que todos os meses arranjava uns pareozinhos à feição no Dérbi.

UM dia, entretanto, aconteceu algo na vida domingueira do nosso herói.

Estava aqui um time uruguaio — o do Rampla Juniors, se não me engano — e, por uma necessidade qualquer de antecipação da hora de saída do navio, o jogo contra o selecionado brasileiro teve que começar cedo, na parte da manhã. Isto é, Júnior ficou em condições de assistir à partida, para a qual fôra convidado, sem prejuízo do programa normal do Jóquei, que seria cumprido à tardinha. E lá se foi ele a São Januário, pela primeira vez.

Acompanhou as jogadas, vibrou com a vitória dos nossos e, principalmente, sentiu-se envaidecido de haver visto aqueles tantos campeões, cujos nomes enchiam a boca dos seus companheiros de classe: Amado, Grané, Del Débio, Serafim, Amilcar, Ministrinho, Nilo, Teófilo.

Houve mais um detalhe, que marcou o encontro: Amado, goleiro, inventou (creio que é isso mesmo: foi ele que inventou e neste jogo) de atirar-se aos pés do adversário em carreira, para arrebatá-lo a bola dos pés. Resultado: levou um chute na cabeça, que o mandou para fora do campo, sendo substituído por Jaguaré, um mulato sestroso, pertencente ao Vasco.

Tudo isso, Júnior contava com ar superior.

Mas as suas preferências não foram afetadas: ele continuou do turfe.

POR isso mesmo, ele hoje conta, pelos dedos, os outros jogos de futebol a que assistiu: um Flamengo x São Cristóvão, terminado em dia comum da semana (sem corridas, portanto), para completar a partida iniciada no domingo anterior e interrompida porque desabaram as arquibancadas do campo — quando, entre os rubronegros, formava gente famosa da altura de Domingos, Leônidas, Jurandir; um Arsenal x Vasco, numa ocasião em que não havia este churrilho de encontros internacionais e era significativa a presença da turma inglesa. Mesmo na Copa do Mundo de 1950, Júnior só compareceu uma vez, na tarde dos 6 a 1 contra a Espanha. No 16 de julho, domingo, foi mesmo para o prado da Gávea, fiel à rotina. E pôde ver um castanho paulista, ínclito, tirar o cartaz do craque uruguaio Luzeiro, como que dando a forra do que se passava no Maracanã. Embora uma forra bem tôla, concordo.

Mas no último domingo de junho passado, quando a rapaziada de Feola se tornou gigante dentro do campo, conseguindo aquela vitória máscula que faria trazer a Copa Jules Rimet para estas bandas de Santa Cruz, Júnior sofreu junto ao rádio, entrou no côro “Brasil! Brasil!” e ficou rouco. Por isso, nem teve voz para xingar aquele velho companheiro que lhe telefonou no dia seguinte, para estranhar a sua ausência no hipódromo e acrescentar que o Bequinho continua com mais vitórias do que o Rigoni, ora essa!

A "GARRA" DE 22 FAZ CHORAR(



AR(DE ALEGRIA) 60 MILHÕES !

NÃO FOI FERIADO. Nem precisou ser, aliás. Porque o ponto facultativo fechou as Repartições, o comércio e a indústria também cerraram as portas e a cidade inteira veio para as ruas, abrindo os braços para receber os campeões do mundo. Não foi feriado. Mas os ares tiveram um cheiro e um gosto de festa, Carnaval desceu na mudança do semestre.

A história começou no Recife, quando lá chegou, às 12 e 15, o avião da Panair que trazia os heróis brasileiros dos campos suecos. A chuva que caía torrencialmente não serviu de entrave à grande multidão que se concentrava desde as primeiras horas da manhã no aeroporto de Guararapes, e que rompeu os cordões de isolamento quando a equipe vitoriosa assomou à porta do avião — Belini à frente, sobraçando o troféu.

Palavras de Belini ao descer, impressionado com a grande manifestação :

— Parece mentira !

O governador e a esposa receberam os craques, e foi feriado na cidade, inteiramente ornamentada com faixas de boas-vindas. Vavá, pernambuco, teve recepção apoteótica e recebeu, à chegada, um beijo de Miss Pernambuco. Depois de três horas no Recife,

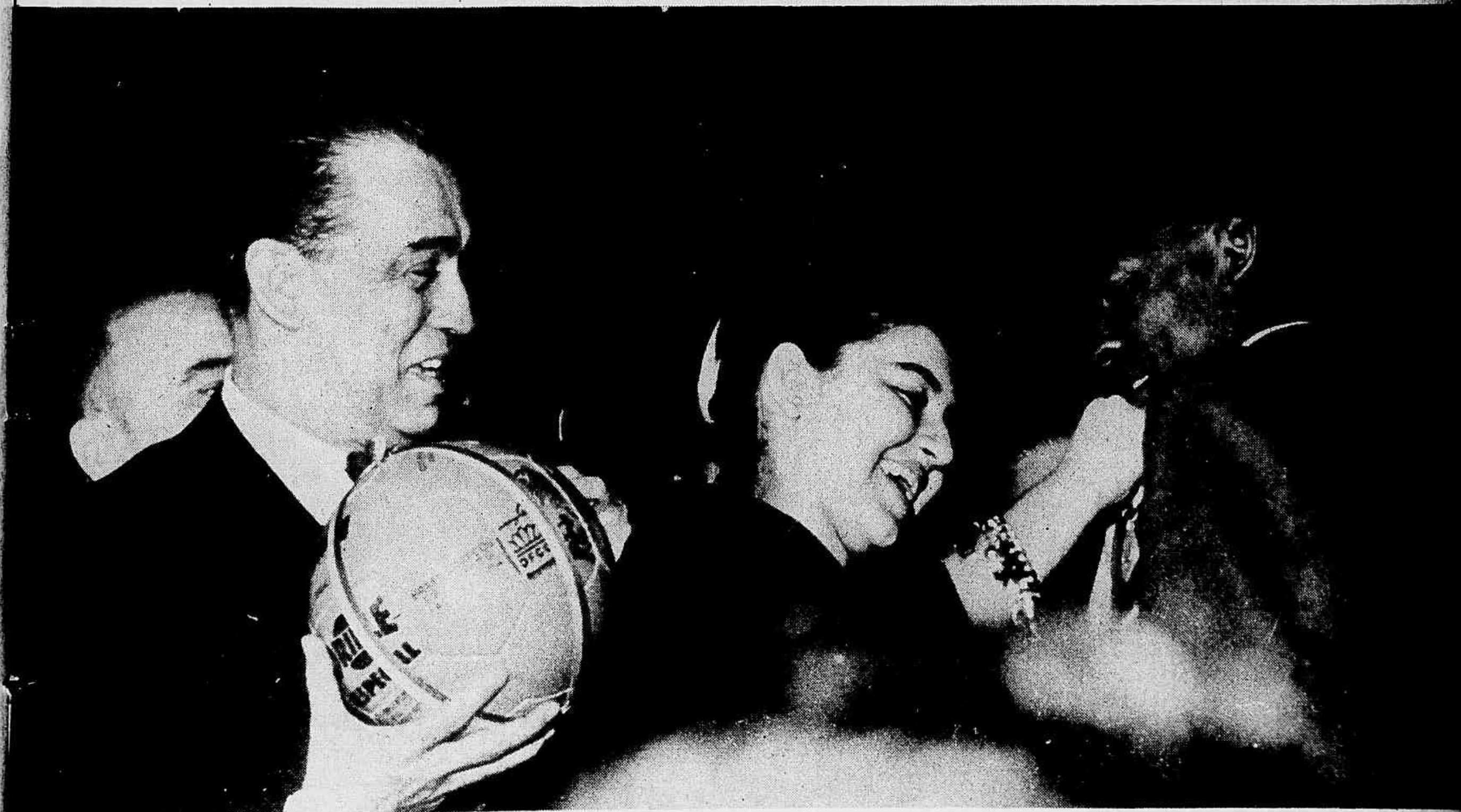
Fotos de **ARNALDO VIEIRA** e
VITO VASCONCELOS



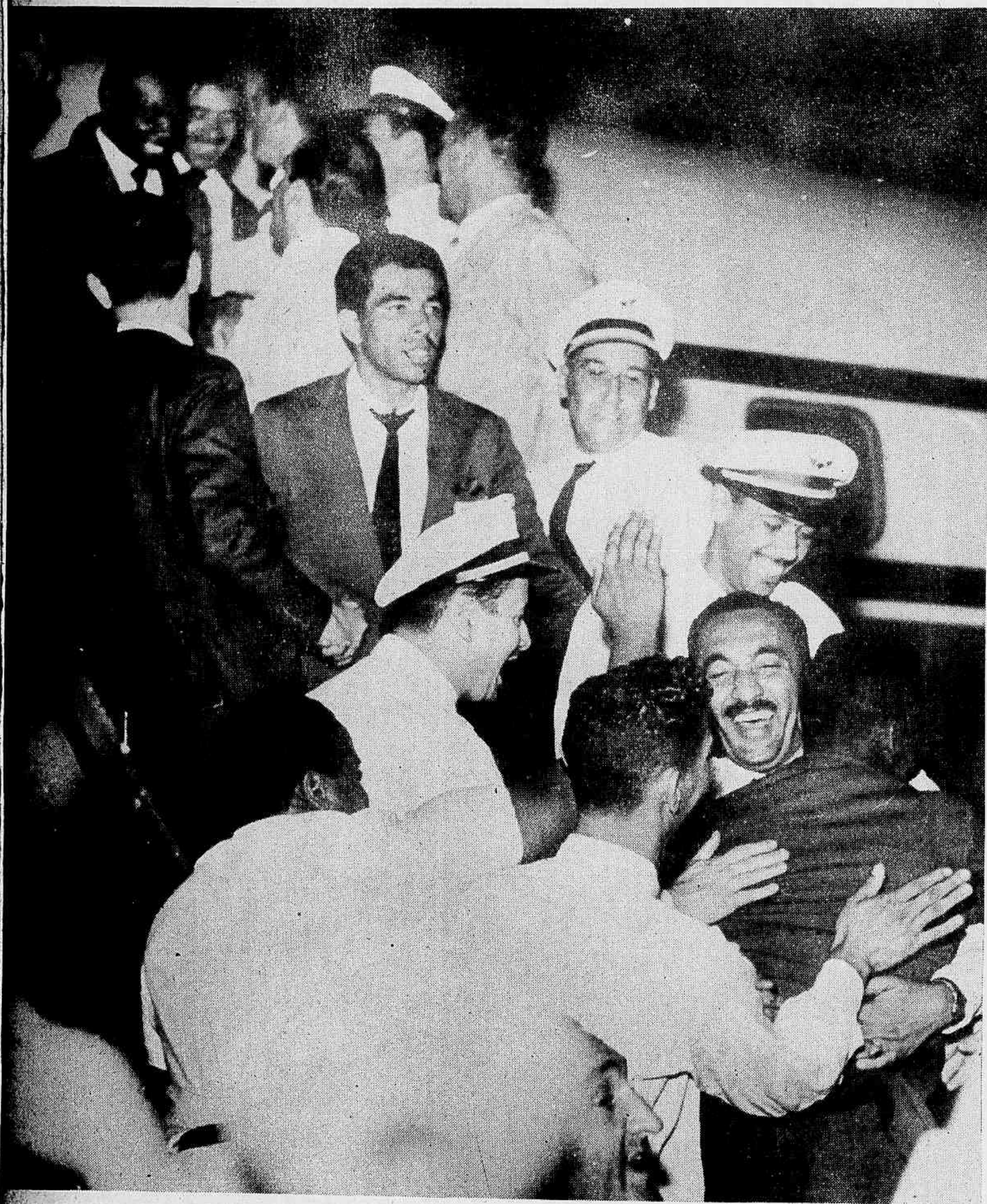




O Presidente Kubitschek, na solenidade da entrega das medalhas de ouro: "A vitória na Copa Jules Rimet é a afirmação de uma Raça."



No Galeão, iniciou-se o cortejo triunfal, que levou os Campeões do



partia o avião para o Rio, sendo acompanhado, a partir de Caravelas, por uma esquadrilha de aviões a jacto.

CARNAVAL NO RIO

No Aeroporto do Galeão e seus arredores — inclusive na ponte que liga a ilha do Governador ao continente — a multidão se comprimia numa expectativa ansiosa, desde às 10,30 da manhã, num número calculado em cerca de cinquenta mil pessoas, que foi crescendo com o passar do tempo. Como a chuva, no Recife, também aqui o sol ferz não fez diminuir o entusiasmo da multidão. E lá ficou ela, a aumentar cada vez mais, a cantar e a gritar o nome de seus heróis, até às 17 horas, quando chegou o avião.

No "hall" do Galeão, jogadores e parentes dos campeões, apenas reconhecidos, eram logo aplaudidos entusiasticamente. Lá estavam, entre outros, Ademir e Domingos da Guia — grandes heróis do passado — e que tinham ido levar o seu abraço aos colegas vitoriosos.

As notícias dos alto-falantes faziam a multidão delirar, eram novos motivos de vivas. A informação de que o avião chegaria, finalmente, às 17 horas, trazendo os craques, foi motivo de alvoroço. Um autêntico carnaval surgiu, espontaneamente, no "hall" do aeroporto, ao qual se juntavam lá fora, os ecos da multidão agora triplicada — gritando "vivas" ao Brasil e entoando marchinhas comemorativas:

"Eta, esquadrão de ouro,
E' bom no samba, é bom no couro!..."

No céu, aviões da FAB faziam evoluções.

DO GALEÃO AO CATETE — O MESMO DELÍRIO

Em todas as imediações das avenidas por onde devia passar o cortejo da vitória, o tráfego ficou, desde cedo, completamente

ões do Mundo em direção ao Catete.



congestionado e, atrás dos cordões de isolamento, a multidão se comprimia, compacta. Na Rio Branco, o povo inutilizava completamente o trabalho da guarda. Por todo o trajeto, faixas multicores, de lado a lado das avenidas, saudavam os Campeões do Mundo, davam à cidade um aspecto de festa. Os foguetes explodiam a todo momento, e a felicidade se estampava nos rostos, numa exuberância comunicativa.

Em toda a cidade — do Galeão ao Catete — era o mesmo entusiasmo. Talvez tenha sido, essa, a mais bela manifestação coletiva, popular e espontânea porque o Rio já passou. Milhares de populares, levando à lapela pequenas flâmulas auriverdes, agitavam bandeirolas, jogavam para o ar confetes e serpentinas.

Nos bares da Cinelândia, onde o povo fazia um autêntico carnaval, as mesinhas levavam, no gargalo das garrafas, bandeiras brasileiras, ao lado de capas coloridas das revistas, com o retrato dos craques. No céu, entre espoucos de foguetes, flutuavam balões auriverdes.



CHEGAM OS CAMPEÕES DO MUNDO

Finalmente, apareceu ao longe, no céu, escoltado por 16 jactos, o avião que trazia a seleção gloriosa. E a sua aterrissagem no Galeão, depois de sobrevoar duas vezes o aeroporto, foi um momento de emoção coletiva, que cresceu na ocasião em que se abria a porta, por onde saíam os heróis.

Ao som do "Avante, Camaradas", executado pela banda da Aeronáutica, sob o relampejo contínuo dos "flashes", o prefeito Negrão de Lima subiu as escadas do avião para receber, individualmente, os Campeões. E, depois de descerem os cronistas esportivos, surgiu, sob o delírio da multidão, Belini, empunhando a taça. Aos poucos, foram descendo os demais componentes do selecionado, entre eles o massagista Mário Américo, que trazia, sob o braço, a bola do jogo arrebatada aos suecos, e que dera a vitória ao Brasil.

Foram Zito, Pepe e Dino os primeiros craques a subirem ao alto do carro do Corpo de Bombeiros, que levaria, engalanado, a seleção brasileira na sua jornada gloriosa através da cidade, em direção ao Catete. Finalmente, iniciou-se o cortejo triunfal, precedido de trinta batedores da Polícia Especial, e viaturas da Polícia Militar.

Sob o delírio da multidão que aplaudia e gritava o nome dos seus craques, os dois carros que conduziam a seleção se afastaram lentamente, entre estouros de foguetes. A frente do primeiro carro, ladeado por Paulo Amaral, De Sordi e Castilho — todos en-

(Continúa na pág. 16)



1950

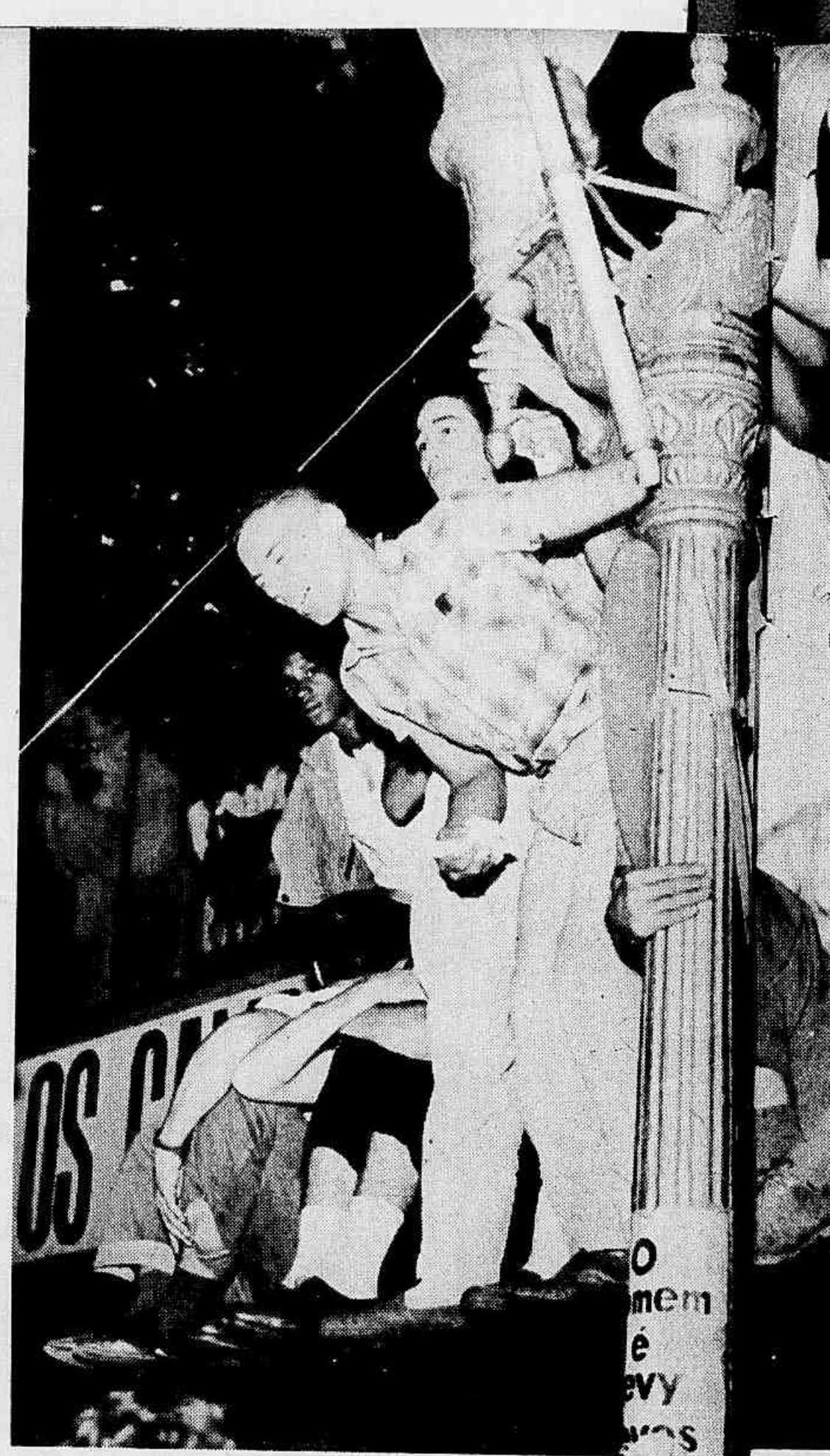
CARNAVAL

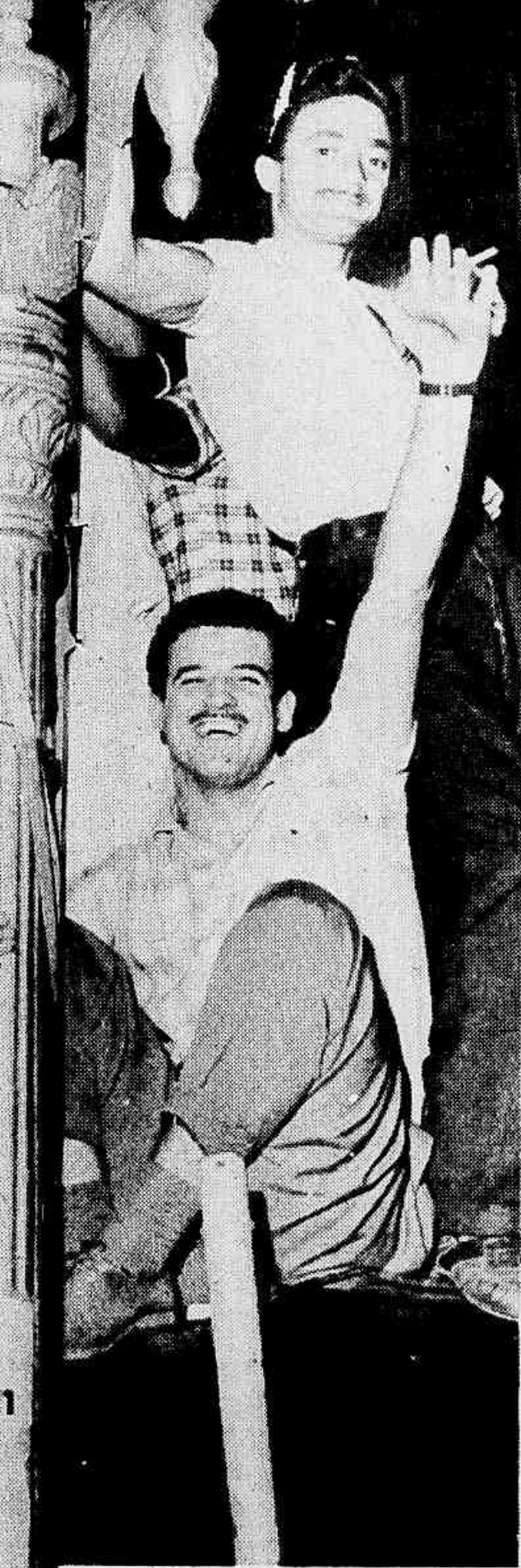
1958



AVANÇADO, NA MUDANÇA DO SEMESTRE

Fotos "JORNAL DO BRASIL"

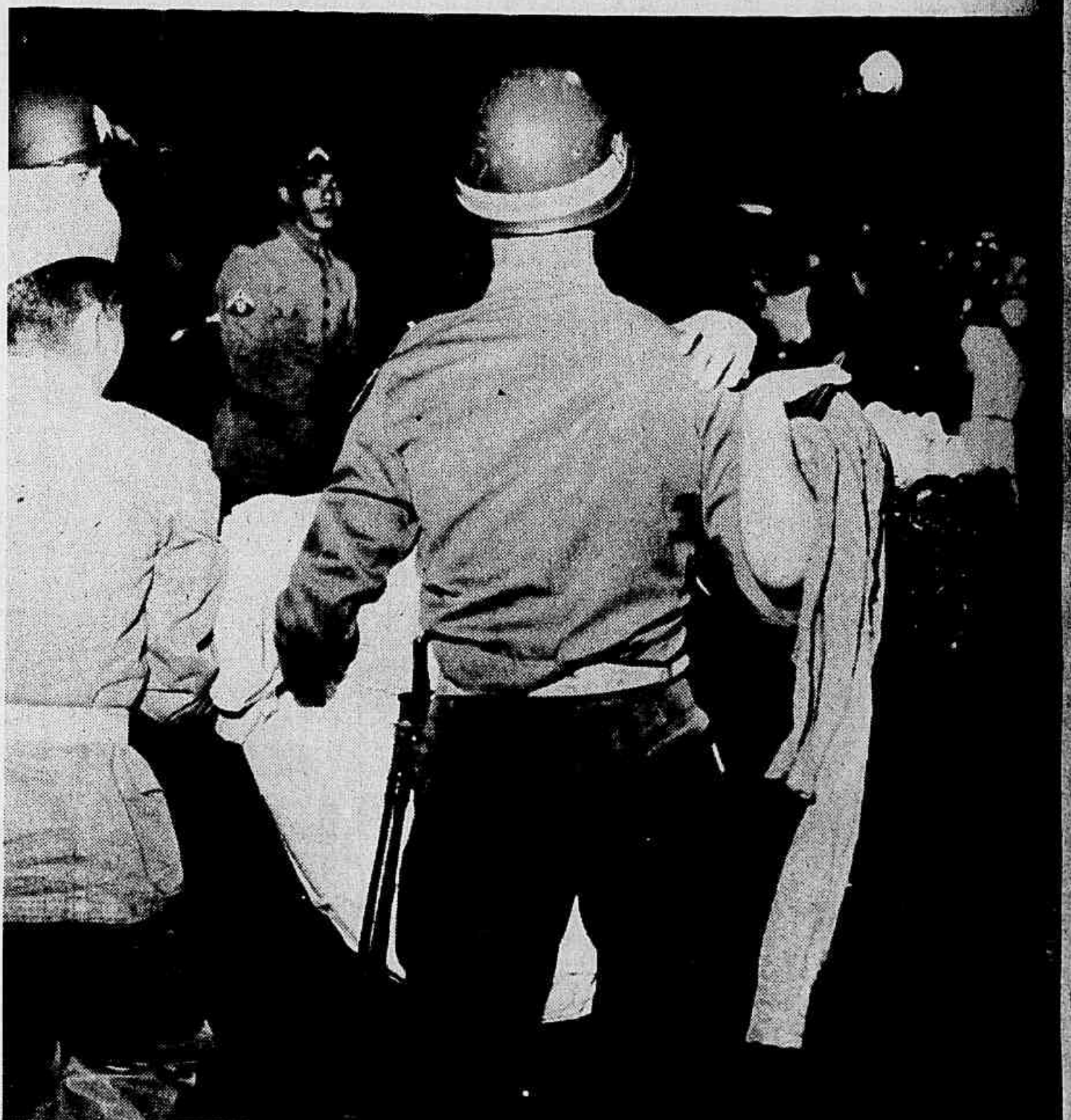
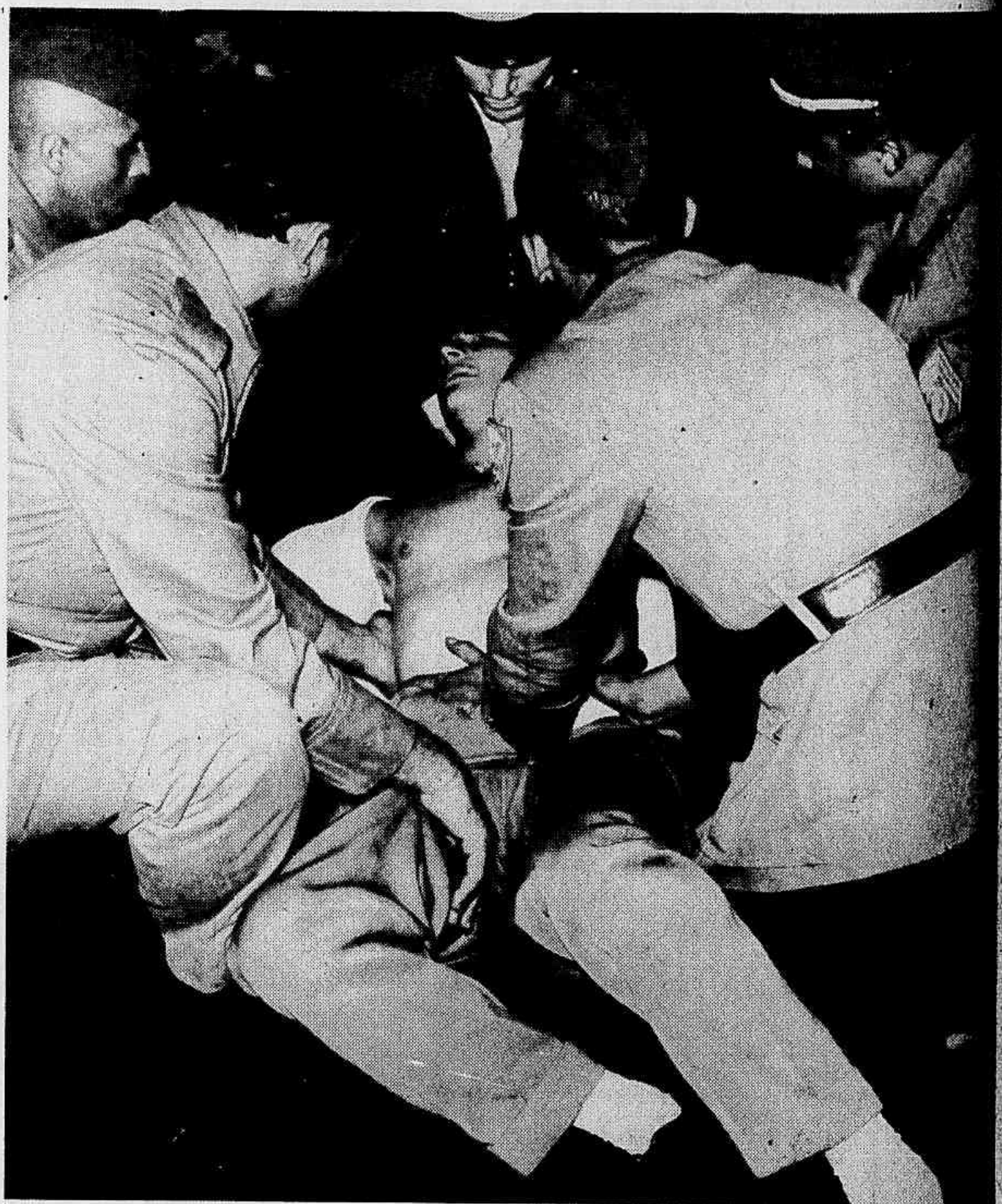




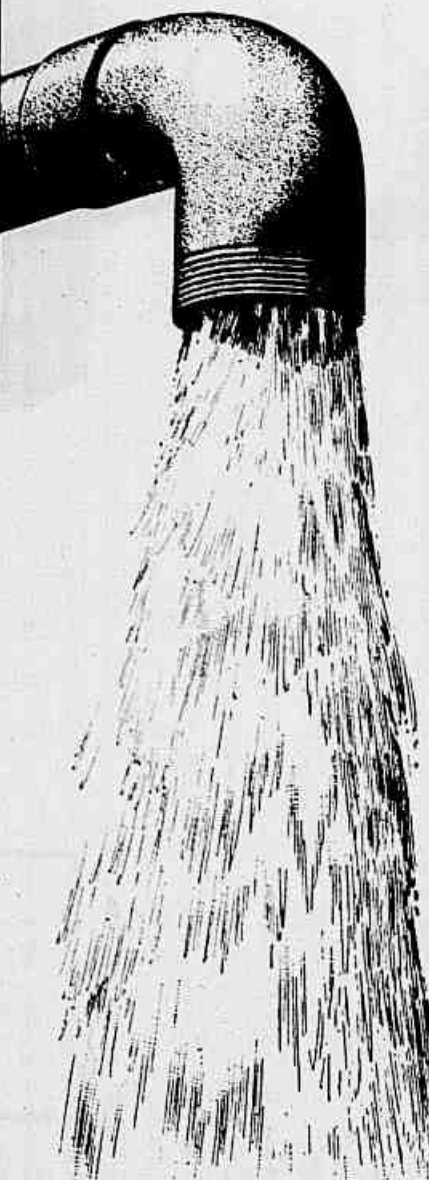
Na Cinelândia, os foguetes explodiam
a todo momento, e a felicidade se estampava
nos rostos, numa exuberância
comunicativa viva o Brasil !



Desmaios, choros,
correrias, nas longas horas
de espera. A guarda
era insuficiente para conter
o entusiasmo da multidão.



**ÁGUA
EM ABUNDÂNCIA**



O problema da água é facilmente resolvido com perfurações de poços, de 6" a 10" de diâmetro, obtendo-se milhares de litros horários.

Possuímos máquinas e pessoal habilitado, especialmente treinado na Svenska Diamantbergborrnings A/B, de Estocolmo, Suécia, para trabalhar em qualquer ponto do país.

CIA. T. JANÉR COMERCIO E INDUSTRIA

SEÇÃO DE ENGENHARIA "CRAELIUS"
Avenida Rio Branco, 99-11. - Tel: 23-5931 - Rio de Janeiro

IA-808

O uso do cheque proporciona **CONTRÔLE — SEGURANÇA — EFICIÊNCIA**

ABRA UMA CONTA NO

**BANCO FINANCIAL
NOVO MUNDO S. A.**

Um título de capitalização

ALBACAP

é sempre o certificado do espírito de previdência do seu subscritor.

ALBACAP

o melhor título dentro do melhor plano pela melhor Sociedade de Capitalização.



**ALIANÇA DA BAHIA
CAPITALIZAÇÃO S. A.**

Sede social: SALVADOR — BAHIA
Agência Geral: AV. PRESIDENTE VARGAS, 642
RIO DE JANEIRO

A GARRA DE 22...

vergando terno marrom e gravata verde — vinha Belini, empunhando gloriosamente o troféu de ouro maciço, cravejado de brilhantes.

RUMO AO CATETE

As 19 horas, passam as duas viaturas pela Avenida Brasil. Desviando-se, em seguida, para o cortejo diante da redação de "O Cruzeiro", onde é oferecido um coquetel aos craques (e onde cada jogador recebe, de presente, um relógio de ouro), seguindo depois para a Avenida Rio Branco.

Foi na Avenida, onde a multidão se concentrava desde as duas horas da tarde, num autêntico desvario, que teve lugar a mais apoteótica homenagem. O desfile atravessou a Rio Branco sob uma chuva de papéis picados e de serpentinas, sempre acompanhada do matraquear ininterrupto dos foguetões. Na Cinelândia, onde a massa humana se adensava ainda mais, o delírio alcançou o apogeu.

As nove horas, finalmente, chegava o cortejo ao Catete e, pouco depois, surgia no palanque presidencial, armado diante do Palácio.

"AFIRMAÇÃO DE UMA RAÇA"

Também ali, a multidão se deixara ficar, desde o meio-dia. Do mesmo modo que no Galeão e na Cinelândia, o quadro era impressionante. Desmaios e vários incidentes se verificaram nas longas horas de espera, e a enorme guarda policial se tornou insuficiente para conter o entusiasmo da multidão. Nas sacadas do Palácio, eram vistas altas personalidades do governo. Bandas de música do Batalhão de Guardas e da Polícia Militar, se faziam ouvir em dobrados militares e músicas populares, cuja letra era acompanhada pelo povo.

Vindo pela Silveira Martins e, depois, por um portão lateral situado naquela rua, a seleção atravessou o interior do Palácio onde já se encontravam alguns parentes dos craques. As 21 horas e 10 minutos, chegou ao palanque o presidente Kubitschek, acompanhado da família, do vice-presidente, do Cardeal Dom Jaime Câmara. E, minutos depois, iniciava-se a entrega dos diplomas e medalhas de ouro aos componentes do selecionado, sendo o primeiro a recebê-los, das mãos do Presidente da República, o dr. Paulo de Carvalho. Tendo desfilado no palanque os técnicos e delegados e demais componentes da delegação, foram surgindo finalmente, um a um, os jogadores que, sob o delírio do povo, foram recebendo os seus prêmios. O primeiro a recebê-lo foi Gilmar, seguido por Castilho e De Sordi, a eles se seguindo Djalma, e Belini. Além das medalhas e diplomas — Gilmar, Nilton Santos, Garrincha, Belini, Dida, Pelé, Zózimo e Didi receberam uma bola de futebol. As demais medalhas foram entregues aos craques pelas mãos de d. Sara Kubitschek, e de suas duas filhas, como também pelas do Vice-Presidente — Jango Goulart. As restantes, foram entregues pelo sr. Knut Bernstron, Encarregado de Negócios da Suécia.

Era o seguinte o texto do diploma, oferecido aos jogadores: "O Presidente da República, traduzindo o sentimento do povo brasileiro e considerando a importância dos esportes como afirmação do desenvolvimento e progresso das nações, confere a..... medalha alusiva ao título de Campeão Mundial de Futebol, conquistado em sua campanha imorredoura na Suécia, no ano de 1958. Ass. Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Terminada a entrega das medalhas e diplomas, o Presidente da C.B.D. anunciou ao microfone que aquela entidade oferecia, simbolicamente, ao Presidente da República, em nome de sessenta milhões de Brasileiros vencedores da Copa do Mundo, a taça "Jules Rimet". O Presidente exibiu-a, então, à multidão, pronunciando, por sua vez, um pequeno discurso de improviso, onde declarava ser a nossa vitória, na Copa do Mundo, "a afirmação de uma raça, que obterá muitas vitórias no presente e no futuro".

Encerrada a cerimônia oficial, precisamente às 21 horas e 45 minutos, a multidão, rompendo enfim os cordões de isolamento que a distanciavam do palanque oficial onde se encontravam os jogadores, para eles avançou, num delírio, pedindo-lhes autógrafos.

Assim se encerrou, no Catete, aquela festa da Vitória. Mas, em toda a cidade, as comemorações prosseguiram até meia-noite, principalmente na Cinelândia, onde houve um autêntico carnaval.

A arma secreta do "scratch"

GELÉIA REAL!



Faltou alguma coisa aos selecionados brasileiros que disputaram as Copas de 38, 50 e 54.

Os plantéis de virtuosos que disputaram os campeonatos do mundo foram indiscutivelmente ótimos. Lembramo-nos em 38 do excelente conjunto do ataque, — Hércules, a potência do «shut» feita homem, Leônidas, o «diamante negro», o «homem de borracha» que empolgou a platéia da França com suas jogadas originais e desconcertantes, — Perácio, o impetuoso meia, cabeceador emérito, Adilson, a ligeireza em pessoa, Carreiro, Romeu, Zezé Procópio, Zezé Moreira, Batatais, na mais excelente forma... Enfim... Torna-se difícil fazer comparações, mas atrevemo-nos a dizer que virtuosos por virtuosos àquele selecionado nada ficava a dever ao selecionado de hoje, detentor da Copa 1958.

Posteriormente, em 1950, da mesma forma, tivemos um «scratch» arrasador com a classe fulgurante de um Zizinho e a mobilidade estonteante de um Ademir.

Em 1954, na Suíça, nada se podia dizer em detrimento da classe individual e em conjunto dos nossos jogadores. Traiu-os, os nervos a, possivelmente a falta de preparo físico.

Tôda a imprensa comentando os inexplicáveis fracassos das equipes brasileiras era unânime em atribuir os sucessivos desastres, não às qualidades futebolísticas dos nossos homens, mas à falta de preparo físico, à fadiga, à falta de fibra (1950) e aos nervos.

Já a imensa torcida de sessenta milhões de brasileiros que têm no futebol o esporte cem por cento nacional, não mais acreditava no sucesso do onze canarinho. A maior prova disto é que aqui e em S. Paulo, técnico e jogadores foram vaiados. Esta é a verdade: vaiados. Propalou-se de boca em boca que o jogador brasileiro, na hora H, se desmancha, se consome, se esvai, se anula e desaparece com tôda a sua classe.

Mesmo diante dos primeiros resultados positivos tais como as vitórias obtidas contra os paraguaios e búlgaros e, posteriormente contra o Fiorentina e Internazionale, na Itália, a descrença continuou.

Mais do que isto. Agora alguns demasiadamente otimistas e outros cujas emoções do futebol não atinge tão profundamente, a grande torcida brasileira refutava a vitória do Brasil, mesmo após a vitória indiscutível com a equipe valorosa da França. Mas, não a refutava como demonstração de incapacidade técnica do selecionado e sim como resultado fatídico do destino que sempre teimou em levar os brasileiros até àquele ponto decisivo para então tirar-lhe de um só golpe o degrau da fama de sob os pés.

«E' a emoção dos latinos», diziam uns. «São os nervos sul-americanos», diziam outros... «E' a falta de raça comentava a maioria...»

«A quelque chose l'heur est bon...» diz o ditado francês... Os dirigentes da CBD, com ouvidos voltados para a ressonância ininterrupta de todos esses comentários não descurou de mais esse aspecto importante para a preparação dos nossos atletas. Entre tantas outras providências uma das principais foi a separação, tanto quanto possível dos «cracks» das influências da imprensa e da própria família. Para isto o Dr. Carvalhais, médico psicologista foi designado. Desempenhou-se com invulgar sucesso, na tarefa de impedir influências externas sobre a moral dos nossos homens, afinal de contas latinos... e que não devem se envergonhar de ter nervos, mas, ao invés disto, serem ajudados a controlá-los, pois os nervos que roubam a vitória, podem trazê-las também quando orientados no sentido de conquistá-la.

O Dr. Hilton Gosling cuidou da terapêutica. Queria um regime alimentar capaz de garantir uma revitalização constante e adequada ao dispêndio de energias dos atletas. Queria ao mesmo tempo um tranquilizador de nervos capaz de ajudar o trabalho psicológico de seu colega Dr. Carvalhais. Apelou para a Geléia Real, cuja fama veio-nos da Europa à galope. Dois dias antes do embarque Dr. Hilton Gosling recebia dos fornecedores, a título de contribuição, vinte e cinco caixas de Api-Cure para serem dosadas nos vinte e dois jogadores e mais no Mário Américo e Paulo Amaral.

Dessa vez não houve fadiga, não houve esgotamentos nervosos, não houve nostalgia... não houve nada disto. Houve sim, a Copa 58, e por trás dela, Havelange, Feola, Paulo de Carvalho, João Carvalhais, Paulo Amaral, Mário Américo, Nascimento, vinte e dois leões do futebol... e... geléia real em penca.



Dr. Hilton Gosling, ao receber do sr. Raphael Lange as caixas de Api-Cure



Paulo Amaral recebe do representante instruções para o uso da Geléia Real.

PERSEGUINDO



1938: modéstia à parte, já “pintávamos” como os maiores

PARECIA MENTIRA. Mas os locutores continuavam se esgueando: Belini levantava sobre a cabeça uma pequena taça de ouro para mostrar ao Mundo quais eram os campeões. E Centro, Zona Norte, Zona Sul, no Rio e o Brasil inteiro explodiam num Carnaval inesquecível. Alguns incrédulos, julgando-se personagens de um sonho, ainda colavam os ouvidos no rádio; mas era fato: volta olímpica ao gramado em delírio, Rei da Suécia cumprimentando as majestades do futebol, o povo sueco, grande povo, aplaudindo arrebatado um quadro que desde os primeiros instantes da Copa portara-se como um legítimo campeão. O Brasil vencia uma batalha de 28 anos.

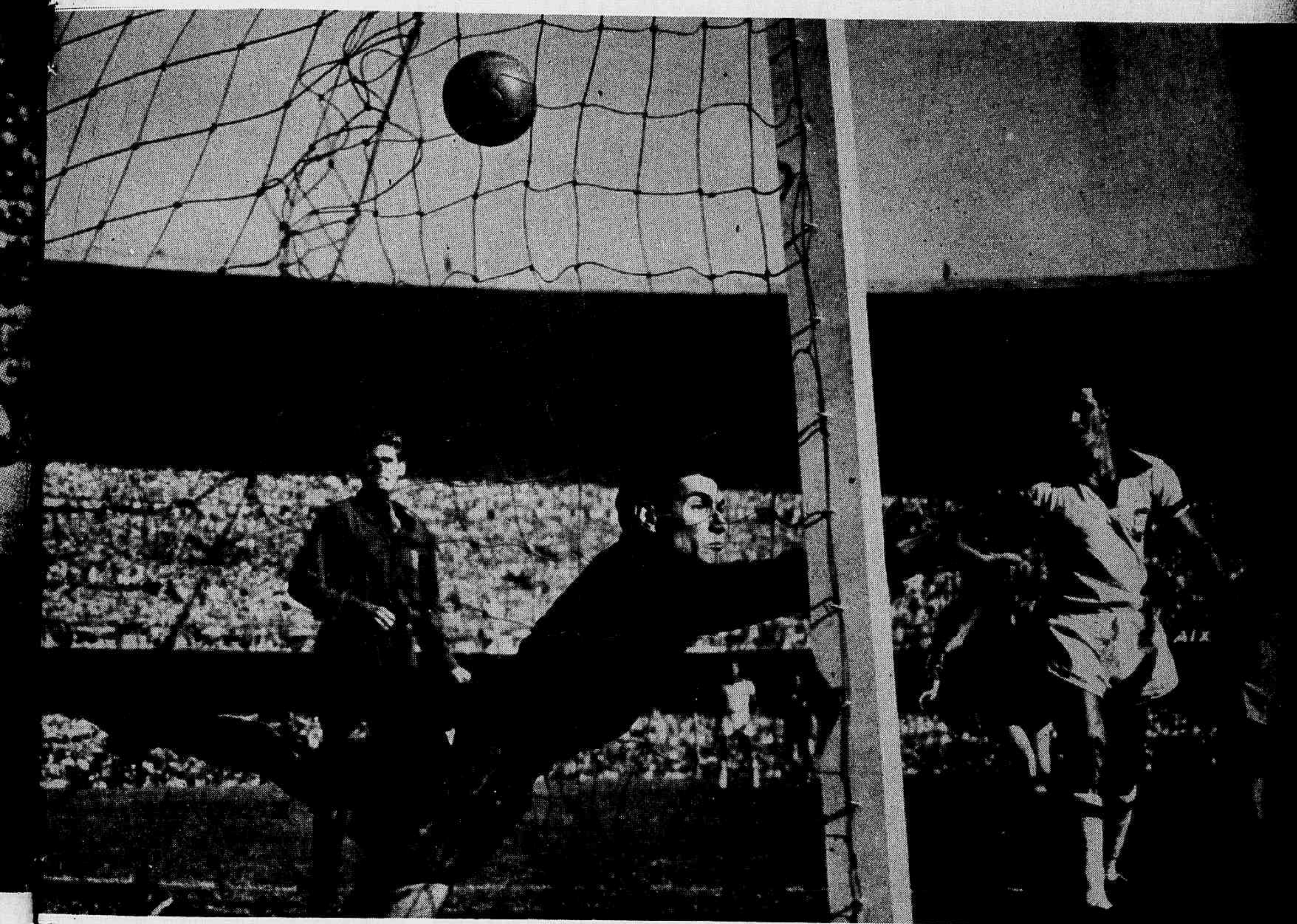
Desde 1930 que todo o mundo esportivo percebera que o jogador brasileiro não era um jogador como os outros. Tinha alguma coisa de sobrenatural, era um feiticeiro que escravizava a bola. Mas na I Copa do Mundo a luta apenas começava. Vencíamos a Bolívia por 4x0 com dois goals de Prego e dois de Mo-

derato. Entretanto, os bravos Joel; Brilhante e Itália; Hermógenes, Fausto e Fernando; Poli-Nilo-Araken — Prego e Teófilo caíam diante da Iugoslávia por 2x1, num jogo duríssimo, em que Prego marcara o nosso gol de honra.

Em 1934, na Itália, éramos eliminados pela Espanha, por 3x1. A derrota valera a desclassificação. Jogamos com Pedrosa; Silvio e Luiz Luz; Tinoco, Martim e Canali; Luizinho, Valdemar, Armandinho, Leônidas e Patesko. Leônidas foi o autor do nosso tento.

A Copa de 1938, realizada na França, há 20 anos atrás, estava destinada a ser o “trailer” do monumental feito de Estocolmo. Os azes nacionais já passavam a ser apontados como os mestres do futebol. No dia 5 de Junho, batíamos numa partida sensacional a Polônia por 6x5, na prorrogação, três gols de Leônidas, dois de Perácio e um de Romeu. Formamos neste dia com Válter;

A COPA



1950: a esta altura, contra o México, o Brasil ainda ia bem...

Domingos e Machado; Zezé Moreira, Martim e Afonsinho; Lopes, Romeu, Leônidas, Perácio e Hércules.

No dia 12, em Bordéus, empatávamos com a Tchecoslováquia por 1x1, gol de Leônidas. Brasil: Batatais; Domingos e Machado; Zezé, Martim e Afonsinho; Lopes, Romeu, Leônidas, Perácio e Hércules. No dia 14, na decisão, dois gols marcados por Leônidas e Roberto mandariam os tchecos para casa. Eis a seleção que venceu este jogo por 2x1: Válder; Jaú e Nariz; Brito, Brandão e Argemiro; Roberto, Luizinho, Leônidas, Tim e Patesko.

No dia 16 de Junho, perdíamos para a Itália, nas semi-finais, por 2x1. Atuamos com Valter; Domingos e Machado; Zezé, Martim e Afonsinho; Lopes, Luizinho, Romeu, Perácio e Patesko. Romeu marcou o gol nacional. E no dia 19, derrotando a Suécia por 4x2, conquistamos um bom 3º lugar, com Batatais; Domingos e Machado; Zezé, Brandão e Afonsinho; Roberto, Romeu, Leônidas, Perácio e Patesko. Leônidas, nosso famoso "Diamante Ne-

gro" foi mais uma vez o artilheiro, com dois tentos. Os outros dois foram feitos por Perácio e Romeu.

Fôra uma bela campanha a do scratch de Ademir Pimenta. Faltava-nos experiência em campeonatos internacionais, nosso preparo físico não era o ideal, mas futebol, jogo técnico e de classe, isto ninguém podia negar que tivéssemos. Até demais: para dar aulas.

Veio 1950. Construímos o Maracanã e patrocinamos a IV "Coupe Jules Rimet". Demos no México por 4x0, no dia 24 de Junho. Jair, Baltazar e dois de Ademir. O selecionado atuou com Barbosa; Augusto e Juvenal; Eli, Danilo e Bigode; Maneca, Ademir, Baltazar, Jair e Friaça. No dia 28 levávamos um susto no Pacaembú. 2x2 contra a Suíça, com Barbosa; Augusto e Juvenal; Bauer, Rui e Noronha; Alfredo, Maneca, Baltazar, Ademir e Friaça, tentos de Alfredo e Baltazar. Zizinho e Ademir marcariam os dois gols que nos classificariam no dia 1º de Julho, contra a



Iugoslávia. Barbosa; Augusto e Juvenal; Bauer, Danilo e Bigode; Maneca, Zizinho, Ademir, Jair e Chico, foram os heróis brasileiros desta grande pugna.

No dia 9 de Julho, goleávamos a Suécia: 7x1, Ademir quatro, Chico dois e Maneca um, com a mesma formação que vencera o time iugoslavo.

No dia 13 chegava a vez da Espanha ser arrasada: 6x1, mesmo quadro, tentos de Ademir dois, Chico dois, Zizinho e Jair.

E, finalmente, no dia 16 de Julho de 1950, guardávamos os tambores, as cuicas, os pandeiros, as flâmulas, faixas e bandeiras porque íamos celebrar a vitória. Por entre lágrimas víamos o troféu que parecia nosso desaparecer nas mãos vencedoras dos uruguaios!. O gol fatídico de Gighia selara a nossa sorte. Jogamos com a mesma equipe das duas partidas anteriores e Friaça foi o nosso goleador. Não havia dúvida: éramos os melhores do mundo, tínhamos um gigantesco controle de bola, driblávamos espetacularmente, atirávamos para gol com maestria. Mas éramos "vice".

Em 1954 perdíamos novamente a Copa ambicionada. Desta vez, na Suíça. No dia 14 de Junho passamos pelos mexicanos com firmeza, ganhando de 5x0, gols de Pinga dois, Baltazar, Didi e Julinho. Alinhamos com Castilho; Djalma Santos, Pinheiro e Nilton Santos; Brandãozinho e Bauer; Julinho, Didi, Baltazar, Pinga e Rodrigues.

No dia 19, um empate de 1x1 (gol de Didi) com a Tchecoslováquia, com prorrogação e tudo, valeu-nos a classificação para as quartas de final. O quadro foi o mesmo do jogo contra o México.

E no dia 27, a famosa seleção húngara nos batia por 4x2, encerrando a campanha do Brasil em 1954. Julinho e Djalma Santos

fizeram os nossos gols e o time formou com Castilho; Djalma Santos, Pinheiro e Nilton Santos; Brandãozinho e Bauer; Julinho, Humberto, Índio, Didi e Maurinho.

Se nos dois primeiros campeonatos não passamos de meros observadores, estudando os países calejados em disputas internacionais, já em 38 compreenderíamos que nada tínhamos a aprender. Pelo contrário: se alguma tarefa nos tocava era justamente a de ensinar ao mundo inteiro o segredo da arte futebolística. Onde um zagueiro como Domingos da Guia, um médio como Afonsinho, atacantes como Leônidas, Romeu, Perácio? Só faltava um preparo atlético mais cuidado e (principalmente) um sistema de organização mais adequado. No campo podiam deixar que a rapaziada resolvesse a parada. E começamos os longos preparativos para a jornada de 50. Meses e meses de estudos e convocamos o plantel. Vieram os treinos, Flávio Costa no comando. Os dias se passaram e o Brasil se engalanou para receber as delegações de todo o planeta que chegavam com poucas esperanças de vencer o Brasil em sua própria casa. Batemos o México e a Iugoslávia. Quando bailamos a Espanha e a Suécia, ninguém podia ter mais dúvidas. Outros não poderiam ser campeões. Nem seria justo. Bauer, Barbosa, Zizinho, Ademir e Jair abriam seus enciclopédicos compêndios de futebol e demonstravam por a + b aos mestres estrangeiros que eles ainda estavam no tempo da cartilha. Que futebol era aquilo que eles estavam vendo. Zizinho driblava a linha média adversária e entregava a Ademir, que passava pelos backs como um foguete e deixava a bola no fundo das rédes. Os cronistas europeus assistiram embasbacados

1950:

Barbosa

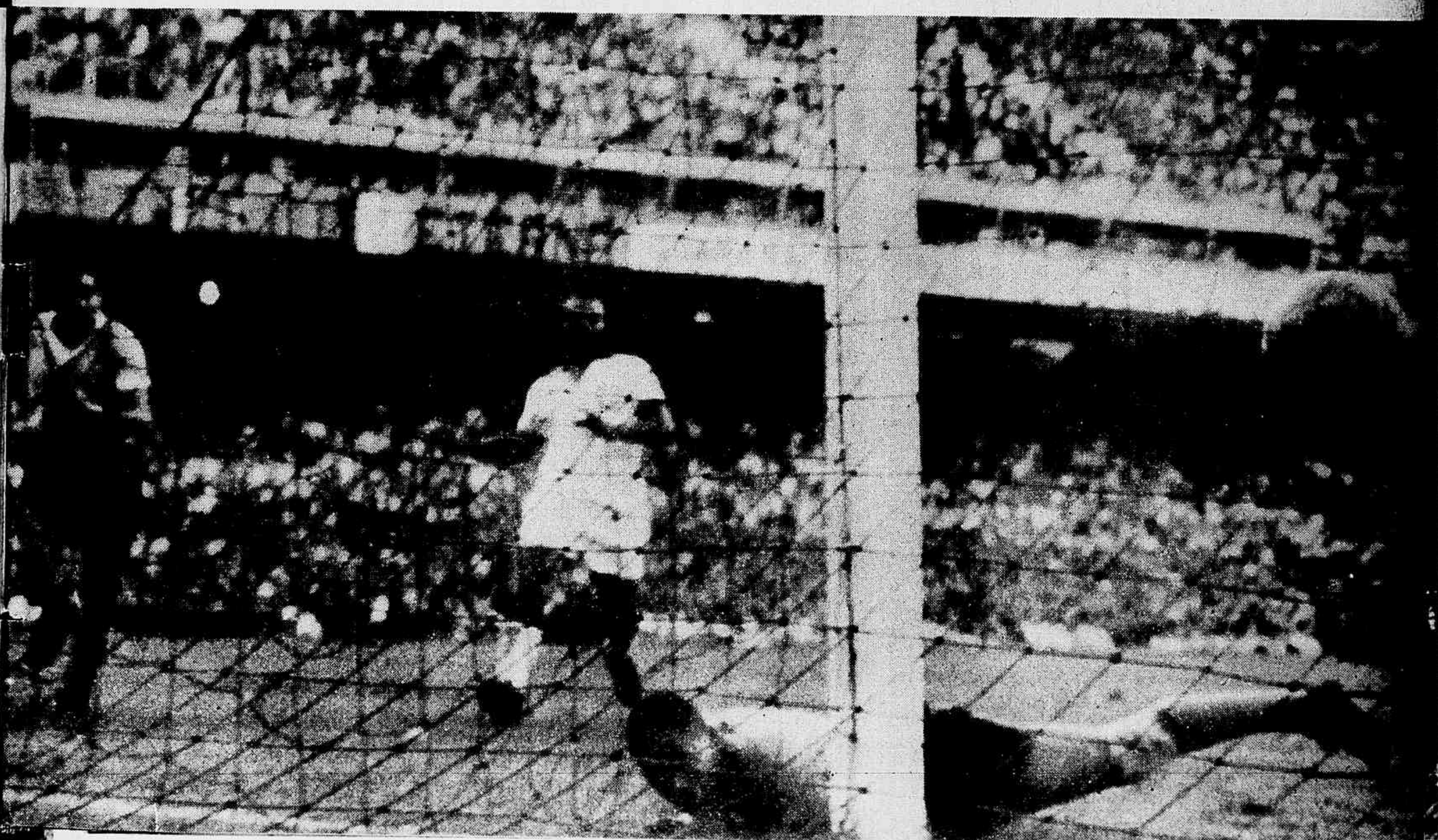
foi buscar

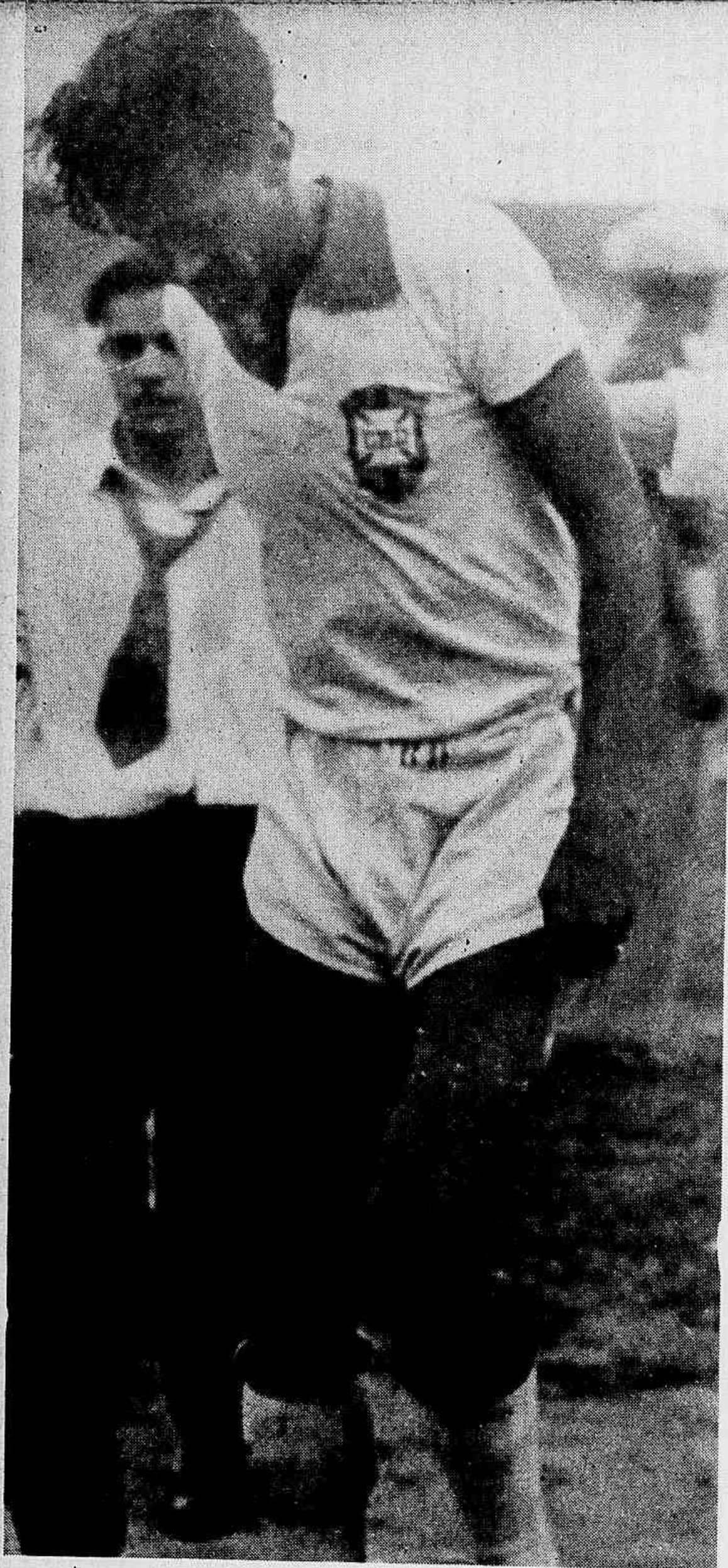
nas rêdes

as duas

bolas que nos

tiraram a taça





o baile de 6x1 contra a Espanha, ao som de "Touradas de Madrid" a 200.000 vozes. Mal refeitos do espanto não faziam mais do que balbuciar boas àquele futebol indescritível e à torcida entusiástica.

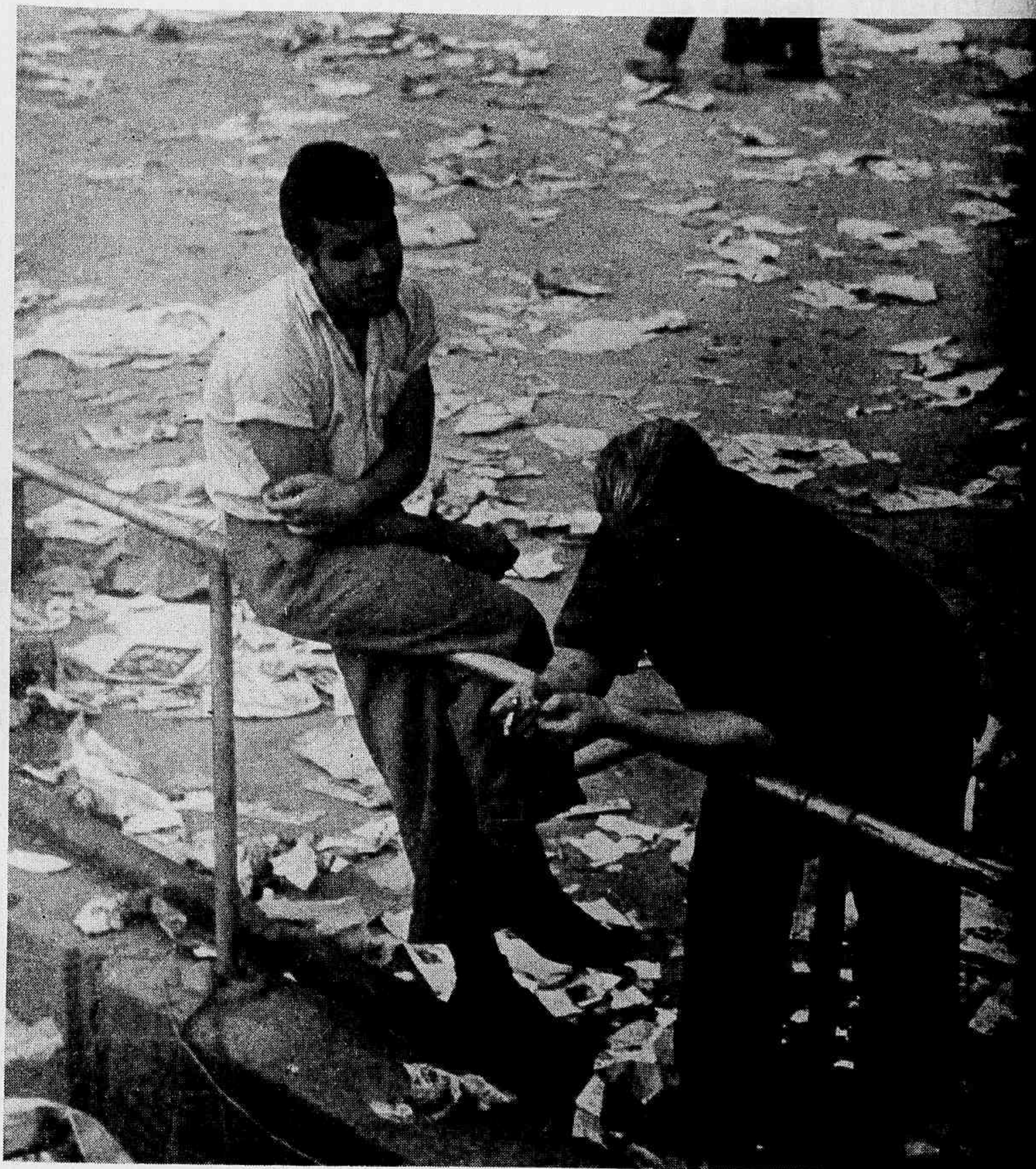
Mas, no triste 16 de Julho veio a catástrofe. Aquêles 2x1 contra o Uruguai somente hoje podem ser lembrados sem nos fazer sofrer. Porque hoje, gritamos todos os brados de alegria que ficaram travados em nossas gargantas, naquela infeliz tarde. Hoje, de cabeça erguida, sentamos num trono que já era nosso de direito, e do qual apenas os mitos e tábus nos separavam.

Mas, em 50, quanto sofrimento! De lá para cá, inconformados com toda a razão procuramos descobrir as causas da derrota, esmiuçar os detalhes mínimos das campanhas, achar o que estava errado, para que pudéssemos corrigi-lo. E nesta imensa pesquisa surgiram dezenas de considerados pontos fracos: era o cartolismo desenfreado, os turistas que passeavam por conta da CBD, técnicos incompetentes, ambiente de subestimação do adversário, e até a falta de "raça" dos jogadores. Dizia-se que se acorrvavam diante dos adversários. Mas, na verdade, o que não conseguimos era esquecer aquela derrota. Não tivemos o bom senso de desculpar o fracasso de 50. Admite-se que a dor era muito grande para que fôsse perdoado um golpe tão violento. Mas er-

ramos, tentando explicar uma derrota em si mesmo injustificável. Aconteceu e pronto. Falta de sorte.

O resultado da interminável revisão da "derrota de 50" é que as coisas pioraram muito. O jogador brasileiro, que nunca tivera medo de nada, à custa de muito ouvir falar, foi se convencendo que não podia competir com os outros em "garra". Os mesmos que afirmavam que faltava-nos autoconfiança, proclamavam as virtudes exponenciais de Obdúlio Varela e de Schiaffino, como se os brasileiros fôsem múmias dentro do gramado. Depois descobriram os esquemas. "Isso" — diziam — "é que vai salvar nosso futebol". "Nossos jogadores são incorrigíveis individualistas, prendem muito a bola, não tem inteligência suficiente para decidir uma partida por si mesmos. Vamos ensinar-lhes como jogar certo." Pior do que os "esquemas" não houve nada. Era uma verdadeira tortura assistir-se uma partida regional em 51 ou 52. O craque pegava a bola e olhava para a boca do vestiário esperando a instrução do técnico. "Atrase para o goleiro". E ele atrasava. Cada dia aparecia um sistema novo, "diagonal", um moderno, "marcação por zona último tipo", "espaço vazio", "4-2-4", e uma infinidade de táticas. O craque tinha que levar um quadro-negro portátil para o campo e repetir na hora do jogo as manobras que o técnico lhe ordenara tim-tim por tim-tim.

te 16 de julho, de tristeza e decepção, levando quase ao desespero



Conclusão: estavam despersonalizando e desmoralizando o profissional brasileiro. Não acreditavam mais na sua inigualável perícia, desdenhavam do seu "sangue". Tudo agora ficava nas mãos dos treinadores. Veio 54 e a disputa da Copa na Suíça. Aconteceu o que tinha que acontecer. Responsabilizados de antemão pelos fracassos (que então já eram previstos), com as cabeças estourando de táticas, os jogadores do Brasil perderam mais uma vez a "guerra".

Em 1956 partiria uma embaixada-suicida para a Europa, com a missão de fazer um novo reconhecimento do futebol de além mar. A palavra de ordem oficial era "vamos pegar cancha" mas, partindo não sabemos de onde, chegava uma voz que parecia dizer: "precisamos demonstrar ao público brasileiro que o nosso futebol é inferior ao europeu. Que não somos de nada." Realmente, as aves de mau agouro deviam continuar rondando nosso selecionado. Na delegação de 56 nada se fez de positivo para renovar os conceitos de nossa organização esportiva. Pareciam querer deixar tudo como estava: bagunça administrativa e disciplina tática. Jogamos em Milão contra a Itália. Perdemos por 3x0. Jo-

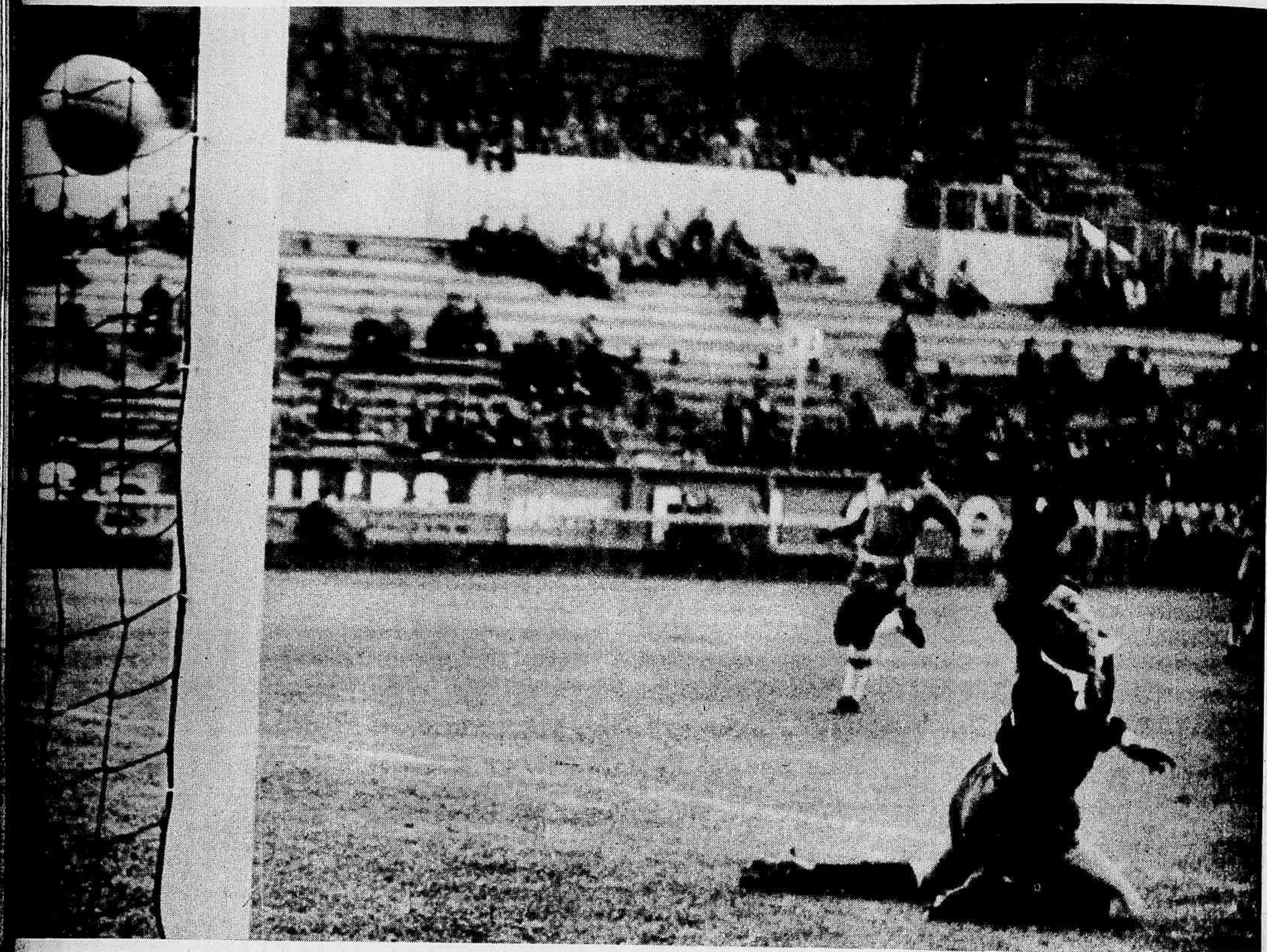
gamos em Londres contra a Inglaterra. Perdemos por 4x2. Os responsáveis pelo moral dos jogadores nacionais deviam estar satisfeitos, pois tinham feito o possível para que tudo saísse errado. Talvez até se orgulhassem de ter cumprido um grande dever: convencer ao público do Brasil que nossas seleções eram perdedoras — crônicas, e que isto era doença, tabu, e que não havia solução.

Mas estes cidadãos estavam muito enganados. O público não se convencia de coisíssima alguma. Discutia, pulava, brigava, pelo futebol brasileiro porque confiava em seu poderio e sabia que mais cedo ou mais tarde o Mundo se convenceria de que ele era mesmo "o maior".

Os trabalhos de Solich e Saldanha produziam seus frutos. Eles reintroduziam o padrão liberal de jôgo, aliando aos seus pupilos uma grande fibra, com um fino conhecimento humano. Reestruturavam-se os dirigentes. A revolução tomava impulso.

Partimos para as Eliminatórias da VI Copa do Mundo, e de 1958 na Suécia. Nosso adversário foi o Peru. Empatamos em Lima por 1x1 e no Maracanã, uma espetacular Fôlha-sêca de Didi nos

1954: mais uma experiência frustrada e a Copa vista de longe



deu o direito de tentar o Campeonato Mundial mais uma vez. Para o qual partiríamos cercados de reservas da torcida, mal imaginando que iríamos voltar depois de retumbante sucesso.

RETROSPECTO

O Brasil participou de todos os campeonatos mundiais. Em dois, apenas, conseguiu chegar à final em 1950 e 1958. Mas logrou classificar-se em 3.º lugar em 1938. O primeiro certame foi disputado em 1930 tendo como local Montevideu. O Brasil que não pôde contar com sua força máxima, face à ausência dos jogadores paulistas, foi eliminado pela Iugoslávia, no prêmio de estreia.

1930 — URUGUAI — Ao certame de 1930 compareceram 13 seleções: Uruguai, Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Peru, Paraguai, México, Estados Unidos, Bélgica, Romênia, Iugoslávia e França, divididas em quatro grupos preliminares, classificando cada um, uma equipe para as semifinais. Grupo "A" França, México, Chile e Argentina, os resultados foram os seguintes: França, 4x1 México; Argentina, 1x0 França; Chile, 3x1 México; Chile, 1x0 França; Argentina, 6x3 México e Argentina, 3x1 Chile.

Grupo "B" — Jogaram: Iugoslávia, Brasil e Bolívia. Eis os resultados: Iugoslávia, 2x1 Brasil; Iugoslávia, 4x0 Bolívia, Brasil, 4x0 Bolívia.

Grupo "C" — Contou com a participação de Romênia, Peru e Uruguai. Resultados: Romênia, 3x1 Peru; Uruguai, 1x0 Peru; Uruguai, 4x0 Romênia.

Grupo "D" — Formado pelos Estados Unidos, Bélgica e Paraguai. Foram registrados os seguintes resultados: Estados Unidos, 3x0 Bélgica; Estados Unidos, 3x0 Paraguai e Paraguai, 1x0 Bélgica.

Classificaram-se para as semifinais: Argentina, Uruguai, Iugoslávia e Estados Unidos. Nas partidas semifinais a Argentina derrotou os Estados Unidos por 6x1 e o Uruguai derrotou a Iugoslávia, por 6x1. Na final: preliaram Uruguai e Argentina cabendo a vitória aos uruguaios por 4x2.

1934 — ITÁLIA — A disputa da segunda "Copa do Mundo" contou com a presença de 32 países, reduzidos a 16 depois das eliminatórias. A Itália foi o local das fases finais. Concorreram: Alemanha, Bélgica, Espanha, Áustria, Holanda, França, Hungria, Romênia, Itália, Suécia, Tchecoslováquia, Argentina, Suíça, Brasil Estados Unidos e Egito.

Como sucedera no campeonato realizado em Montevideu, a equipe que representou o Brasil, na Itália, não expressava a força do futebol nacional. A crise em que se debatia o esporte brasileiro, dividido em duas facções, foi a causa.

(Continua na pág. 57)

BANCO RIBEIRO JUNQUEIRA S.A.

Sede: LEOPOLDINA — ESTADO DE MINAS GERAIS
F I L I A L: RUA DA QUITANDA, 72 — RIO DE JANEIRO
End. Tel. "RIJUBO" — Caixa Postal, 1200 — Tel.: 23-1961
Agência no Distrito Federal: RUA CHILE, 35 — Tel. 42-3454

DEPARTAMENTOS

EST. DE MINAS GERAIS	EST. DE SÃO PAULO	EST. RIO DE JANEIRO
Argirita		Areal
Belo Horizonte	Cachoeira Paulista	Barra Mansa
Bom Jeus do Galho		Cambuci
Caratinga		Campos
Carmo de Minas	Presidente Bernardes	Cardoso Moreira
Inhapim		Carmo
Itambacuri		Itaperuna
Minduri		Miracema
Morro Alto	EST. ESP. SANTO	Natividade do Carangola
Palma		Niterói
Patrocínio do Muriaé		Padua
Pirapitinga	Mimoso do Sul	Petrópolis
Porto Novo		Porciuncula
Providência		Portela
Recreio		Pureza
São João Nepomuceno	Muqui	Rezende
São Lourenço		São Fidélis
São Vicente de Minas		Sapucaia
		Volta Redonda

O MATE BRASILEIRO INVADE O MUNDO

Já se sabe, por longas experiências, que o uso constante do mate faz bem à pele, porque neutraliza e dissolve o ácido úrico, evitando as erupções epidérmicas e os achaques de artitismos. Os gaúchos, tanto no Brasil como na Argentina, Uruguai, Chile e Paraguai, fazem uso constante do mate e comem muita carne, desde o alvorecer, quando partem para as suas fainas campeiras. Entretanto, todos eles são ágeis, animosos, saudáveis, entrando pela velhice a dentro sem os reumáticos percalços. É sabido que o uso permanente da carne, só por si, seria um índice proporcionador de ácido úrico. Mas graças ao poder neutralizante do mate, o homem do campo corre nas suas sestras vaquejadas, zombando da inércia e do cansaço.

As populações do Sul do Brasil e daqueles países, que são inveteradas tomadoras do mate, dão-nos um exemplo eloquente da sua atuante vitalidade. E toda essa gente, ou todos esses povos, encontram no mate a sua bebida predileta, que é fonte inesgotável de bom humor, de energia e saúde. O mate, que foi bebida de guaranis e caingangues, passou do sertão para as cidades, e hoje pompeia, tanto em humildes choupas como em aristocráticos salões, do Brasil e das Américas. E já vai invadindo, vitoriosamente a velha Europa.

COMPANHIA DE SEGUROS ALIANÇA DA BAHIA

Seguros de Incêndio, Transportes e Acidentes Pessoais
CIFRAS DO BALANÇO DE 1957

Capital e Reservas	Cr\$ 297.441.555,90
Receita	Cr\$ 307.223.711,40
Ativo em 31 de Dezembro	Cr\$ 389.631.799,70

Sinistros pagos nos últimos 10 anos..... Cr\$ 375.974.702,40

Sede: SALVADOR, Estado da Bahia

Diretores:

Dr. Pamphilo Pedreira Freire de Carvalho — Presidente.
Dr. Francisco de Sá
Anísio Massorra
José Abreu
Dr. Jayme Carvalho Tavares da Silva

Agência Geral no Rio de Janeiro: Rua São José, 90-15º e
Rodrigo Silva, 7-loja — Telefone 52-6146
Gerente: Arnaldo Gross



O MISTÉRIO DO ARAYADO

M. B. ENDREBE

GEORGES MELLER estava caído sobre a mesa de trabalho, como se o sono o tivesse prostrado enquanto ele trabalhava no manuscrito, cujos folhetos emergiam de baixo do seu busto. Mas seu rosto, de olhos abertos, tinha uma expressão de ansiedade penosa.

André Beaumont contornou a mesa e inclinou-se sobre o cadáver. Isabelle, um lenço apertado de encontro aos lábios para dominar uma breve sensação de náusea, não deixava de observá-lo.

— Uma bala na fronte, disse o cineasta como se recitasse uma lição. A morte deve ter sido instantânea.

— Talvez, balbuciou a sra. Delancy, apoiando-se à beira da mesa. Talvez ele se desesperasse de sua peça?

Uma centelha irônica acendeu-se nos olhos de Beaumont:

— E ele se teria libertado desse... peso morto? Meu Deus, por que não? Que exemplo útil para os maus autores!

— O senhor está brincando!... Entretanto, o senhor o conhecia há muito tempo...

— E é talvez por isso que não me surpreendi nem me emocionei em demasia ao vê-lo acabar assim...

Apesar de tudo, Isabelle fez a pergunta que a angustiava:

— O senhor não acredita que se tenha tratado de um suicídio?

— Oh, não!

— Carradas de razões — a menor das quais é a de que não vejo Meller cometendo um suicídio dando um tiro na fronte esquerda, quando bem mais adequado seria a direita.

— Mas, se ele fosse canhoto...

Beaumont contentou-se em olhar para a sra. Delancy com evidente ironia. Depois, desviou os olhos para a biblioteca, que se achava por trás da mesa:

— Eu me pergunto — disse, percorrendo os títulos das numerosas edições de luxo — se furtaram alguma coisa...

— Deve existir um inventário da companhia de seguros — falou Isabelle, com os olhos fixos nas costas de Beaumont. Será preciso que eu pergunte à senhorita Moreau...

— Oh! inútil... a polícia disso se encarregará, acrescentou imediatamente o cineasta sem se voltar.

A sra. Delancy pareceu não alcançar, imediatamente, o que essa resposta implicava. Depois, a mão dela, procurando o suporte da mesa, colocou-se desastradamente sobre o revólver, que escorregou sobre o feltro verde.

— Atenção! disse Beaumont, voltando-se. Poderia disparar...

A sra. Delancy soltou um pequeno grito de espanto e afastou vivamente a mão.

— A polícia? perguntou ela. Vai ser preciso que eu chame a polícia?

Beaumont olhou-a fixamente:

— Talvez não, disse ele, afinal. Depois, parecendo querer prevenir qualquer outra pergunta, dirigiu-se, com duas largas passadas, até à janela.

A sra. Delancy viu-o, então, abaixar-se e apanhar alguma coisa que aparecia ao pé da cortina. Era uma folha de papel enrolada, que o cineasta desamarrotou cuidadosamente: Isabelle reconheceu a letra do sogro, mas estava por demais distante para poder decifrá-la.

Não ousando aproximar-se, perguntou:

— O que é isso?

Beaumont não respondeu, mas dobrou a folha em quatro e a pôs dentro do bolso do seu casaco:

— Se saíssemos? propôs ele. Eu não desejaria expô-la a um novo desfalecimento.

Lá fora, tudo estava de tal forma calmo e imutável, que a sra. Delancy, por um momento, julgou ter sonhado com essa visão de um homem caído sobre sua mesa de trabalho, com um orifício sombrio na fronte esquerda.

Beaumont tornou a fechar a porta do pavilhão e, sem hesitar, colocou a chave com a folha de papel no bolso do paletó. Depois, ao invés de se dirigir para a grande ala de árvores, deu alguns passos na vereda pela qual Isabelle tinha vindo, e imobilizou-se em frente à janela da biblioteca. Mergulhando as mãos nos bolsos da calça, o cineasta pareceu abstrair-se na contemplação do chão.

— O que é que há? perguntou a sra. Delancy com voz estrangulada. Mas, dessa vez, aproximou-se de Beaumont e viu o que prendia a sua atenção: eram duas impressões de sapatos — ou melhor, dois fragmentos de impressões, que estavam marcadas na terra móvel da platibanda.

— Curioso — ajuntou Beaumont, sem que Isabelle pudesse compreender se ele fazia alusão ao autor das impressões ou a elas próprias.

— São sapatos de homem, disse a sra. Delancy, que não chegava a desviar seu olhar da platibanda.

O cineasta aquiesceu:

— Pelo que se possa julgar, falou ele. Todavia, com a moda dos sapatos largos de esporte para as senhoras, não quero ser por demais afirmativo. Pena é que não tenhamos uma impressão completa.

— Sim, disse Isabelle, parecendo pensar em voz alta. Ele deveria olhar para o interior do cômodo... Apenas a extremidade das impressões subsistiu.

— Falta uma ferradura na ponta do pé direito, disse Beaumont. Muitas vezes, é bastante um detalhe semelhante para dar trabalho ao carrasco.

BE

er
as

aa
n-
e-
ra

a

m

a

-

n

r,

s,

s

e

s

.

-

o

-

s

e

a

-

a

-

a

-

a



MARIUS

Funcionário municipal

Entre outras
exigências,

A COMPANHEIRA SÓ TEM DIREITO À PENSÃO,

se fôr
habilitada
em vida
do contribuinte

Montepio dos Empregados
Municipais

Av. Presidente Vargas, 1248

MADEIRAS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

Albino Mesquita & Cia.

Rua Bela, 186 a 194 (Próximo ao Campo de S.
Cristóvão)

Telefones: 54-1937 e 54-3921 — RIO DE JANEIRO

COOPERATIVA DOS FUNCIONÁRIOS DO BANCO DO BRASIL

◆ Continua em franco desenvolvimento a «Cooperativa dos Funcionários do Banco do Brasil», dirigida com eficiência pelo sr. Manuel Tiradentes Vieira, Presidente da citada organização.

Superiormente orientada, tem como finalidade atender a todos os funcionários da nossa maior casa bancária, dotada que é dos mais modernos requisitos indispensáveis a uma instituição do gênero. Situada à rua Travesseira Dr. Araújo, 115, na Praça da Bandeira, além de um grande estoque das mais diversas mercadorias, conta ainda com um magnífico pátio de diversões, onde as crianças que acompanham os seus pais durante as compras podem divertir-se a valer.

E declarou :

— Creio que agora vimos tudo o que havia para ver. Vai ser preciso telefonar para um médico...

— ... e para a polícia, completou Isabelle, que não deixava de ter essa ameaça presente ao espírito.

Beaumont esboçou um leve sorriso :

— Não tenhamos pressa demais para a polícia. A porta está fechada a chave, a chave dentro de meu bolso. Não deseja a senhora evitar o escândalo em toda a medida do possível ?

— Com certeza! retrucou Isabelle com fervor.

— Portanto, é preferível combinarmos para adotar todos a mesma linha de conduta. Os outros estão a par ?

— Não. Recomendei a Bertrand que nada dissesse...

— O melhor, disse o cineasta à sra. Delancy, é que a senhora reúna todas as pessoas no salão, logo depois que o médico tiver constatado o falecimento. Ele poderá, sem dúvida, indicar-nos aproximadamente, a hora na qual a morte sobreveio e isso fixará as nossas idéias.

— O senhor crê que ele o poderá ?

Beaumont não pareceu ter ouvido e disse, segundo o fio do pensamento anterior:

— Eu me pergunto o quanto a notícia os surpreenderá.

CLAIRE ENGULIU a saliva com dificuldade: assim, o tio Georges estava morto! Todos têm de morrer, um dia ou outro, mas morrer assassinado, que fim horrível !

A moça estava dividida entre um sentimento de terror e uma intensa consolação. Consolação de ver aplainar-se, de maneira tão imprevista aquilo que, alguns instantes antes, continuava a preocupá-la no mais alto grau. Agora, se Lydia Moreau tivesse falado ao tio Georges, isso não tinha mais nenhuma importância. Em contraposição, havia horror daquilo que se ia seguir: a chegada da polícia, o inquérito...

Além da emoção que suscita toda morte violenta, Claire não experimentava nenhuma tristeza e não estava, mesmo, de tal modo surpreendida de que Meller tivesse perecido daquela forma. Recordava-se de ter ouvido dizer, muitas vezes, por sua mãe: "Georges acabará mal!"

Um assassinato, porém ?!...

Isabelle, esfregando nervosamente seu lenço, acabava de pôr ao corrente o resto dos hóspedes do Arayado, reunidos no vestibulo pelos cuidados de Bertrand. Beaumont não a tinha, uma única vez, interrompido para tomar a palavra. Esse silêncio a inquietava, e ela se indagava o que tinha em mente o cineasta quando lhe respondera que, talvez, não seria preciso chamar a polícia.

A sra. Delancy olhou o semicírculo de rostos atentos voltados para ela. Cada qual tinha reagido segundo seu temperamento ao tomar conhecimento da trágica notícia.

Jacques estava, certamente, furioso por Isabelle não o ter prevenido primeiro.

O rosto de Lydia Moreau apresentava extrema palidez e isso se compreendia, pensou Isabelle com satisfação malvada.

Nick tornara-se escarlate, como se as palavras da sua irmã o tivessem esbofetado. Mordia os lábios inferiores, cruzando e descruzando as pernas.

O quadro mais surpreendente era, talvez ainda, o oferecido por Juliette Livel. A convocação de Isabelle, transmitida por Bertrand, deveria tê-la surpreendido ao sair do sono, pois ela era a única que não estava vestida. Seu rosto sem maquiagem, com as sobrancelhas raspadas que não eram substituídas por nenhum risco de lápis, fazia pensar, pela palidez, em algum Pierrô prestes a representar, por gestos, a sua morte.

Apenas Anne, o olhar perdido num longínquo brumoso, tinha ficado totalmente impassível.

Quando Isabelle se calou, Beaumont falou, afinal:

— O doutor Anglade examinou o corpo e, pelo que possa pronunciar-se antes da autópsia, pensa que o falecimento deve ter sobrevivido entre onze horas e meia noite.

A senhorita Moreau teve uma exclamação sufocada, como se essa precisão ajuntasse algo ao já trágico e Nane, sem parecer interromper suas fantasias, observou suavemente:

— Durante a tempestade.

Beaumont lançou-lhe uma olhadela aguda e aquiesceu:

— Sim, durante a tempestade, e pode-se supor que o assassino quis aproveitar-se dessa circunstância...

— ... ou então, simplesmente do fato de que Meller se achava isolado no pavilhão? — sugeriu Jacques Delancy.

— Calemo-nos, ambos, e não falemos mais nisso — concedeu o cineasta marcando pouca importância ao que se emprestava à questão. — Agora — prosseguiu, acredito que faríamos trabalho útil e facilitaríamos, sensivelmente, a tarefa da polícia, se pudessemos apresentar uma situação nítida aos realizadores do inquérito.

— Como assim? — perguntou Isabelle, sempre presa da sua inquietude e imediatamente alertada por esse preâmbulo.

Beaumont voltou-se para ela:

— Muito simplesmente, esforçando-nos por nos recordarmos, o mais exatamente possível, daquilo que fizemos ontem à noite entre onze horas e meia-noite. Poderíamos estabelecer um quadro...

— O senhor lê romances policiais? — lançou-lhe Isabelle, que experimentava a necessidade de atacar para dissimular a sua ansiedade.

Algumas vezes, sim, sorriu o outro, e ocorre-me mesmo encontrar nêles interesse. Para voltar ao que eu lhes dizia, penso que um trabalho desse gênero evitaria ao pessoal da polícia as inevitáveis tentativas das primeiras horas. Vejamos um pouco... Suponho que, tendo-se em consideração a violência da tempestade, alguém dentre vós não tivesse, ainda, podido conciliar o sono?

— Mas, caro senhor, interrompeu-o Isabelle, não é aqui que o senhor haverá de encontrar o assassino!

— A senhora pensa? — respondeu o cineasta. De qualquer maneira, era preciso que ele conhecesse os hábitos de Meller.

Isabelle sentiu precisarem-se seus temores, enquanto Beaumont voltava-se para Jacques:

— O senhor, Delancy... o senhor estava, com certeza, em seu quarto àquela hora?

Sob o choque desse ataque brusco, o marido de Isabelle pareceu recuar em sua poltrona e gaguejou:

— Sim... isto é... Não... Eu... Eu estava no quarto da minha mulher.

A precisão pareceu interessar Beaumont:

— Sôzinho?

— Sim, disse por sua vez Isabelle. Estou esperando bebê, e Jacques ficou comigo, com receio de que eu ficasse impressionada com a tempestade.

O cineasta aquiesceu:

— Muito compreensível. Mas, onde quer que o senhor tenha estado, observou alguma coisa de particular, senhor Delancy? Idas e vindas? Um barulho anormal?

O arquiteto sacudiu a cabeça:

— Absolutamente, nada foi ouvido. E como o poderia, se a tempestade fazia tal alarido!...

— Sim, de certo modo. A senhora, também, não tem nada a assinalar, sem dúvida, minha senhora?

Um silêncio seguiu-se a essa pergunta e todos olharam Isabelle com surpresa. Ela decidiu-se, enfim, a falar:

— Sim, disse ela. Ouvi um grito... um grito de mulher.

Essa declaração foi saudada por exclamações variadas que Beaumont interrompeu logo, elevando o tom para retomar a palavra:

— Um grito de mulher, diz a senhora? Mas é muito interessante, isso... Será que, por acaso, a senhora poderia precisar a hora em que o ouviu?

— Não, eu não poderia dizê-lo exatamente. Parece-me que eram cerca das onze horas e meia, mas não posso certificá-lo.

O cineasta pareceu decepcionado:

— Hum... pena! Mas, penso que seu marido poderá, talvez, nos fornecer mais detalhes, pois a senhora, com certeza, lhe fez uma observação a propósito desse grito...

Isabelle sacudiu as pálpebras e disse vivamente:

— Não... O senhor vê, isso coincidia com um relâmpago particularmente deslumbrante e tão simplesmente pensei que uma de nós tinha sentido medo. Eis porque não formulei observação alguma a Jacques, assim como também, não liguei importância à coisa... Todavia, meu sogro tendo sido assassinado, preferi...

Beaumont aprovou:

— A senhora fez muito bem, minha senhora. Sempre nada, Delancy?

Jacques sacudiu a cabeça:

— Não, nada.

(Continua na pág. 46)

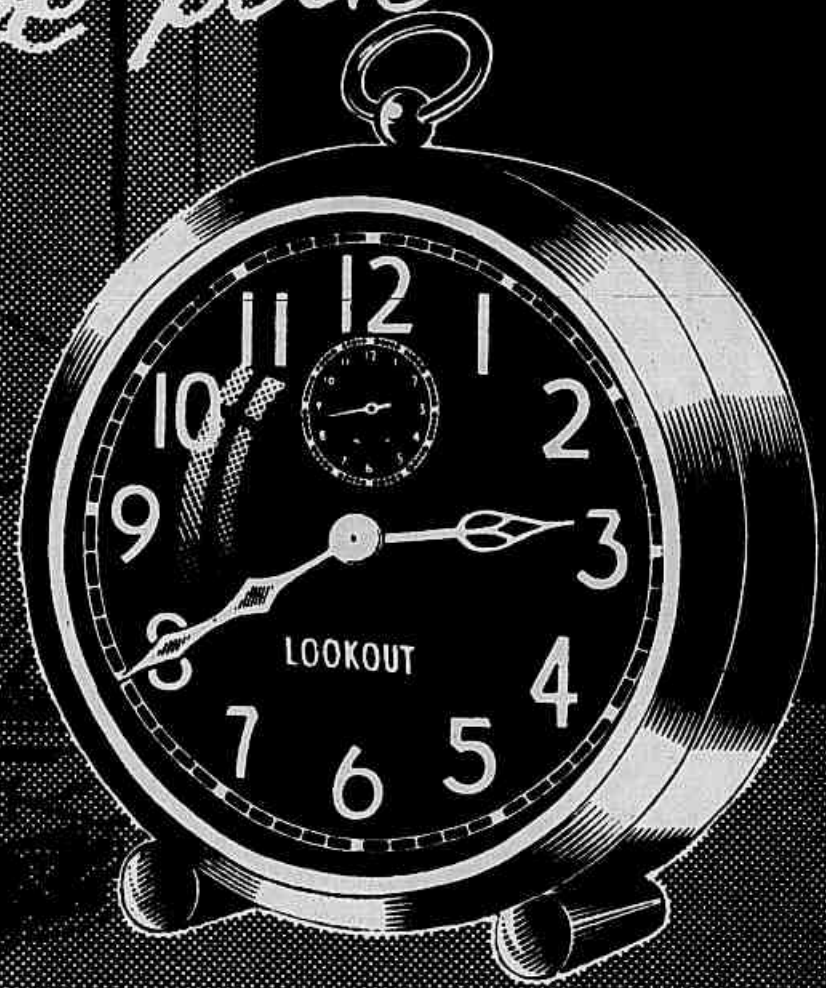
Ganhe prestígio...
mantendo a
PONTUALIDADE!



Despertador LOOKOUT

(LOOKOUT)

*É o maior que
você pode ter*



MOSTRADOR

grande com algarismos
visíveis à distância.
Modelo especial
fosforescente para
ser visto no escuro.

TOQUE

suave e firme, de uma
só campainha, para seu
despertar agradável.

TENHA O MELHOR TENDO LOOKOUT

Nas boas
relojoarias
do País

MÁQUINA

de grande robustez,
feita para resistir
aos choques e durar
muito mais tempo.

Para copa e cozinha
dormitórios coletivos
hotéis e pensões

★
Em cores modernas ou
niquelados
IDEAL PARA SEU QUARTO

CHARLES GUTMANN IMPORTADORA S. A.

Rua João Bricola, 46 - 1.º andar - Fone: 35-3159
Cx. Postal: 391 - End. Telegr.: "CHARGUT" - São Paulo

Vendas exclusivamente no atacado



OKLAHOMA

PRODUZIDO HA mais de dois anos, *Oklahoma!* — que só agora o público carioca vai conhecer — foi o primeiro filme feito em Todd-AO, mas a versão neste processo nunca saiu dos Estados Unidos, como aconteceu com a de *A Volta ao Mundo em 80 Dias*, a segunda produção em Todd-AO. No caso de *Oklahoma!*, as cópias exportadas são tôdas em CinemaScope.

A fita, que se inspira na famosa peça musical de Richard Rogers e Oscar Ham-

merstein II, apresenta Gordon McRae e Shirley Jones na cabeça do elenco, em que também sobressaem Gloria Grahame, Gene Nelson, Rod Steiger, Eddie Albert, Barbara Lawrence, Charlotte Greenwood, James Whitmore e Jay C. Flippen. O diretor escolhido pelos produtores foi Fred Zinnemann, com vários êxitos em sua carreira (entre os quais *Matar ou Morrer* e *A Um Passo da Eternidade*), mas que, até então, não havia tentado o gênero musical.

SHIRLEY JONES, GORDON MCRAE — "Oh, What a Beautiful Morning".





GORDON MCRAE, SHIRLEY JONES
"People Will Say We're in Love".



MCRAE, CHARLOTTE GREENWOOD
"All or Nothing".

A mais famosa peça musical
(cinco anos na Broadway)
finalmente na tela.

PORQUE A ESPERA DE 12 ANOS

A estréia de *Oklahoma!* na Broadway se verificou em 1943, com enorme êxito, tanto que permaneceu no cartaz até completar mais de 2.200 performances — cerca de seis anos, portanto. Vem, até hoje, na frente da lista das peças musicais de maior sucesso, como *South Pacific*, *O Rei e Eu*, *Guys and Dolls*, *Kiss Me Kate* e *Annie Get Your Gun*, todas já levadas à tela. E, por isso, também deveria ter sido filmada há mais tempo.

São os autores — Rodgers & Hammerstein — que explicam a razão dessa demora: "Não podemos esconder o afeto que sentimos por *Oklahoma!* Foi o início de nossa parceria. Em vista disso, custamos tanto a negociar os direitos de filmagem. Éramos contrários a confiar nossa primeira fantasia a outras pessoas. E só resolvemos o problema, formando uma companhia nossa. De modo que, se existe algum erro, não culpem a ninguém senão a nós mesmos. Assumimos toda a responsabilidade, o que não quer dizer, entretanto, que possamos intitular-nos produtores cinematográficos. A produção, em sua parte técnica, ficou a cargo de Arthur Hornblow Jr., de comprovada habilidade e larga experiência. E Fred Zinnemann, que dirigiu tantos filmes famosos, penetrou, através da história de *Oklahoma!*, no drama musical".

ROD STEIGER
"Poor Jud".

GENE NELSON, GLORIA GRAHAME
"I Can't Say No".





A dupla central é a mesma de outro filme baseado em obra de Rodgers & Hammerstein, *Carousel*, a versão musical de "Lilliom", de Ferenc Molnar. Gordon McRae, já em *Carousel*, mostrara progressos, inclusive fisicamente, porque deixava de ser aquele canastrão gordo que se via em pequenos musicais da Warner Brothers. Bonita e simpática, Shirley Jones, sempre à espera de romance, tem ainda boa voz — ninguém precisa cantar por ela.

No bom *supporting-cast*, Gloria Grahame está esfusiante como uma ninfomaniaca do campo e Eddie Albert tem o que, para muita gente, é o maior trabalho do filme, pela justeza da composição do tipo. Enquanto o drama não chega, ou mesmo depois de atingido esse clima, os atores, na quase totalidade, contam as melodias de Rodgers e as palavras de Hammerstein — e é Gene Nelson o que melhor dança.

E os números de dança, vale ressaltar, trazem a classe a sofisticação do estilo de Agnes De Mille, que criou todos eles na Broadway, doze anos antes. Alguns desses *ballets* continuam intactos. Outros, porém, não conservam a força primitiva, talvez porque tenham sido largamente imitados por outros coreógrafos que viram *Oklahoma!* ainda no palco e se deixaram influenciar pelas idéias da sobrinha do célebre diretor de *Os Dez Mandamentos*.

NÃO FOI FILMADO EM OKLAOMA

Basearam-se Rodgers e Hammerstein II no drama "Green Grow the Lilacs", escrito por Lynn Riggs. Neste drama, o autor, que nasceu em Claremore, Oklaoma, concentrou o espírito de seu estado, a exemplo do que fez, no humorismo e até na política, outro famoso filho de Oklaoma, talvez o mais famoso de todos: Will Rogers. A pena de Lynn Riggs deu vida própria aos personagens, os robustos pioneiros do antigo território.

Quando se anunciou que *Oklahoma!* não seria rodado em Oklaoma, a perturbação foi geral. Houve até o protesto veemente feito no Congresso pelos representantes daquele Estado. O governador de Oklaoma, W. W. McFarland, também protestou. As razões apresentadas pelos produtores do filme: "Oklaoma tem progredido tanto depois de se ter tornado Estado em menos de 50 anos, seu crescimento tem sido tão impressionante, que, por isso, estamos convencidos de que é impossível filmar *Oklahoma!* na Oklaoma de hoje".

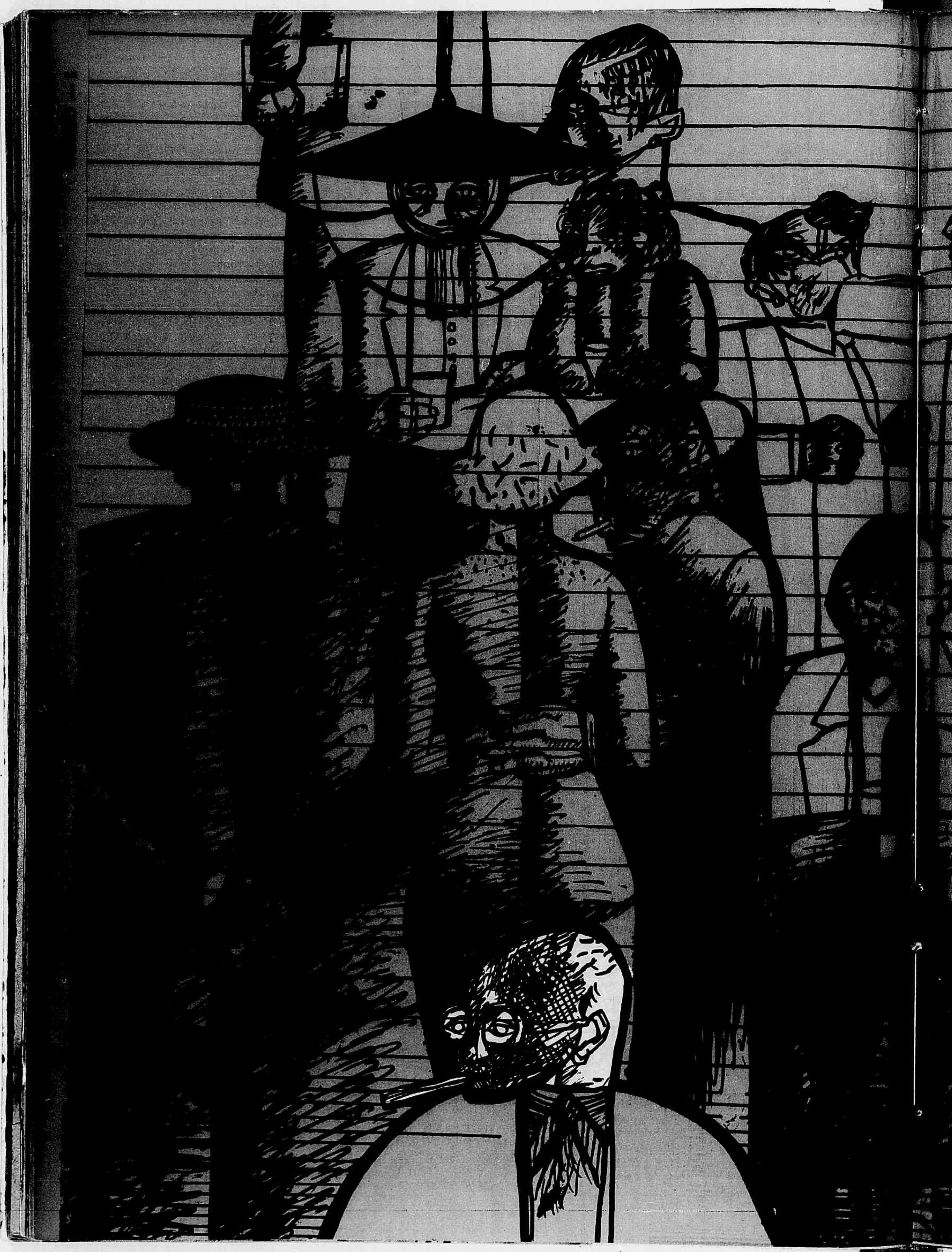
Apesar dessas ponderações, os mais influentes oklaomenses só ficaram mais tranquilos ao ouvir a opinião de Will Rogers Jr.: "Esperem até o filme ficar pronto. Não há outra maneira de se saber o que foi feito". E não houve decepção.

Quando a peça subiu ao palco, muitos anos atrás, notou-se que o público acolhia as canções como capazes de se converterem nas melodias mais populares da América e ainda em outras partes do mundo. Entre essas canções estão as intituladas "Oh, What a Beautiful Morning" e "People Will Say we're in Love", gravadas inúmeras vezes e por quase todos os maiores cantores. O *score* musical de *Oklahoma!*, entretanto, não obscurece a qualidade dramática do *libretto*, que todos consideram um dos mais trabalhados do gênero. Na versão cinematográfica, essa dualidade foi plenamente compreendida e reproduzida pelo diretor que se baseava numa adaptação feita por Sonya Levien e William Ludwig — como, aliás, Rogers & Hammerstein se basearam numa peça (desconhecida) de Lynn Riggs.

MÚSICA E DRAMA

Nos papéis centrais, Gordon McRae surge como o *cowboy* Curly e Shirley Jones é sua namorada Laurey. O drama se configura quando Rod Steiger, personificando um sinistro capataz, já não pode conter o desejo que a moça lhe desperta há muito tempo. Ao fim de várias peripécias — tôdas musicadas — McRae e Steiger se enfrentam para um duelo a faca, do qual o herói sai vencedor.







E' ANIBAL MACHADO um dos autores mais importantes de nossa ficção moderna. Trabalhos como «Tati, a Garôta» e «A Morte da Porta Estandarte», incluídos em «Vila Feliz», são, indiscutivelmente, dois pontos altos de nossa literatura contemporânea, e de presença obrigatória em tôdas as antologias do gênero. A presente novela, inédita, e que temos o orgulho de apresentar a partir de hoje, em capítulos semanais, com ilustrações de Poty — apresenta uma faceta bem característica da obra do escritor: através de um estilo espontâneo e de um humor suave, aborda Aníbal Machado um tema originalíssimo — que é, também, um grave problema psicológico — e que transcende à sua aparente simplicidade e pitoresco.

O homem alto

ANÍBAL MACHADO

DESDE MUITO me vinha preocupando o problema da minha estatura. Os anos passavam e, para cima eu não ia. Aos quinze encalhei para sempre em um metro e quarenta e cinco.

Tinha apenas essa idade e altura, quando meus pais me largaram sozinho no mundo. Morreram quase ao mesmo tempo. E eu fiquei a pensar: como conciliar tão mesquinho tamanho com as exigências da vida moderna? Como enfrentar a luta? Ah! por que não puxei a meu pai, tipo enorme!... Será que não sou seu filho?

Tive então que lutar dobradamente para compensar-me do que me faltava. Enquanto isso, homens altos e serenos passavam pela rua.

E dizer que éramos da mesma raça!...

Desde criança achava que devia ser bom parecer com eles. Perderia a leveza, é claro; mas ia ocupar todo o vão da porta, impor-me logo aos outros... e olhar de cima!

Foi no jogo de volei, quando pulava para cortar a bola e recebia aplausos, que comecei a sentir os primeiros efeitos de viver nas alturas.

Até então, admirava os gigantes que à tarde deslizavam pela calçada. Depois, quando perdi a esperança de crescer, tomei raiva deles.

Éramos um reduzido grupo de cinco ou seis, a partilhar os mesmos sentimentos. Todos de ridícula estatura. E todos querendo compensar a deficiência anatômica com atitudes que ainda mais a agravavam.

A princípio, silenciávamos sobre a nossa condição corporal; depois a formulávamos abertamente, só falávamos dela, e já em termos de defesa contra os grandes, de revolta contra o nosso destino. Era essa a base moral, para não dizer física, de nosso convívio.

Reuníamos-nos no bar do Nestor. Praticamente, éramos os donos do bar. Tivemos porém que largá-lo, devido a uma frase infeliz do dono, referindo-se a nós: — «Os tampinhas, hoje, ainda não apareceram». Gorgulho, o mais exaltado, sugeriu uma ação punitiva contra o boteco, propondo-se revirar as mesas e cadeiras e atirar garrafas na cara do Nestor. Fagundes e Espadim, queriam acompanhar Gorgulho, mas Vitor, mais ponderado, achou que não ficava bem, que nos iríamos cobrir de ridículo. Josias e eu concordamos com Vitor. Adotamos então o bar da Nicete, ex-amante e agora inimiga de Nestor.

Éramos um grupo de cinco ou seis, a partilhar os mesmos senti m

Ali passávamos em revista os tipos de nosso tempo de adolescência; tipos que já foram de nosso tamanho e que ultrapassaram de muito o gabarito do grupo. Sabíamos que todos eles, mais pelo físico do que pelo valor real, estavam bem na vida. Se acaso nos viam, evitavam falar conosco. Temiam a nossa língua. Ou talvez nos desprezassem.

Cada um de nós se mostrava mais irritadiço e corrosivo, além de pessimista. Espadim, o intelectual do grupo, parecia o mais infeliz, com os seus quarenta e oito quilos de amargura.

Diante de pessoa alta, não sabíamos disfarçar nosso despeito. Tornávamo-nos agressivos, falsamente enérgicos. Bastava ver a conduta de Josias para com o Jangão, o único sujeito grande mais ou menos tolerado em nossa roda. Sempre de ponta contra ele, Josias gastava os nervos, gastava as palavras, enfezava-se. Não se conformava em que o outro fôsse alto; se pudesse, cassava-lhe o direito de ser grande. Exagerada e injusta atitude. Mas explicável. Não tinha raiva da pessoa do Jangão; odiava-lhe apenas a altura, a serenidade. Jangão também não tinha culpa. Nascerá alto, morrerá assim. Sua sorte estava lançada.

Foi o maior tamanho jamais aparecido no colégio. Juntávamo-nos cinco ou seis para bater nele. Defendia-se meio brincando, meio com raiva. Não se importava quando o machucávamos. Se porém acontecia machucar a um de nós, vinha ele próprio tratar os ferimentos, e só faltava chorar. O professor chamava-o ao quadro negro, e fazia-o sentar-se dizendo que era vergonha um mangarão daqueles não saber o que fôsse um decimal. Como se nós o soubéssemos!...

Jangão não desconfiava que sua presença no bar da Nicete nos punha em cômica desproporção com a dele. Josias o alvejava com os seus remos. Gorgulho também. Era este o menos conformado com o seu tamanho, pois queria seguir a carreira das armas. Irritava-o mais do que aos outros o físico desaproveitado de Jangão. Chegou mesmo a provocá-lo para uma briga. Jangão não aceitou, pôs-se a sorrir espantado. Humilhado pela recusa do outro, Gorgulho caiu no pranto. Depois começou a embriagar-se. Embriagámo-nos todos. Espadim amoleceu e caiu, Jangão ia saindo com ele a tiracolo, no que foi impedido por nós.

Nessa noite, chegamos a conclusões pessimistas: — Nós os baixinhos, somos inquietos e malvados; os grandes possuem a serenidade confiante, passaporte especial para o futuro.

— Você já notou, Espadim — disse Fagundes — como eles quase não gesticulam? Raramente levantam a voz.

— Porque não é preciso — disse Josias.

Realmente — pensávamos — mesmo discutindo futebol e política, discussões que nos levavam a excessivo consumo de gestos, o homem alto pouco se altera. Seus braços nunca se agitam além da conta. Os movimentos, de impressionante economia, morrem-lhe nos ombros, possibilitando ao corpo uma atitude imponente, entre estátua e torre.

Éramos também acordes em achar que em roda de discutidores, quem sempre tinha razão era o mais alto. Se víamos algum adolescente em excessivo crescimento de braços e pernas, fazíamos predições: — Aquêle já está com o destino traçado; não passará despercebido, nem será pisado pela multidão; onde se reunirem homens, farão dele o chefe por tácita escolha; onde houver mulheres, será o noivo ideal.

E a inveja nos amargava.

Haja vista o caso do Joca. Triunfante carreira vem ele fazendo. E que valor tem esse bobão? Nenhum. E' grande e basta. Não sabe o que fazer dos membros, nem onde colocá-los. Cresceu como coqueiro de praia. Seu sexo o assustava, não sabia também o que fazer com ele. Gingava sem ritmo, equilibrava-se mal nas alturas. Com o tempo, foi notando que as moças da mesma idade o olhavam embevecidas, com visível desejo de serem amadas, tanto gostam elas de se abrigar nos braços de homens grandes; notava também que pessoas de idade provecta o ouviam com especial atenção, como se ele já fôsse alguém. Só muito tarde veio a compreender o que representa um corpo grande... Hoje fala de cima. Seu prestígio passou do quarteirão para a cidade.

Em pouco tempo, chegamos à conclusão de que havia duas raças inimigas no mundo: a dos altos e a dos baixos.

Arredondar, crescer para os lados, poderia atenuar nossa exigüidade corporal, mas parecia-nos uma ignomínia: iríamos nos assemelhar a bacorinhos. Tal solução nos repugnava. Gorgulho era o único a aceitá-la. E fazia regime para engordar.

Os grandes, naturalmente, não tomavam conhecimento dessa guerra.

Atrás do seu copo de cerveja, o sutil Espadim procurava enganar-se a si mesmo: — Pois eu já não me importo. Eles também sofrem, os "girafas"! Não sabem onde pôr as pernas... São os primeiros a levar tiro nos conflitos. E têm tendência à melancolia...

— Ah, sim... são melancólicos.

— E como dão na vista! acrescentou Josias.

— O mais gozado é quando estão dançando com as pequenas. As pobrezinhas ficam lá em baixo!... Grotesco mesmo!

— Qual! Até que elas gostam, exclamou Fagundes.

Riram todos. Espadim:

— De agora em diante, vou aprender línguas estrangeiras e violino. Só de raiva.

— E as aulas de jiu-jitsu? Desistiu?

A pergunta era de Vitinho, a quem acenávamos que não fizesse isso. Espadim amargurava-se quando se falava em jiu-jitsu.

— E você, que pensa a respeito? disse Gorgulho, virando-se para mim.

A pergunta me assustou. O pior, estava eu pensando, não consiste tanto em sermos pequenos quanto no exagêro moral de nossa condição. Parecia-me natural em todo mundo o desejo de variar, de ser outro. Quem não se aborrece com a fixidez de seu físico? Quem não se enfada de seu tipo? No nosso caso, porém, não estávamos enfiados; estávamos mal-satisfeitos, revoltados.

Iamos começar o jogo da vida, e já mal servidos de corpo, derrotados de nascença.



mentos. Todos de ridícula estatura...

Mas não convinha insistir nessas coisas para não desanimar os companheiros, principalmente Gorgulho. Dias antes, se agastara comigo por causa de dois centímetros a mais que me atribuíram, e que o faziam mais baixo do que eu.

Éramos assim no bar da Nicete...

Certa vez, subia eu uma escada que ligava o porão onde se comia, a uma sala onde se dançava. Não me lembro bem do local nem do nome da rua, tão nublada aquela noite de setembro em Copacabana. Sabia apenas que era uma *boite*. Ao parar nos últimos degraus da escada para conversar com alguém que conhecia, dei com uns pés enormes ao nível de meus olhos. De quem seriam? A que massa corporal estariam servindo de base? Não levantei a cabeça. De acordo com as normas estabelecidas no bar da Nicete, evitava olhar para cima quando perto de pessoas altas. Elas que se agachassem. Meus olhos, porém, não se despregavam daqueles pés. O interlocutor queria saber se eu estava sentindo alguma coisa.

— Que acha desses sapatos? perguntei-lhe abruptamente, apontando para o que via.

— Um tanto exagerados, respondeu.

— Então, vamos sair daqui.

Saimos. Passamos rente ao gigante. Eu devia estar pálido de emoção. Na sala de cima, a fumaça tornava mais espessa a penumbra. Não pude distinguir as figurinhas de Vitor e Espadim, que bebiam na mesa do fundo; mas logo lhes reconheci a voz que me chamava. Sentei-me à mesa deles. Ali se achava uma mexicana rouca e uma prostituta de Montes Claros. A prostituta mostrava à mexicana uma cicatriz de faca; a mexicana exibia-lhe, em troca, uma de bala.

— Veja se aquilo é possível, disse Vitor apontando para o gigante.

Era uma massa humana enorme e bem vestida. O homem olhava para a sala, que parecia vigiar. Sereno como um deus. De vez em quando, o gerente dizia-lhe coisas baixinho. A mexicana mandou-lhe o endereço num pedacinho de papel; a mulher de Montes Claros, dispneica de tão aflita, só perguntava quem era aquele bonitão.

— Uma tonelada de estupidez! Informou Espadim.

Agravada pelo interesse das duas mulheres, a hostilidade entre nós e o gigante passou a manifestar-se de maneira mais agressiva. Não eram apenas diálogos contra o adversário adotivo. Eu atirava-lhe amendoim; Vitor, pedaços de gelo.

— Por que fazem isso? Veio dizer-nos o gerente.

— Por nada — respondeu Espadim. — Porque ele é grande demais!

Quando o gerente ameaçou chamar o próprio gigante para pôr-nos para fora, Vitor lançou o primeiro cinzeiro. O gigante recebeu impassível, na cabeça, a chuva de cinza e pontas de cigarro. Essa indiferença magnífica ainda mais nos exasperou. Logo em seguida, mandei um prato de sanduíches. E quando Espadim atirou o copo de uísque, o gigante, a um aceno do gerente, caminhou para nós. Viramos as mesas, como preparação de campo. E investimos os quatro (apareceu neste momento o Fagundes, não se sabe como) contra o gigante. Com um braço, ele imobilizou a mim e ao Fagundes que procurávamos arranhar-lhe o rosto. Vitor conseguiu acertar-lhe na testa uma saladeira, investiu de novo, e o brutamonte o mandou sem sentidos para o colo de uma dama, longe. Logo a seguir, um de nós passava pelo ar. Era o Espadim, que foi cair desacordado entre o saxofone e a máquina registradora. Por fim, sustentando-me numa das mãos e ao Fagundes na outra, o gigante atravessou a sala e nos depositou com a maior delicadeza na porta da rua. Antes tivéssemos também perdido os sentidos: não sofreríamos a gargalhada geral com que comemoraram a nossa expulsão. Grande falta nos fez Gorgulho na ocasião. A mexicana e a mulher de Montes Claros mandaram dizer ao Fagundes que não queriam mais saber de nós. Que éramos uns nanicos imbecis. Tentei ainda forçar a porta para reclamar a devolução de Vitor e do Espadim. Disseram-me que ainda dormiam. E que uma inglesa cuidava deles. (Continua)

Usando REGULADOR GESTEIRA



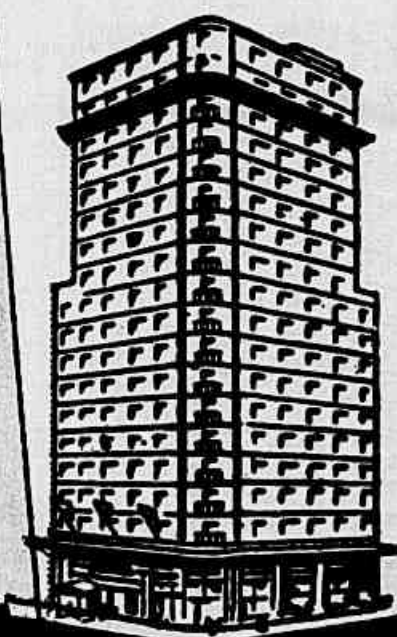
A Senhora também poderá **SORRIR**
todos os dias do mês!

REGULADOR GESTEIRA

é um remédio extraordinariamente eficaz no
tratamento das menstruações dolorosas e outros
distúrbios funcionais dos órgãos femininos.

HOTEL COMODORO

Supremo na arte de hospedar



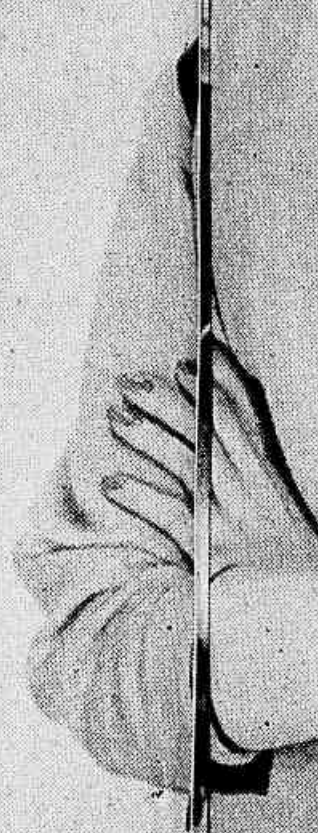
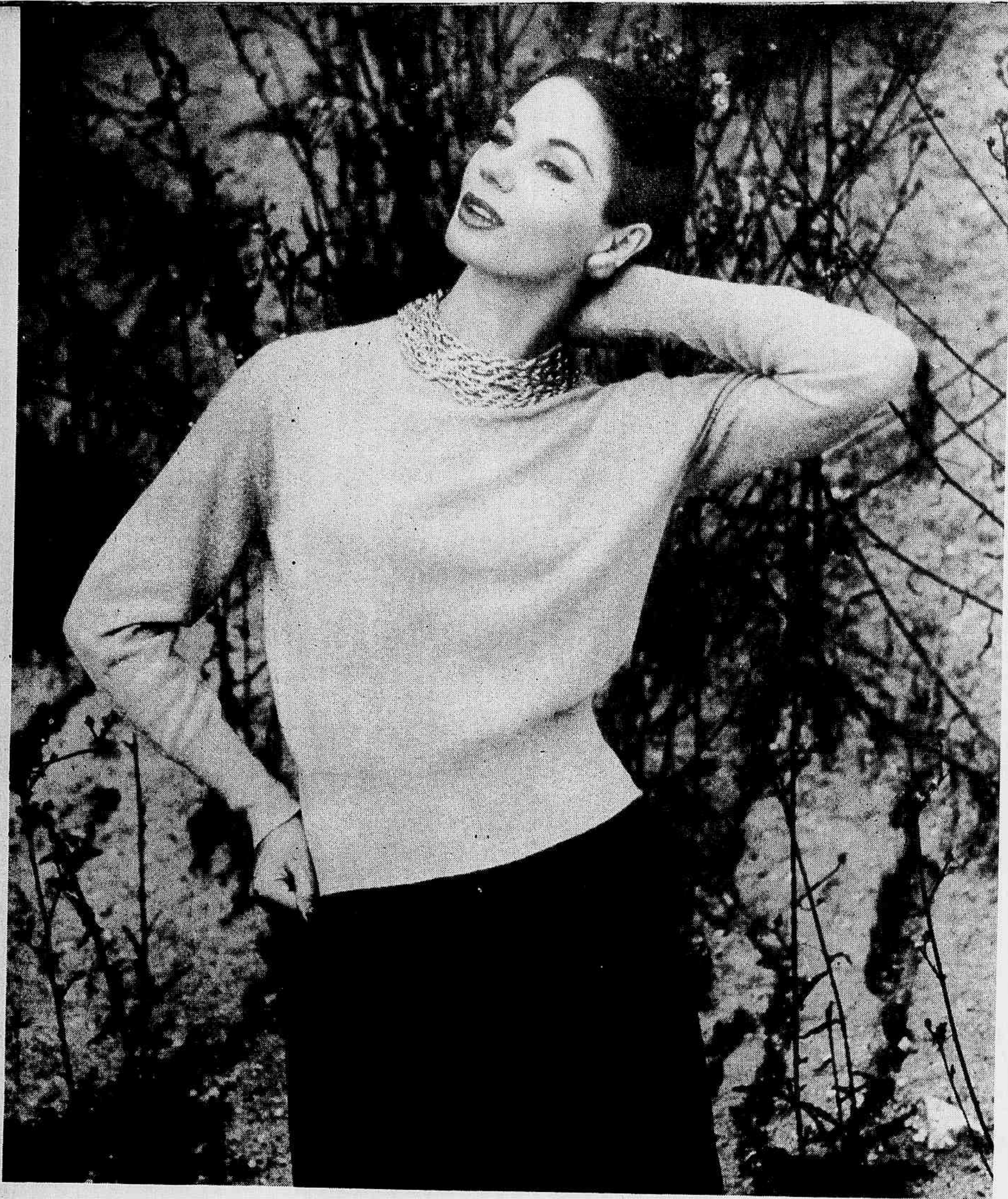
Enderêço permanen-
te dos mais ilustres
visitantes

Restaurante com ar
condicionado. Bar
com atrações todas
as noites. Jantar
dançante aos do-
mingos.

Serviço de restau-
rante dia e noite.

HOTEL COMODORO

AV. DUQUE DE CAXIAS, 525 — FONE 51-9181
SÃO PAULO



— "Lili Damita" nasceu em 1909. Ela, hoje, está em Paris com o marido, o francês Jean Lili. — Gráfico Revista.

— TENHO SOB OS OLHOS uma boa velha fotografia da moda em 1927. Representa uma moça vestida até os joelhos com um longo, longo tricô e uma saiazinha plissada. E leio: "A estrela Lili Damita passeia em Cannes num vestido de duas peças de tricô de milê. Chanel..." Naquele dia nasceu o estilo suéter.

— Naquele tempo, a mais inteligente das costureiras fazia pagar muito caro às milionárias e às atrizes o tricô que a mulher prática de 1956 usa da manhã à noite e paga barato. Chamava-se suéter e vinha da Escócia.

— Diante desta fotografia recordo haver sonhado muito tempo com um suéter, mas era caro demais para mim; como hoje já não são mais caros eu me vingo... O suéter está em toda parte,

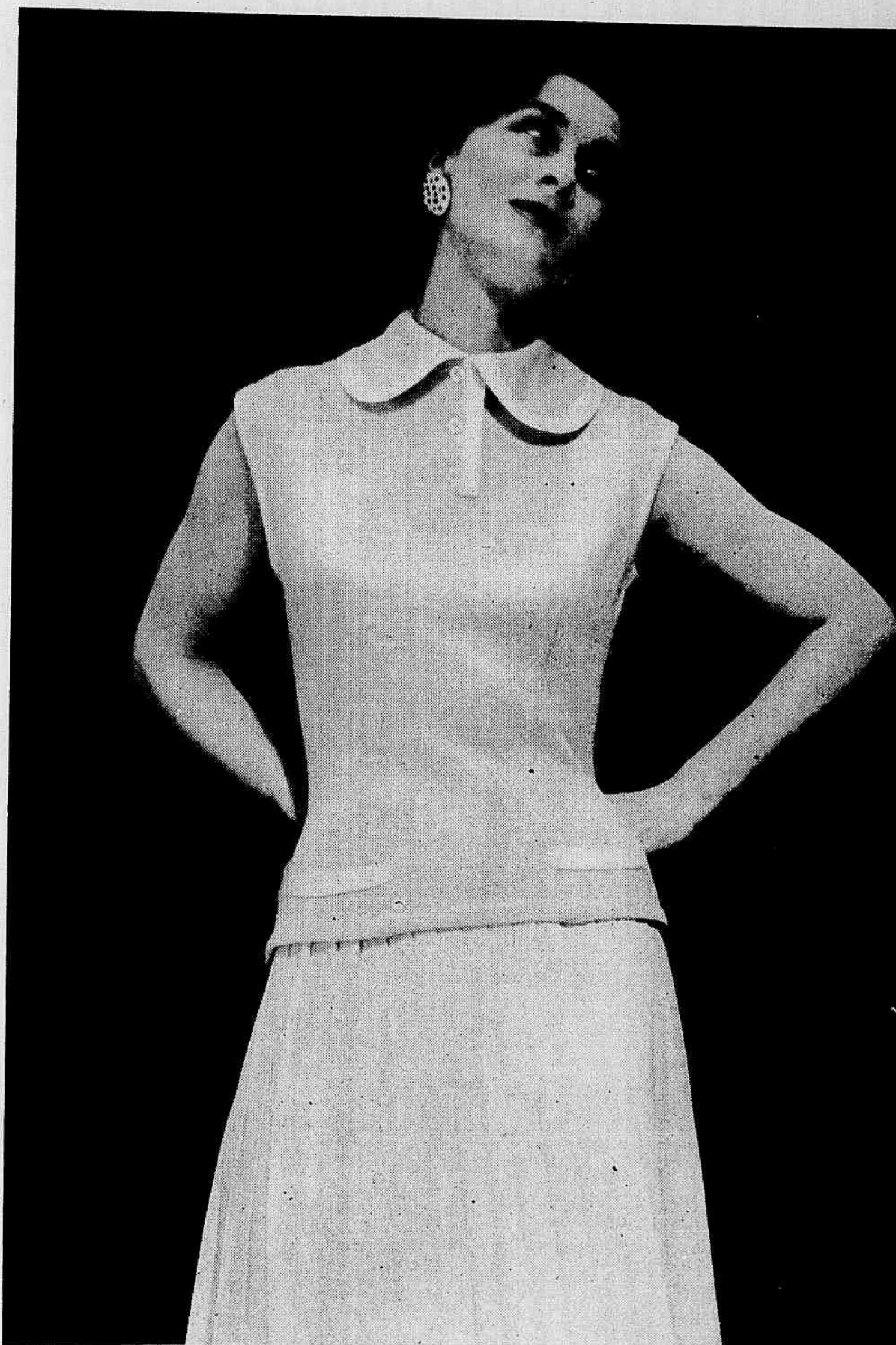
MODA

O ESTILO SUÊTER



Em tecido pêssego de camelo, bordas de
flocos da mesma fazenda da gola.
Decote em "V". Criação Horvath.

Suêter sem mangas, comprido e fino,
para dias menos frios do inverno.
Gola "claudine" e bolsos bordados de
branco. Criação Jacky — Paris.





tanto em Dior como nas lojas dos bairros, apresentados em cores agradáveis e proporções sempre novas. É o uniforme de nossa época.

— Nesta estação o suéter está mais comprido do que no ano passado, muito grosso, rústico e claro para o esporte, fino e delicado de coloridos para durante o dia, preto e decotado para a noite. Porque ele é casaco, paletó, "spencer" e cardigan, bolero ou blusão, segundo os seus usos, e seu filho mais velho o pulôver, faz o mesmo.

— As mulheres procuraram, escolheram os cardigans, pulôveres e tricôs, dos mais novos, dos mais tentadores, dos que vão melhor e os mais práticos de Paris.

— Os primeiros, alegres, claros de grandes pontos fáceis, servem de vestes de esportes e substituem os casacos. A moda apresenta cor de limão, bege claro e simplesmente talhados como os colêtes de homem.

— Os segundos substituem as blusas da tarde. São ao mesmo tempo simples e divertidos. Podem ser adotados para ir ao escritório, mas também podem comparecer a um coquetel sem nenhum atentado à elegância. As golas escocesas, e mesmo uma renda, vão bem com eles.

Os últimos enfim, são a providência das senhoras que não podem nem querem ataviar-se à noite. Uma vez por todas elas adotaram a blusa de jérsei mais ou menos decotada para um jantar, uma festa e os grandes costureiros lhe dão razão.

Elegante vestido de tweed vermelho e branco, gola de pique branco. Largo cinto de cor vermelha. O vestido forma túnica com efeito de casaco. Madeleine de Rauch.

MODA

No grande gala "A Bela e a Fera", realizado nos Ambassadeurs, um grupo de elegantes chamou particularmente a atenção dos presentes. Yolande Magny, Maria Lopez e Chris-Mathieu, exibem toilettes originalíssimas e lindos cães de raça.



Na Galeria Cruzeiro o seu melhor negócio no momento!

Conjuntos de salas desde Cr\$ 930.000,00 — tôdas as salas são de frente, com sala de espera, ar condicionado regulável, água gelada, banheiro privativo completo, inclusive chuveiro.

Garantia contratual: entrega em 30 meses.



porque V. se orgulhará do seu endereço. Ele será conhecido em todo o Brasil.

porque V. estará instalado no mais bem projetado e planejado edifício atualmente em construção no mundo, onde cada elemento, cada membro de sua equipe construtiva é um expoente em sua categoria.

porque seu conjunto de salas estará situado em um edifício "Exclusivamente Comercial" onde não será permitida a moradia e onde não serão improvisados em escritórios apartamentos de quarto, banheiro e kitchenete.

porque o ar condicionado, com regulação, instalado em sua sala, além do conforto da temperatura a seu gosto, lhe proporciona uma economia de, aproximadamente, Cr\$ 60.000,00, preço pelo qual V. pagaria um aparelho nas mesmas condições.

porque V. proporciona a si próprio e a seus clientes um completo serviço de 19 elevadores com velocidade até 300 metros por minuto — velocidade usada pela primeira vez em elevadores fora dos EE. UU. Todos sob controle eletrônico.

porque geradores próprios de energia o colocam inteiramente a salvo de subidas eventuais de escada ou paralisação de aparelhos elétricos profissionais.

porque V. disporá do maior e mais suntuoso hall de entrada para seu edifício, com a galeria de 20 metros de largura, onde estarão situadas 12 escadas rolantes ligando quatro pavimentos de modernas e categorizadas lojas.

porque as firmas mais responsáveis e idôneas responderão pelos preços e prazos de construção do edifício e, conseqüentemente, pela entrega, nos prazos previstos, dos seus conjuntos de salas.

porque o preço é fixo e irrevogável.

PROJETO: HENRIQUE E. MINDLIN
ELEVADORES ATLAS S. A.

ESTRUTURA METÁLICA: montagem e construção de
CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL
CONSTRUÇÃO:



COMPANHIA CONSTRUTORA
CAPUA & CAPUA

CORRETORA
RF
DE IMÓVEIS

ROSA FILLER

RUA SETE DE SETEMBRO, 65 - 4.º ANDAR - TELS 22-8392 - 52 0532
PÔSTO DE VENDA - PRAIA DO FLAMENGO ESQ. PAISSANDU

Orlando Macedo
INCORPORAÇÃO E VENDAS DE IMÓVEIS

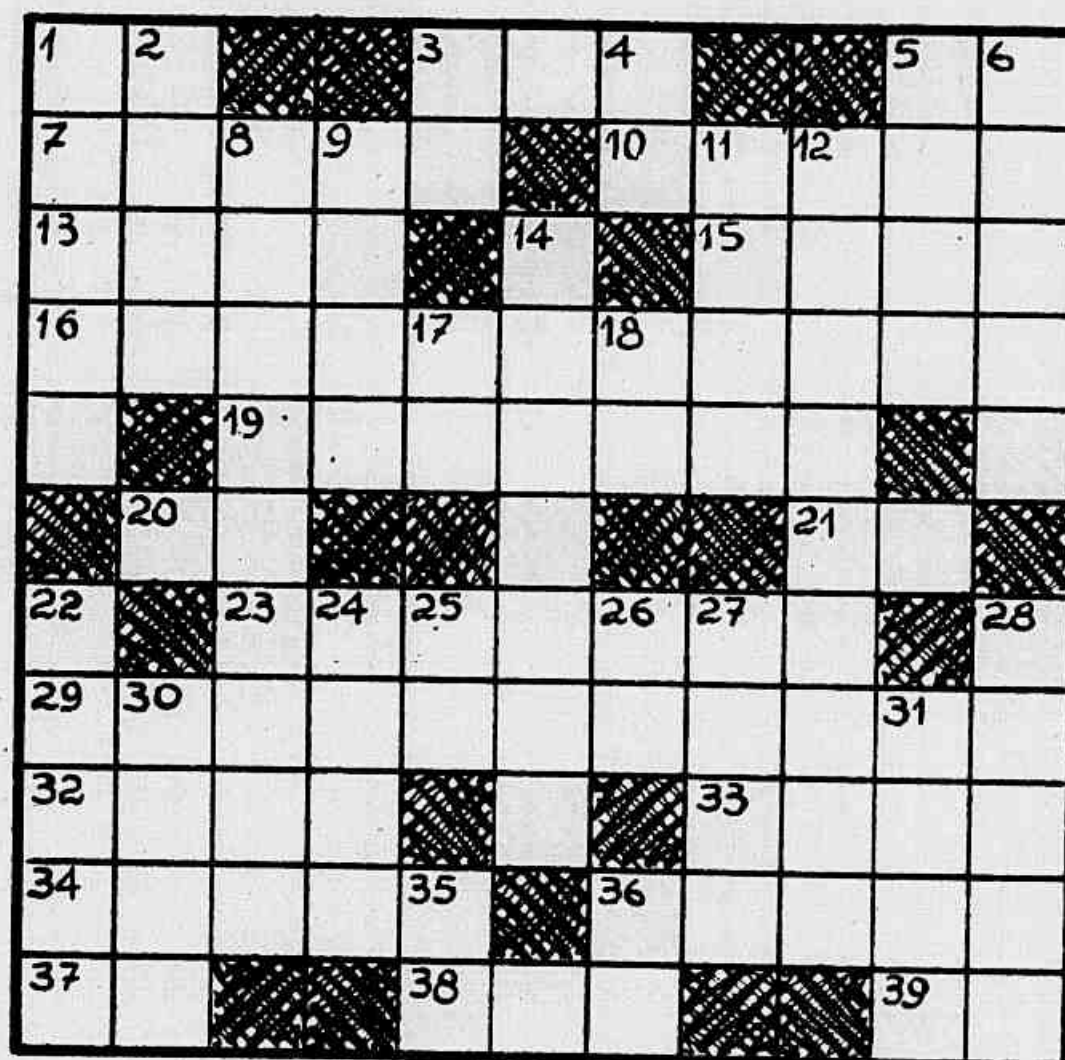
RUA SÃO JOSÉ, 90 5.º AND. - ★ 22-9280 ESQ. AVENIDA RIO BRANCO
COPACABANA: AV. COPACABANA - ESQ. HILÁRIO GOUVEIA

DECIDA-SE, HOJE AINDA, PELA MELHOR OFERTA REALMENTE NO CENTRO DA CIDADE!

PROBLEMA N.º 41 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Ambiente — 3. Torna inábil — 5. Décima letra do alfabeto árabe — 7. Espécie de greda, mistura de argila e calcáreo — 10. Parietal — 13. Suplicai — 15. Árvore mirtácea, notável pela dureza de sua madeira — 16. Estilo difuso (pl.) — 19. Eleitora — 20. Voz sagrada que simboliza Braama e sempre pronunciada com respeito — 21. Egoísmo — 23. Cravei — 29. Ornatos e relêvo — 32. Entusiasmo — 33. Diamante talhado por cima em facêtas e chato por baixo — 34. Que é coisa própria de nós — 36. Unir — 37. Epiglote — 38. Índio que habitava as adjacências do rio do Peixe — 39. Símbolo do samário.

VERTICAIS: 1. Bálsamo da Síria — 2. Que sobressai e excede às da mesma espécie — 3. Caracteres que plurarizam a representação fonética da primeira letra — 4. Abreviatura usada em cálculos astronômicos — 5. Contrabandista — 6. Poupa a castigo — 8. Diz-se da mistura em partes iguais dos isômeros dextrógiro e levógiro de uma mesma substância (pl.) — 9. Corista de teatro — 11. Untei com substâncias aromáticas — 12. Curandeiros — 14. Tornar irado — 17. Interjeição de espanto — 18. Sufixo designativo de profissão — 22. Planeta do sistema solar — 24. (Anthony), autor dramático francês (1862-1913) — 25. Depois do meio-dia — 26. Idem — 27. Pinta negra, produzida pelo excesso de calor do fogo — 28. Vestira — 30. Aquilo que liga (pl.) — 31. Ligeireza — 35. Interjeição de espanto — 36. Pancada no alto da cabeça.



PROBLEMA N.º 41 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Argola — 3. Relação — 5. Segue — 7. Domesticada — 9. Símbolo químico do rádio — 10. Primeira virtude teologal — 12. Governar como imperador — 13. Batráquio — 14. Símbolo químico do gálio — 15. Flexão do verbo odorar — 19. Membro empenado das aves — 21. Gemidos — 22. O astro-rei.

VERTICAIS: 1. Brisa — 2. Ovário de peixe — 3. Sorris — 4. Naquele lugar — 6. Desejo ardente; anelo (pl.) — 7. Fruto do mamoeiro — 8. Acaricia — 9. Escarnecer — 11. Época — 16. Concedes — 17. Chefe etíope — 18. Perversa — 20. Mil e cinquenta em algarismos romanos.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 40

PARA VETERANOS

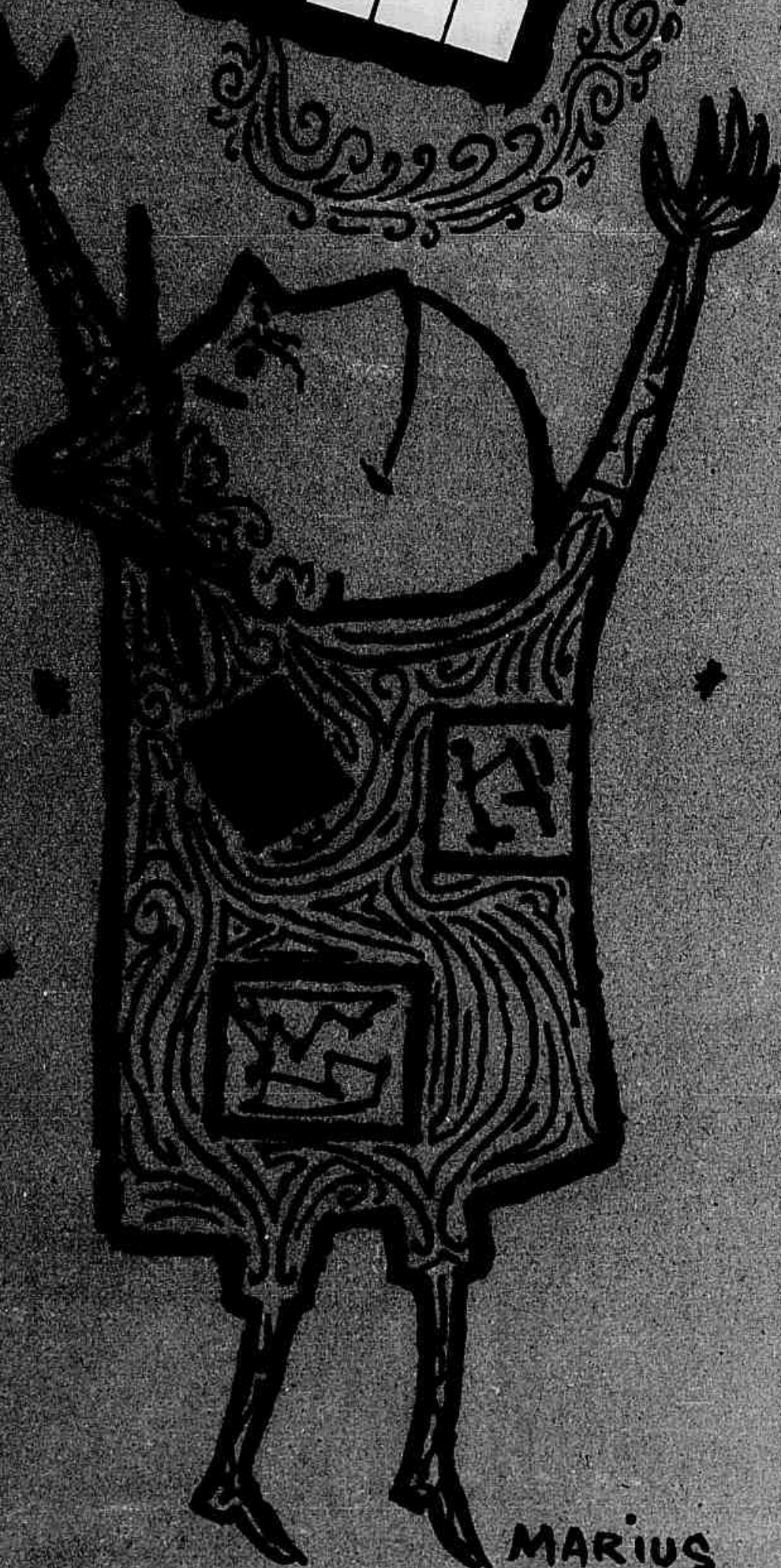
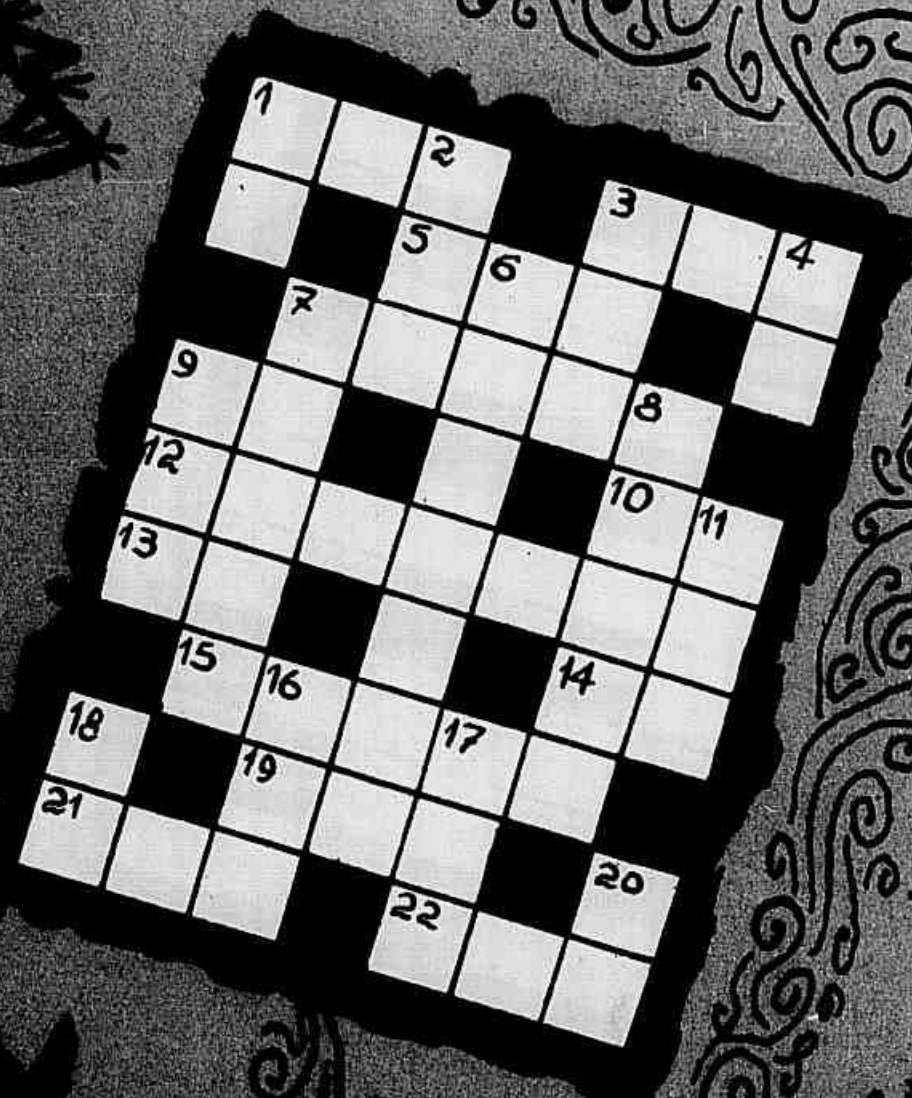
HORIZONTAIS: tauromaquia — rala — utam — arati — aiara — Sé — amura — ar — bou — ola — asa — murmura — ria — toa — Arm — dó — casta — oé — adall — usada — rosa — puar — alambicaria.

VERTICAIS: transbordara — aéreo — ula — rata — mi — quia — uta — iaras — amarasmeara — imortal — arauatu — ulmos — uma — aaa — iodol — rodai — ciam — aspa — asa — aur — pi.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: amarga — iriam — am — alta — lia — hás — odiar — oti — rir — miam — Au — acros — roazes.

VERTICAIS: mi — ara — rilhar — gataria — amas — sal místico — adlara — Omar — rua — Moz — Sé.



MARIUS

Dé-
tura
Ar-
stilo
liza
—
33.
—
lote
—

ex-
n a
ura
6.
dos
bl.)
ná-
ção
la-
cês
nta
ira
ção

i-
3.
lo
e-
is
7.
ra
il

a
r

u
—

i



AFINAL, O CAMINHO DA VITÓRIA !



BRASIL - ÁUSTRIA: 3 x 0

Local: Udevalla.

Juiz: Guigue (França).

Quadros: Brasil: Gilmar; De Sordi, Bellini e Nilton Santos; Dino e Orlando; Joel, Didi, Mazzola, Dida e Zagalo.

Austria: Szangald; E. Kozliceck e Swoboda; Stoltz, Hanappi e Koeller; Horak, P. Kozliceck, Buzek, Happel e Senekovitch.

1.º tempo: Brasil 1x0 (Mazzola).

Final: Brasil 3x0 (Nilton Santos e Mazzola).

DIZIA-SE MARAVILHAS do quadro austríaco com seu futebol em tempo de valsa. Os cronistas afirmavam que para vencer um time sul-americano a fórmula ideal seria combatê-lo com o seu mesmo estilo de jogo, e este era o caso da Austria. Hanappi e Happel eram apontados como superiores a Didi e Dino.

O estadinho de Rimservallen, na cidade de Udevalla, ficou lotado para o embate. Começamos frios, como até então, era praxe. Os austríacos tentando subir para a área brasileira, onde uma sólida barreira sempre os parava. Didi foi tomando pé na cancha. Com sua imperturbável calma, dominava a bola no meio do campo, driblava uns dois e procurava lançar de surpresa para Maz-

zola ou Dida. Zagalo, com a sua grande fibra, imitava o companheiro pelo lado esquerdo. Ia à frente, chutava, voltava para armar o jogo, acabou por ser marcado pelo ponta direita austríaco Horak, de quem por mais de uma vez sentiu o peso das chuteiras. Zagalo redobrou os esforços, ganhou uma bola na corrida, foi à linha de fundo, centrou, Mazzola surgiu como um raio: e fuzilou: era o 1.º gol do Brasil na VI Copa do Mundo!

Nos primeiros minutos do segundo tempo, já éramos senhores do jogo, com um gol belíssimo de Nilton Santos, numa de suas clássicas arrancadas. O Brasil começava a perceber que possuía um estilo de jogo capaz de fazer qualquer adversário perder a linha. "Eles" é que deviam tremer diante de nós. Nossa defesa, uma muralha em que Belini e Orlando canhoneavam as bolas "de primeira", inspirava o resto de segurança que poderia faltar à linha atacante. O selecionado austríaco estava sendo dobrado. Didi era o dono da bola no meio do gramado. A multidão que assistia a partida não apenas nas arquibancadas, mas espalhada pelos penhascos e pelas árvores que circundavam o pitoresco estádio, já formava uma torcida organizada para os "braskarna", maravilhada com a atuação dos craques nacionais. Pouco antes de Guigue trillar o apito encerrando o encontro, Mazzola, com um pelotão, assinalava o terceiro gol brasileiro, para que a superioridade do nosso time ficasse ainda mais evidente.



BRASIL - INGLATERRA: 0x0

Local: Goteborg.

Juiz: Dusch (Alemanha).

Quadros: Brasil: Gilmar; De Sordi, Bellini e Nilton Santos; Dino e Orlando; Joel, Didi, Mazzola, Vavá e Zagalo.

Inglaterre: Mac Donald; Howe e Banks; Clamp, Billy Wright e Slater; Douglas, Robson, Kevan, Haynes e Acourt.

1.º tempo: 0x0. — **Final:** 0x0.

TEMOS QUE RECONHECER o valor da nossa primeira vitória contra a Áustria, jogamos uma cartada decisiva, que poderia ter desmoronado todos os nossos planos. Com uma derrota frente aos austriacos, ou mesmo com um empate, estariam por terra os cuidadosos trabalhos de preparação do "scratch" e as esperanças de milhões de brasileiros que ficavam, de longe, aguardando as notícias de vitória. Mas passamos na prova. E com distinção. A confiança crescia. Voltávamos nossa atenção para a Inglaterra, poderoso rival que precisávamos ultrapassar. Os célebres 4x2 de Wembley, em 1956, estavam gravados na memória de todos os torcedores brasileiros. Adversários temíveis, os ingleses! Depois que empataram com a favorita equipe russa, ninguém tinha mais dúvidas de que as trágicas lacunas de Taylor e Edwards não tinham sido suficientes para enfraquecer suas fileiras.

Nesta ocasião ainda não poderíamos contar com Pelé, duramente contundido no joelho, e hoje, todos podem aquilatar com facilidade o que representava a ausência de Pelé. Mas, lá estaria Vavá, autêntico leão, ocupando o posto do companheiro machucado.

Velo a partida. Uma luta de gigantes. A bola rondava ameaçadoramente ora uma, ora outra meta. Mac Donald, arqueiro do time britânico, fazia prodígios. Defendia bolas incríveis, quando os nossos patricios já levantavam os braços para comemorar o tento conquistado. Vavá recebia de Didi, driblava Wright e mandava um foguete contra o arco inglês. Mac Donald caía batido e a pelota chocava-se com a trave.

Estávamos ainda mais firmes do que no jogo anterior. Qualquer time que nos enfrentasse compreenderia em segundos que a seleção brasileira não brincava. Eram onze homens famintos de vitórias, uma avalanche humana disposta a triturar o adversário. Com esta formidável "raça" e com seu incomparável artesanato na construção das jogadas, os brasileiros eram invencíveis. A Inglaterra deixou o gramado ilesa, feliz com o seu zero a zero. Como escapou, até hoje, ninguém conseguiu explicar. Talvez, no futuro, com um novo embate, o Brasil tire a teima.

Mas, em Nya Ullevi, o empate servira. Continuávamos na estrada da vitória.



BRASIL - RÚSSIA: 2x0

Local: Goteborg.

Juiz: Guigue (França).

Quadros: Brasil: Gilmar; De Sordi, Bellini e Nilton Santos; Zito e Orlando; Garrincha, Didi, Vavá, Pelé e Zagalo.

Rússia: Yashin; Kesarev e Krijevsky; Volnov, Igor Netto e Kouznetzov; A. Ivanov, V. Ivanov, Simonian, Salnikov e Illiev.

1.º tempo: Brasil 1x0 (Vavá).

Final: Brasil 2x0 (Vavá).

O "MATCH DO SÉCULO" na opinião da crítica européia, converteu-se no maior baile da Copa do Mundo. Talvez os russos não contassem com Garrincha. Talvez não soubessem nem de quem se tratava. Mas ignoravam também que o próprio Garrincha não os conhecia nem de nome. Para facilitar, dentro do campo, designava-os aos seus companheiros como "os joões". E lá estava o nosso incrível ponta-direita com um minuto de jogo, driblando toda a defesa adversária e atirando um tiro nas traves russas. Foi a pânico. Os soviéticos não sabiam mais para onde correr. Um minuto a mais e o estádio vinha abaixo com um sensacional gol de Vavá. A seleção russa baqueava. O público explodia, contagiado pelo "show" futebolístico da seleção nacional. "Uns artis-

tas!" bradavam. Igor Netto, encarregado de marcar Didi, desaparecia no gramado. De Sordi impedia os menores passos de Illiev, Zito controlava soberanamente o seu setor.

Depois que Vavá assinalou o segundo tento do Brasil, que garantia definitivamente a vitória, o espetáculo chegou ao auge. Os soviéticos, atônitos, assistiam a bola correr de pé em pé dos jogadores brasileiros. Kouznetzov, o infeliz "back" esquerdo da seleção russa, arrependia-se de ter seguido a carreira futebolística. Garrincha dera-lhe uma rápida demonstração do que é o carnaval brasileiro.

O povo sueco deslumbrou-se. No final da partida aplaudia nossos craques como se fossem os seus próprios. Idolatravam Garrincha, Didi, Pelé, Zagalo, Belini, Nilton Santos, Vavá. Seus nomes corriam de boca em boca. Os correspondentes estrangeiros sentiam dificuldade em descrever a partida para os seus leitores. Eles já haviam visto futebol, é verdade, mas não era exatamente aquilo. Ou melhor, não era TUDO aquilo. Talvez conseguissem narrar alguns aspectos do "baile", mas não tinham palavras para classificar as fintas daquele fenomenal garoto de pernas tortas com apelido de pássaro. Garrincha entrava para a história do futebol. A seleção brasileira o acompanhava. E todo o Brasil, vibrando, sentia a Copa mais próxima.



BRASIL - PAÍS DE GALES: 1x0

Local: Goteborg.

Juiz: Spielt (Austria).

Quadros: Brasil: Gilmar; De Sordi, Bellini e Nilton Santos; Zito e Orlando; Garrincha, Didi, Mazzola, Pelé e Zagalo.

Gales: Kelsey; Walliams e Hopkins; Sullivan, Mel Charles e Bowen; Madwin, Hewitt, Webster, Allchurch e Jones.

1.º tempo: 0x0.

Final: 1x0 (Pelé).

CLASSIFICADOS PARA as quartas-de-final, tocou-nos enfrentar o selecinado do País de Gales, uma das revelações desta sensacional "Copa Jules Rimet" de 1958. Foi esta, talvez, a partida em que os torcedores brasileiros mais sofreram, acompanhando a peleja pelo rádio, nervosamente, impossibilitados de descortinar o amplo domínio dos nossos, bombardeando o último reduto galês. Repetíamos a atuação anterior, contra a Rússia, dávamos uma nova lição de futebol aos nossos contendores, mas a falta de sorte nos arremates e um certo senhor Kelsey, goleiro da equipe galesa, numa segunda edição de Mac Donald, pareciam querer impedir que prosseguíssemos na triunfal jornada da Suécia. Mas esta tarefa não era fácil. Os galeses procuraram abrir o escore de saída, num relance, para depois se plantarem na retaguarda, armando

o tradicional "ferrolho". O "ferrolho" foi, com efeito, armado, mas sem o gol. A defesa brasileira conservava-se invicta na Europa e não era à-toa. De Gilmar a Orlando, formávamos um bloco só na retaguarda, que não ficava longe da inexpugnabilidade. Zito e Didi compunham um "eixo" firme no centro do campo, distribuindo para as extremas e para o "miolo" da área. Mas o gol não surgia. Foi-se o primeiro tempo. Veio o segundo e a pressão aumentou. Os nacionais imprimiam à partida um ritmo de jogo a jacto. O quadro do País de Gales parecia tontear com a rapidez das nossas investidas, mas no último momento, a bola batia na perna de um zagueiro, era detida pelo incansável Kelsey, ou passava raspando as balizas. Mas, finalmente, aos 25 minutos, um menino, chamado Pelé, realizava uma de suas jogadas típicas: recebia um passe de Didi, de costas, trazia a bola do peito para o joelho e girava para o gol. Os galeses olhavam para Pelé, procurando a bola que devia ainda estar com ele.

Mas não estava. A bola dormia mansamente no fundo das rédes. Pelé gritava, festejando o seu grande gol. O time brasileiro vibrava de alegria. A delegação inteira abraçava-se. No Brasil, debaixo de um foguetório ensurdecedor, o povo já dançava pelas ruas, prevendo as glórias que, dias depois, iríamos conquistar.

O Brasil estava classificado para enfrentar a França nas semi-finais.



BRASIL - FRANÇA: 5 x 2

Local: Estocolmo.

Juiz: Griffiths (País de Gales).

Quadros: Brasil: Gilmar; De Sordi, Bellini e Nilton Santos; Zito e Orlando; Garrincha, Didi, Vavá, Pelé e Zagalo.

França: Abbés, Kaelbel e Lerond; Jonquet, Marcel e Penverne; Wisnieski, Fontaine, Kopa, Piantoni e Vincent.

1.º tempo: Brasil 2x1 (Vavá, Fontaine e Didi).

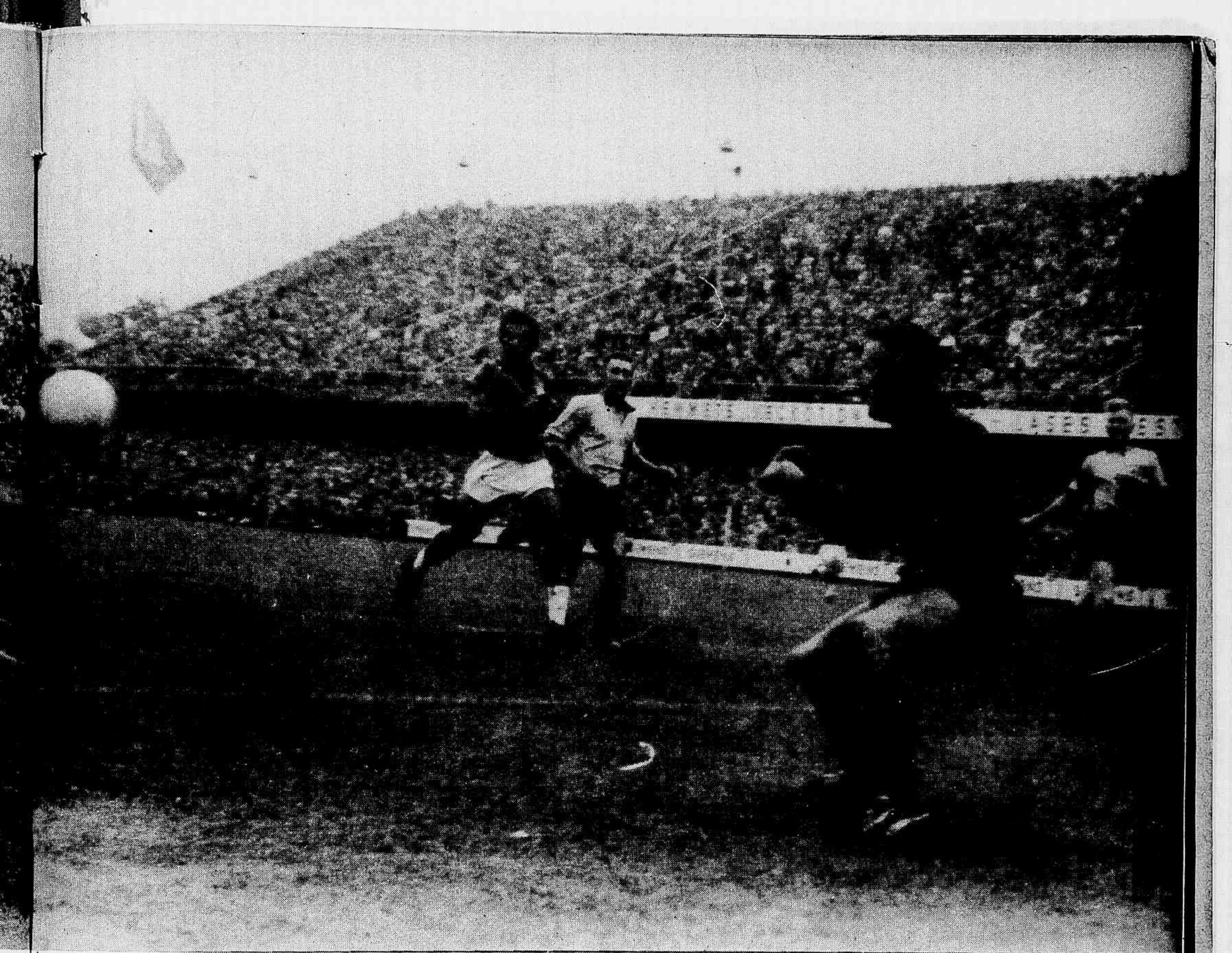
Final: Brasil 5x2 (Pelé, Pelé, Pelé e Piantoni).

O PODERIO OFENSIVO dos franceses fôra quase cantado em versos. Fontaine, o grande artilheiro, Kopa e Piantoni, eram irresistíveis e ruíam a retaguarda do Brasil, exclamava o técnico da seleção francesa. Mas, ao fim dos noventa minutos regulamentares, o público de Rasunda travara conhecimento com três demolidores de nomes diferentes: Didi, Vavá e Pelé.

O Brasil abriu o escorço com menos de dois minutos de jogo — gol fulminante de Vavá. Logo a seguir, Fontaine, muito rápido, empataria. Era o primeiro gol que Gilmar sofria, em todo o campeonato. Os eternos pessimistas previam um descontrôle inevitável que nos seria fatal. Entretanto, deu-se o reverso da medalha. Nesta partida, com sua pujante reação, coroada com os tentos de

Didi e Pelé, a seleção do Brasil portava-se como uma autêntica campeã. Depois que o endiabradíssimo Pelé marcou o quinto gol, nos demos ao luxo de reabrir os salões de bailes para brindar o público sueco com outros números do nosso inesgotável repertório artístico, com os mestres Nilton Santos, Orlando, Garrincha, Vavá e Zagalo. Para muitos foi o maior combate de toda a Copa do Mundo. Os gols que Pelé assinalou valeram-lhe um cartaz muito maior do que o de Fontaine, que até então era tido como o mais perfeito goleador do certame. Pelé, com seus risinhos dezessete anos, era carregado em triunfo, sufocado por uma constante massa de fãs à caça de autógrafos. A Espanha acenava-lhe com dólares, chamando-o para integrar um de seus clubes de futebol. Era a glória para o menino Pelé. Mas ele, como todos os seus companheiros, só pensava em uma coisa: trazer a Taça do Mundo para o Brasil.

O selecionado brasileiro demonstrava nesta tarde que apenas um milagre o impediria de ser campeão. E muito pouca gente podia acreditar neste milagre, mesmo porque "Deus é brasileiro". A França sucumbira, dominada por um futebol inesperado e arrasador. Abbés recolhera por cinco vezes o balão nas malhas do seu arco. Por outras tantas, o bravo guardião Svensson, da Suécia, iria fazê-lo cinco dias depois.



BRASIL - SUÉCIA: 5 x 2

Local : Estocolmo.

Juiz : Guigue (França).

Quadros : Brasil : Gilmar; Djalma Santos, Bellini e Nilton Santos; Zito e Orlando; Garrincha, Didi, Vavá, Pelé e Zagalo.

Suécia : Svensson; Bergamrk e Axbom; Borjesson, Gustafsson e Parling; Hamrin, Gren, Simonsson, Liedholm e Skoglund.

1.º tempo : Brasil 2x1 (Liedholm, Vavá e Vavá).

Final : Brasil 5x2 (Pelé, Zagalo, Simonsson e Pelé).

ERA A SEGUNDA vez que o Brasil participava de uma finalíssima, para a decisão do Campeonato Mundial. O título que nos fugira tão ingratamente em 1950, desta vez não nos escapou. Na inesquecível tarde de 29 de Junho, pisou o gramado do estádio de Rasunda uma equipe serena, confiante, inabalável, disposta a jogar o que sabia e trazer a Copa para o Brasil. O gol de Liedholm aos quatro minutos de luta, apontado pelos observadores europeus como fatal às pretensões brasileiras, foi revidado em poucos minutos. O Brasil tinha uma representação de temperamento de aço,

briosa, avessa às intimidações. A segurança de Gilmar, a classe do veterano Djalma Santos em sua gloriosa "reentrée", a estirpe de Belini e Nilton Santos, os "monstruosos" Zito e Orlando voltavam a encher o coração dos brasileiros de felicidade. E a fenomenal linha atacante, formada pelos melhores jogadores do mundo, derrubava definitivamente a cidadela sueca, fazendo estourar um indescritível carnaval em nossa pátria.

A simpática torcida sueca, depois que viu seus maiores heróis, Hamrin e Skoglund, inteiramente dominados pelos dois Santos, não poupou aplausos àqueles que chegavam de maneira tão brilhante ao cobiçado troféu. E os brasileiros viveram momentos de delírio, recebendo a "Coupe" das mãos do Rei Adolfo VI e ouvindo, já campeões do mundo, o Hino Nacional.

Sagrava-se campeã uma grande equipe de futebol. "A melhor de todos os tempos" chegaram a dizer alguns cronistas neutros. Uma equipe realmente sensacional, que scube com sua coragem e com sua fibra, demonstrar a todos os povos que o futebol brasileiro é realmente uma obra de magia, de prestidigitação. Hoje, em todos os países do mundo, existe alguém tentando descrever uma finta de Garrincha, um passe de Didi, uma cabeçada de Belini. E, no Brasil, canta-se nas ruas.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON n° 1 o quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON n° 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

**B É L -
HORMON**



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BEL-HORMON»

Nº

NOME

RUA Nº

CIDADE

ESTADO

Por Vale Postal Cr\$ 150.00

SUPERCOR

Tintas para impressão

LEIAM

EU SEI TUDO

TODOS OS MESES

Cr\$ 15.00

APRENDA

A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ

DOIS E UM

GUARACHA

BOLERO

MARCHA

RUMBA

SWING

SAMBA

TANGO

MAMBO

BAIÃO

CHORO

VALSA

FOX

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo, Cr\$ 120.00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

O MISTÉRIO DO ARAYADO

(Continuação)

— Todavia, prosseguiu Beaumont, resta-nos a possibilidade de que a suposição da Sra. Delancy seja exata e que se tratasse, apenas, de uma mulher terrificada pela tempestade. Se uma dentre as presentes teve medo do relâmpago, não há nenhuma vergonha em confessá-lo: mais de um homem, em seu lugar, teria tido a mesma reação... Vejamos... nada de amor-próprio mal empregado: quem gritou?

O olhar do cineasta procurou, sucessivamente, os de Claire, de Lydia Moreau, de Juliette e de Nane mas foi em vão, pois cada uma delas sacudiu, negativamente, a cabeça. Então, êle deu um pequeno estalo na língua, demonstrando contrariedade:

— Que diabo! Parece, pois, que êsse grito tem sua importância e a senhora foi bem avisada em no-lo dar parte, minha senhora... Vejamos, se não lhe fôr possível precisar-nos, exatamente, a hora na qual a senhora o ouviu, talvez, em contraposição, seja capaz de nos dizer de que lado êle provinha? Estou certo de que isso interessará aos elementos da polícia...

Isabelle, novamente, sacudiu as pálpebras, dominada, ao que parece, pelo sestro do seu marido:

— Isso me pareceu provir do andar térreo, disse ela.

— Do andar térreo? repetiu Beaumont com surpresa.

— Sim, tenho mesmo certeza disso.

— O cineasta olhou para a sra. Delancy com ar pensativo:

— Então, disse devagar, a coisa se torna cada vez mais misteriosa e, porisso, tanto mais interessante. Se não me iludo, sou o único a possuir meu quarto no andar térreo, não é verdade?

— Eh... sim, com efeito, disse Isabelle, visivelmente perturbada por essa constatação.

— E, rogo-lhe crer que, se eu tivesse gritado, a senhora não teria tomado a minha voz pela de uma mulher! Então... mas vejamos como eu não tinha pensado nisso! Deve tratar-se de uma empregada.

— As empregadas dormem no segundo pavimento disse Lydia Moreau falando pela primeira vez, e, quando eu subi, tudo já estava apagado no subsolo.

— No segundo pavimento? ajuntou Beaumont. Mas eu julgava que só havia um andar! Ontem, quando Georges me fêz visitar a casa, eu tinha notado que a escada parava no primeiro...

— Não, interveio a sra. Delancy, mas o fato é que se tem acesso diretamente ao segundo pavimento por uma escada em caracol que parte do subsolo. Isso nos dá mais independência e evita que as empregadas tenham que atravessar o vestibulo tôdas as vezes que tiverem necessidade de se dirigir aos respectivos quartos.

— Excelente combinação — apreciou o cineasta — mas isso nos transporta ao nosso ponto de partida. Uma vez que as empregadas estão fora de questão, é necessário, por conseguinte, que seja uma das senhoritas que tenha gritado no andar térreo e eu gostaria de saber quem foi. Senhorita Moreau, está certa de não ser capaz de nos dar alguma indicação a êsse respeito?

A governanta ficou impassível:

— Sim, ela disse, pausadamente. Há alguns dias, sinto-me adoecida, a tal ponto que fui, ontem, consultar o médico. Tomei, ao me deitar, uma das receitas que êle me prescreveu. Creio que entrou um pouco de ópio em sua combinação e adormeci logo após me deitar, a despeito da tempestade. Não me é possível, portanto, ser-lhe de algum auxílio — concluiu ela, com gesto de ambas as mãos.

— E' muito penoso, de fato, disse Beaumont. Esse grito vai, com certeza, prender a atenção da polícia e teria sido bom que pudéssemos lhe levar alguns dados precisos com relação a tal fato. Em todo caso, senhorita Moreau, um ponto está resolvido: se a senhorita dormia no primeiro pavimento, não pôde soltar um grito no andar térreo.

— De fato!

— Senhorita Livel, não foi a senhorita quem gritou?

— Não, oh! não, afirmou a atriz com calor.

— E a senhorita, então, não ouviu êsse grito?

— Juliette sacudiu a cabeça de "clown" trágica:

— Não. Eu, da mesma forma, fico, apenas, tranqüila durante as noites de tempestade.

O cineasta voltou-se, com ar interrogador, para Anne Vernon: Muito pausadamente, a moça disse:

— Não, não ouvi grito algum. Senão, eu teria pensado que seria da senhorita Moreau.

(Continua)

GILMAR NÃO ENGOLE FRANGO

MAS HIDERALDO CRIA VACA

MAURICIO CAMINHA DE LACERDA

A história é antiga:

Sete anos de pastor

Jacob servia

a Labão, pai de Rachel,

serrana bela...

ORA EU, que não tenho outras notícias de Labão senão por ouvir dizer, que apenas escutei sobre Jacob a menção bíblica e de Rachel só conheço a de Queiroz, servi quatro vezes mais à minha paciência para poder ver — e publicar — esta fotografia. "São poucos entre os homens", diz o sapiente Dhammapada, "os que chegam à outra margem com resignação; os demais correm praia abaixo, praia acima". Certo. E justamente por isso, durante esses vinte e oito anos de futebolísticas e amargas decepções, forcei-me de paciência na espera, enquanto os selecionados nacionais corriam, cancha abaixo, cancha acima, na frustrada caça ao campeonato mundial, já desesperados de algum dia acertarem o pé no gol e a mão na taça. São águas passadas ou infelicidades que se foram, vá, vá. A copa, como o petróleo, hoje é nossa, talvez por obra e arte de São Pedro, padroeiro dos pescadores, santo-chaveiro, quem, para que a pescássemos a bico de chuteira, nos abriu a porta (e o arco dos adversários) em Estocolmo.

O ditado, todos conhecem: Com paciência tudo se consegue. Perfeito.

MANIAS EM FLAGRANTE

Logo de início, devo chamar a atenção para um fato a tudo ligado: eu, que vivo atrás das manias dos outros para juntá-las

em reportagem, acabo descobrindo nesse campeonato uma inigualável oportunidade. Olhem por exemplo a foto. Parece talhada sob medida para essa intenção. Por quê? Um punhado de coincidências o explica.

Em primeiro lugar, porque a grande mania nacional (inclusive minha, eu confesso), além do carnaval e da política, é mesmo o futebol; e, como o povo demonstrou à farta em 29 de junho, nem mesmo Momo ou a eterna Frinéia receberiam consagração maior. Depois, conquistamos a glória na Suécia, país de onde nos chega uma porção de hábitos e de hobbies, como por exemplo o gosto pela sauna e pela ginástica. Há mais: quem nos fez a entrega do cobiçado bibelô foi, observem, um Rei que tem por principal divertimento o esporte bretão, sobre ser descendente daquele espantoso e coroado ancião Gustavo, o qual assombrava o mundo com o hobby do tênis na idade provecta sem jamais perder o ardoroso entusiasmo juvenil.

Porém não vendo: a fotografia tirada na Suécia, reúne Gilmar e Belini, dois grandes maniacos do time campeão. Não, enganem-se. Não é o futebol a maior e mais emotiva inclinação desses dois. Então, o quê? Passem aos tópicos seguintes.



PEQUENAS E PELOTAS

PARA GILMAR, a razão da vida (e nele isso já chega à autêntica obsessão) reside nas moças bonitas. São o seu **hobby**. Coleciona-as em série, aos montes e em tôdas as linhas, com agilidade redobrada, natural, porque se são retas as traves dos campos de jogo como sabem, nesse jogo singular e amável só existem linhas — sinuosas. Nas curvas, a posição gilmariana já não é mais a de **goal-keeper** e sim a de **center-forward**. Não há, de resto, no encontro quem lhe leve a palma como o diabólico Fontaine uma vez lhe levou a bola; é um Pegaso alado a voar sempre para cima delas, sejam pequenas ou pelotas. Curiosidade: costuma dedicar suas boas defesas às preferidas na coleção. Tanto e de tal forma que todos se assombrariam se eu revelasse o nome da beldade em cuja homenagem ele atalhou no peito um assombroso pontapé de Liedholm, quando este quase empata o "match" com os suecos, ali por volta dos 2x1.

Outra mania: moedas. Todavia, ao contrário dos avaros numismatas, por breve tempo apenas ele as conserva. Ao invés, espreme-as dos bolsos e do suco extrai, como um novo e perdulário Mefistófeles, o prazer que a vida tem...

Quanto às moças, ocorre-me sublinhar que, se depois da vitória, Mário Américo ganhou uma bola repleta de história e de ar, "seu Manoel" uma chácara doada por empresa imobiliária, Pelé o coração de uma loura e Newton Santos uma dúzia de televisões, o nosso Gilmar subiria ao sétimo céu se alguém lhe tivesse a encantadora idéia de presentear com um — harém.

Garrincha, cuja ambição é juntar dinheiro bastante para comprar um armazém de secos e molhados "com uma geladeira d'cste tamanho dentro", ou Didi, cuja mania é sempre e cada vez mais a Guiomar concordariam com ele, penso.



ENTRE VIRGÍLIO E UM CURRAL

E O OUTRO? Hilderaldo Luiz Belini? Caráter mais fora do comum. Como passatempo predileto (Meu Deus! ninguém o poderia supor) cria... vacas! Em sua fazenda em São Paulo, para onde escapole nos intervalos das competições, ei-lo então rodeado da paisagem bucólica e, mesmo sem ler as **Éclogas**, de pastores, do cheiro morno do leite, o verde ativo dos pastos e, evidente, a espécie ruminante. Parsifae, a que adorava bois, haveria de deliciar-se. Notável: como criador Belini não olha despesas; e para satisfazer a mania ou aumentá-la é tão liberal quanto foi o Aga-Khan. O ordenado normal, o que ele vence mensalmente no clube do Pedro (não o apóstolo, mas o almirante da cruz de Malta) o ordenado, digo, esse vai religiosamente para a família

e para os gastos essenciais; mas as gratificações, os bicos, por mais polpudos, esses são apenas para comprar e alimentar o gado. Frase sua a um goleiro que o ironizou: "Gosto delas (das vacas). Prefiro criá-las, sem comê-las, aos frangos que você cria e depois engole na porta do gol". Primeira coisa que fará com as gratificações de campeão do mundo: aumentar a criação. Pois tendo evitado que os suecos enchessem as redes do Brasil garantiu a si próprio o direito de encher o curral. Por um tipo assim, Virgílio repartiria com Feola a admiração. Embora seja verdade que com nenhum dos dois ou com outros, tal como já aconselhavam os seus homônimos Belinis da arte de Veneza, o nosso Belini acederia em repartir as — vacas.

umis-
s, es-
olário

tória,
"seu
cora-
es, o
se a

com-
dêste
mais

por
ar o
(das
cria
com
Pois
antiu
ssim,
dade
e!ha-
elini



encontro



com chuck

ENCONTRO COM UMA PRIMEIRA DAMA é o que temos hoje. Não duvidem: ela é na verdade considerada a "Primeira Dama do Futebol" do Brasil. Seu nome é Guiomar Batista Pereira, esposa de Waldir Pereira, a quem vocês chamam (entusiasticamente) de: "Didi, Didi, Didi...!".

Fomos conversar com Dona Guiomar no seu apartamento nas Laranjeiras. Na fachada do edifício, uma faixa em toda sua extensão dava as boas vindas ao campeão. Debaixo da janela do apartamento, um cartaz informava que Rebeca achava que o "papai" era o maior.

Rebeca é o maior troféu de Didi, sua filha, cujo nome está sempre presente nas suas conversas, seja qual for o assunto: "Pedi tanto de ordenado porque tenho que pensar no futuro de Rebeca..."; "Não levei Guiomar porque Rebeca não poderia

ficar sòzinha..."; "Decoramos o apartamento assim porque Rebeca..." etc., etc. etc."

Mas, dizíamos, encontramos Dona Guiomar no seu apartamento. Rebeca olhava a medalha de ouro do pai. Didi conversava, por sua vez, com seu pai. No rádio ouvia-se de São Paulo a recepção aos jogadores paulistas. Mal chegamos, o telefone interrompeu quatro vezes a apresentação. O jeito foi tirá-lo do gancho.

Não sabíamos bem o que perguntar a Dona Guiomar. Como ela gostou da vitória? Ridículo: é claro que achou fabuloso. O que ela pensa de seu marido? Desnecessário: não tira os olhos dele. Então procuramos uma abertura: "A senhora conheceu Didi através, ou apesar do futebol?"

Estava aberto o caminho: "Nem através nem apesar. Nunca havia ido a um jogo

antes de conhecê-lo. Quando conheci, gostei dele como homem, simplesmente. O futebol veio junto. Hoje em dia raramente perco jogo de Didi".

Quisemos saber: "Qual é o seu time preferido?". Resposta: "Bem, embora eu não fôsse a estádios, gostava do Flamengo. Naturalmente, hoje torço pelo time em que meu marido jogar".

Houve um silêncio em respeito ao tradicional cafézinho que estava sendo servido, e aconteceu o que está acontecendo no Brasil inteiro, após um cafezinho: falamos da Copa do Mundo. Dona Guiomar dissertou: "O jogo que mais me preocupou foi com o País de Gales. O empate com a Inglaterra não tinha me assustado, porque ainda estávamos no início da Copa, mas aquele tento que custou a chegar contra Gales, me deixou exausta de emoção. Eu fiquei sentada ao lado do rádio, não ouvia o que falavam na sala, e quando Didi pegava a bola, eu não aguentava: dava instruções e encorajamento a ele em voz alta".

Didi, sentado, cansado da viagem e das homenagens, apenas ficava ouvindo. Dona Guiomar explicava: "Sou obrigada a confessar que estou sentindo profunda validade. Talvez mais que as esposas dos outros jogadores, porque quando começaram a convocar os homens, disseram que meu marido estava acabado para a seleção, que seria barrado e que se fôsse, seria como reserva".

Com todo aquele carinho por seu marido, sabíamos que ninguém melhor que Dona Guiomar para informar se Didi voltara contundido da Europa. "Felizmente só tem cortes superficiais nas pernas, das traves das chuteiras adversárias. Nos ossos e nos músculos propriamente nada sofreu. Ele é cuidadoso, ágil, e não arrisca suas pernas com facilidade..." Comentou Didi: "Preciso pensar no futuro de Rebeca..."

Passamos a fazer perguntas a Dona Guiomar, agora como simples dona de casa em relação a seu marido, e não como esposa de um herói nacional. Ela foi respondendo às várias perguntas numa só dissertação: "Meu marido é um homem como outro qualquer, suponho, talvez um pouco mais apegado ao lar que a maioria. Raramente vamos ao cinema, e quando o fazemos não é para ver determinado artista preferido: vamos apenas porque estamos com vontade de ver um filme. Em geral, ficamos em casa, jogamos cartas com amigos, ou passeamos com Rebeca".

Dona Guiomar é baiana, e como tal, deve servir comida excelente na sua casa. "A senhora precisa servir uma dieta especial para seu marido?" Ela sorriu: "Na verdade, se eu deixar, ele come tudo! Mas eu



os-
fu-
nte

re-
ão
fa-
ue

ra-
er-
do
fa-
aar
ou
a a
or-
as
ra
Eu
via
e-
as-
a".
as
na
n-
a-
os
a
eu
ue
no

1-
na
ra
m
es
os
é
as
e-

a
a
a-
a-
o
o
-
-
a
s
l,
-

e
A
l
-
i





tomo sempre cuidado para não prejudicar seu estado físico. Não digo que faça dieta rigorosa, mas evito pratos muito pesados. Acho que possivelmente, muita gente não descobriu ainda que o estômago é um dos órgãos mais importantes para um atleta. Didi só tem uma cisma: com quiabo! Se quiserem ver Didi irritado é servir quiabo. Ele não gosta nem de ver na mesa. Didi mais uma vez comentou: "Mas se quiser me ver satisfeito, é adivinhar quando estou com um pouco de fome e servir um omelete..."

Como todos os maridos, Didi depende muito da esposa para se vestir. "Se eu não ficar em cima, o alfaiate fica desesperado com as provas, atrás dele, e ele não aparece. Costumo escolher os tecidos de sua roupa, seguindo sua predileção por cores cinza e azul".

Ainda como a maioria dos maridos, que não se preocupam em fazer compras para si próprios, Didi gosta, contudo, de comprar acessórios de vestuário para a esposa. "E sabe, ele tem bom gosto. Luvas, bolsas, brincos e colares, sempre compra exatamente o que eu mesma teria escolhido".

Tínhamos que achar uma falha no espólio de Dona Guiomar: "Didi não tem nenhum defeito, não reclama sem razão, não se irrita por coisas sem importância?" Dona Guiomar pensou um pouco. Disse: "Real-

mente há uma coisa que o faz ficar aborrecido e que aparentemente não tem a menor importância: não gosta que eu use turbantes ou mesmo lenços na cabeça. As vezes as mulheres são obrigadas a cobrirem a cabeça, ou porque acabaram de lavar os cabelos, ou porque são obrigadas a ir à rua rapidamente, sem terem ainda se penteado. Quando faço isto Didi, embora não demonstre muito, fica contrariado". Olhamos para o campeão. Ele sorriu, confirmou e disse que não sabia a razão da sua ojeriza a lenços e turbantes.

Já que estávamos falando de vestuário, perguntamos qual era a coisa neste setor que Dona Guiomar achava que seu marido mais apreciava nela. Foi o próprio campeão que respondeu: "Fico satisfeito quando Gui se veste de azul..."

Passamos ao futuro. Quais eram os planos do casal? "Bem, durante, pelo menos, dois dias, Didi não vai sair de casa. Já mandei chamar o barbeiro para ele. Na rua seria identificado, cumprimentado e abraçado. Embora isto seja normal, até causa para orgulho nosso, creio que ele merece um pouco de tranquilidade após estes últimos dias. Depois, teremos o campeonato, e tudo correrá como de costume".

E a viagem para a Espanha, quisemos saber. "Se Didi receber uma proposta com-

pensadora e se o Botafogo estiver de acordo, iremos. O que Didi menos gostaria de ver acontecer seria tomar qualquer decisão que pudesse magoar a direção de seu clube".

Para terminar, pedimos a Dona Guiomar para dar uma palavra às futuras esposas de jogadores profissionais. "O melhor conselho elas não poderiam seguir. Seria: casem com Didi! Mas já que isto não é possível, direi simplesmente que não se esqueçam nunca de que os maridos são homens comuns, e ao mesmo tempo lembrem sempre que são artistas. Para dar, para tratá-lo, pense sempre nele como um homem. Para receber, para compreendê-lo, aceitem o ídolo do público. Não o tratem como o fizessem porque ele é famoso, e sim porque ele é seu marido. E quando seus nervos estiverem um pouco gastos, sua disposição estiver um pouco fraca, aceitem isto como um momento de fraqueza de um gênio".

Pela harmonia que tanto se noticia, pelos olhares trocados entre ambos, chegamos à conclusão que Dona Guiomar, "Primeira Dama do Futebol" nacional, segue perfeitamente seu próprio conselho para ser feliz com um homem que para milhões de pessoas é um ídolo, mas que para ela é sobretudo, um marido satisfeito.

PERSEGUINDO A COPA

(Continuação da pág. 25)

O campeonato teve organização diferente, uma vez que foi pelo sistema de eliminação direta. O Brasil foi eliminado nas oitavas de final pela Espanha, por 3x1. Os demais resultados registrados foram os seguintes: Itália, 7x1 Estados Unidos; Austria, 3x2 França; Hungria, 4x2 Egito; Tchecoslováquia, 2x1 Romênia; Suíça, 3x2 Holanda; Alemanha, 5x3 Bélgica e Suécia, 3x2 Argentina. Quartas de final: Itália, 1x0 Espanha; Austria, 2x1 Hungria; Tchecoslováquia, 3x2 Suíça e Alemanha, 2x1 Suécia. Semifinais, Itália, 1x0 Austria, Tchecoslováquia, 3x1 Alemanha. Final, Itália, 1x1 Tchecoslováquia exigindo uma partida desempate que terminou com a vitória da Itália por 2x1.

1938 — FRANÇA — Concorreram 32 seleções tendo sido eliminadas 16. Reduzidas posteriormente a 15 devido à desistência da Austria que tinha sido anexada pela Alemanha. Participaram: França, Itália, Alemanha, Suécia, Polônia, Noruega, Romênia, Suíça, Hungria, Tchecoslováquia, Bélgica, Holanda, Brasil, •Cuba e Índias Ocidentais Holandesas.

Oitavas de final: Itália, 2x1 Noruega; França, 3x1 Bélgica; Brasil, 6x5 Polônia; Tchecoslováquia, 3x0 Holanda; Hungria, 6x0 Índias Ocidentais Holandesas; Suíça, 4x2 Alemanha; Cuba, 4x1 Romênia. A Suécia eliminou a Austria por W.O. Quartas de final: Itália, 3x1 França; Brasil, 1x1 Tchecoslováquia. No prêmio desempate o Brasil ganhou de 2x1. Hungria, 2x0 Suíça e Suécia, 8x0 Cuba. Semifinais; Itália, 2x1 Brasil e Hungria 2x1, Suécia. Final, Itália, 4x2 Hungria. Na partida para decidir a terceira colocação, o Brasil derrotou a Suécia por 4x2.

1950 — BRASIL — Estiveram presentes ao campeonato do mundo em 1950, disputado no Brasil, os seguintes selecionados: Brasil, Bolívia, Chile, México, Paraguai, Uruguai, Estados Unidos, Espanha, Itália, Suécia, Suíça, Iugoslávia e Inglaterra.

Os treze países foram divididos em 4 grupos que apresentaram estes resultados: Grupo "A" — Brasil, 4x0 México; Brasil, 2x0 Iugoslávia; Iugoslávia, 4x1 México; Iugoslávia, 3x0 Suíça; Brasil, 2x2 Suíça.

Grupo "B" — Inglaterra, 2x0 Chile; Espanha, 3x1 Estados Unidos; Espanha, 2x0 Chile; Espanha, 1x0 Inglaterra; Chile, 5x2 Estados Unidos e Estados Unidos, 1x0 Inglaterra.

Grupo "C" — Suécia, 3x2 Itália; Suécia, 2x2 Paraguai; Itália, 2x2 Paraguai.

Grupo "D" — Uruguai, 8x0 Bolívia.

Nas finais verificaram-se estes resultados: Brasil, 7x1 Suécia; Espanha, 2x2 Uruguai; Brasil, 6x1 Espanha; Uruguai, 3x2 Suécia; Suécia, 3x1 Espanha e Uruguai, 2x1 Brasil; sagrando-se o Uruguai campeão do mundo.

1954 — SUÍÇA — Ao certame disputado na Suíça compareceram 16 concorrentes a saber: Alemanha, França, Iugoslávia, Hungria, Austria, Escócia, Tchecoslováquia, Inglaterra, Bélgica, Itália, Suíça, Brasil, México, Uruguai, Turquia e Coréia do Sul.

Grupo "A" — Iugoslávia, 2x0 França; Brasil, 5x0 México; França, 3x2 México; Brasil, 1x1 Iugoslávia.

Grupo "B" — Hungria, 9x0 Coréia do Sul; Alemanha, 4x1 Turquia; Hungria, 8x3 Alemanha; Turquia, 7x0 Coréia.

Grupo "C" — Uruguai, 2x0 Tchecoslováquia, Austria, 1x0 Escócia; Uruguai, 7x0 Escócia; Austria, 5x0 Tchecoslováquia.

Grupo "D" — Inglaterra, 4x4 Bélgica; Suíça, 2x1 Itália; Inglaterra, 2x0 Suíça e Itália, 4x1 Bélgica.

Quartas de final: Uruguai, 4x2 Inglaterra; Austria 7x5 Suíça; Hungria, 4x2 Brasil e Alemanha, 2x0 Iugoslávia. Semifinais: Hungria, 4x2 Uruguai e Alemanha, 6x1 Austria. Final, a Alemanha derrotou a Hungria por 3x2 sagrando-se campeã.

CIA. DE SEGUROS MINAS-BRASIL

Fundada em 1938

Capital e Reservas: Cr\$ 252.310.932,80

Sede: — Av. 13 de Maio, 23, andar 23º — Ed. Darke.
Sucursal Rio: Caixa Postal, 3294 — Tel.: 22-1844 (rêde)

DIRETORIA:

Dr. JOSÉ OSWALDO DE ARAUJO
Dr. CARLOS COIMBRA DA LUZ
Dr. AGGÊO PIO SOBRINHO
Dr. JOSÉ MAGALHÃES PINTO

RAMOS EM QUE OPERA

VIDA (Individuais e Coletivos) — INCÊNDIO — ACIDENTES DO TRABALHO — ACIDENTES PESSOAIS (Individuais e Coletivos) — TRANSPORTES (Terrestres, Marítimos e Aéreos) — RESPONSABILIDADE CIVIL e LUCROS CESSANTES.

SUCURSAIS: RIO DE JANEIRO, Av. 13 de Maio, 23 — S. PAULO, Rua 24 de Maio, 208 — BELO HORIZONTE, Rua Curitiba, 656 — PORTO ALEGRE, Rua dos Andradas, 1284 — RECIFE, Av. Dantas Barreto, 564 — CURITIBA, Rua 15 de Novembro, 575.

AGÊNCIAS GERAIS: NAS PRINCIPAIS CIDADES DO BRASIL

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: BRAMINAS

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

EDITORA PAULO DE AZEVEDO LTDA.

ARTIGOS DE PAPELARIA E MATERIAL ESCOLAR

LIVREIROS E EDITORES

RIO DE JANEIRO

RUA DO OUVIDOR, 106

SAO PAULO — RUA LIBERO BADARÓ, 292

BELO HORIZONTE — RUA RIO DE JANEIRO, 655

BANCO ECONÔMICO DA BAHIA S. A.

Fundado em 1834

Matriz: SALVADOR — BAHIA

Capital realizado Cr\$ 150.000.000,00
Reservas Cr\$ 76.400.000,00

73 Agências compreendendo os Estados da Bahia — São Paulo — Minas Gerais e Sergipe.
Todas as operações bancárias inclusive Câmbio

Sucursal Rio:

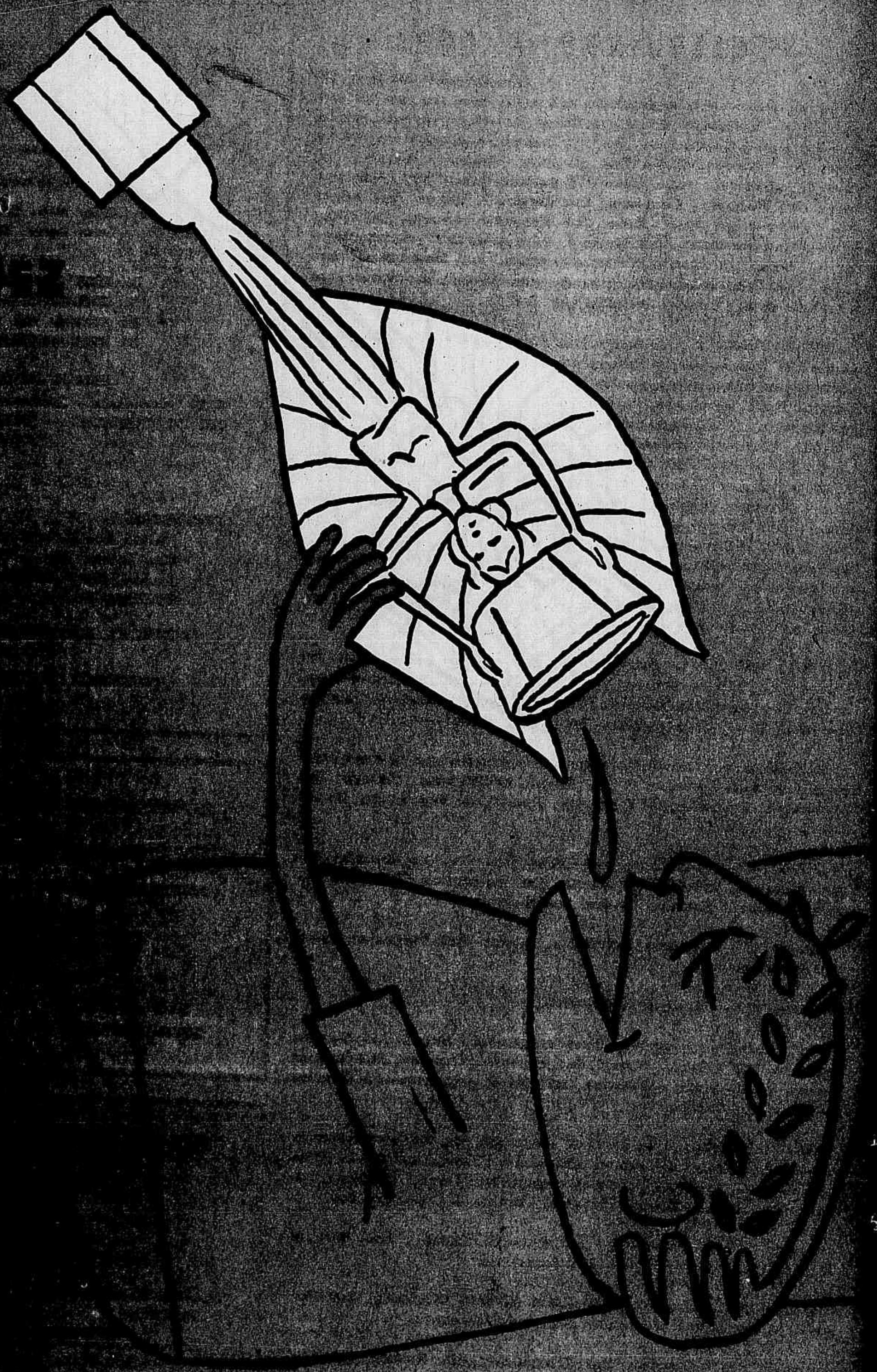
Rua da Assembléia, 83

Tel.: 52-8179

Agência Méier:

R. Tte. Cerqueira Leite, 14-B

Tel.: 29-5203



SONINHA VOLTOU FAMOSA GANHANDO CHAVE DA CIDADE



A moça foi recebida com as honras devidas. Não faltou batedores e ninguém arredou o pé da rua, apesar do aguaceiro.



PORQUE MERECIA as honras de autêntica rainha, Sônia Maria Campos voltou aos pagos para receber as homenagens de seus súditos pernambucanos, sendo esperada com discursos, flôres e banda de música. E, ainda a bordo do fabuloso Skymaster do *Lóide Aéreo*, em absoluta primeira mão, a Rádio Jornal do Comércio transmitiu a saudação de Soninha ao povo recifense, em mensagem telegráfica. Mas, momentos depois, quando as condições atmosféricas o permitiu, Miss Pernambuco voltou a saudar os seus amigos, ainda de bordo, mas desta vez de viva voz, e ainda através da PRL-6, emissora líder em Pernambuco.

Nem a chuva conseguiu afastar o povo da rua, nem proibiu que uma verdadeira multidão superlotasse o aeroporto. O primeiro a abraçá-la foi o Dr. Odivio Duarte, Presidente do Santa Cruz (Flamengo do Recife), que se fazia acompanhar por quase toda diretoria do glorioso tricolor, clube que apresentou Sônia Maria Campos, como candidata ao título de Miss Pernambuco. E depois tudo era sorrisos e lágrimas de alegria e gratidão, pelo que Soninha fez pelo seus conterrâneos.

A cidade vivia momentos de grande ansiedade pela chegada a Recife, no dia seguinte, dos campeões mundiais de futebol. Mas

Ela brincou de comissária do "Lóide" e todos acharam uma beleza.

Nem a chuva conseguiu afastar das ruas o povo que queria ver Soninha

o público vibrava igualmente porque uma de suas filhas iria representar o Brasil em um concurso de beleza que será realizado em Londres.

Antes de desfilar pelas ruas de sua Recife, Sônia Maria Campos pediu para passar pelo Hotel Boa Viagem para trocar de vestido e retocar a pintura, porque "quero que o meu povo não se decepcione comigo". E às 15 horas e 30 minutos, mais ou menos, com chuva forte e tudo, a caravana começou a se deslocar para o centro da cidade. Os batedores com suas sirenes anunciavam que Miss Pernambuco já havia chegado e começava o seu desfile triunfal. E o povo tomava conta das calçadas da rua Imperial, Concórdia, e Nova, até a tradicional pracinha da Independência.

Para o Recife todo, aquele foi um dia festivo. Comovente, a simples, mais tocante homenagem de uma velhinha que esperou horas e horas em baixo da chuva, para oferecer uma flor a Miss Pernambuco. Também a do garoto descalço, que entregou a Sônia Maria Campos um bilhete com o seu endereço, para que lhe enviase depois um retrato. Era a alma do povo que falava com a beleza da sua simplicidade.

Mas o "climax" das homenagens foi atingido quando o carro da Miss Brasil, para efeitos londrinos, passou pela rua Nova, onde mais adiante esperavam alguns clubes carnavalescos.

Nestas ocasiões, o que é lamentável, é a atitude dos aproveitadores. Ao Santa Cruz, deve Sônia Maria Campos, exclusivamente, a oportunidade de ter sido lançada para Miss Pernambuco. Associação modesta, se bem que tenha podido aglutinar em torno de si a maior torcida pernambucana, não poupou esforços no sentido de apresentar condignamente a sua representante. Em seu guarda-roupa (um dos mais elogiados aqui no Rio), gastaram os seus dirigentes, nada menos de duzentos mil cruzeiros. Mas na hora das honrarias o patrocinador do concurso em Pernambuco que nada fez por Sônia Maria Campos, toma a frente das homenagens, intitulado-se "dono da festa", quando os verdadeiros e legítimos são os tricolores do Arruda. Porque esses, agora diligentes senhores, não deram nenhuma assistência a Miss Pernambuco no Rio? O mal vem de longe. Só aparecem na hora de soltar foguetes e comer os bolos da festa.

Soninha, que faz anos no dia 11, vai demorar uns trinta dias em Recife somente "para matar as saudades". Está residindo na Rua das Fronteiras, em uma casa que tem o número 76, e disse que vai comer pouco "para não ganhar quilinhos de mais". Também quer ser professora de inglês, com sotaque londrino, pois o americano já sabe bem. E já que ganhou muitos cortes de tecidos no Rio, não custa nada melhorar, mais ainda, o seu já bem luxuoso guarda-roupa.

Depois, Miss Pernambuco vai viajar um pouquinho. Pretende atender convites do país, mas se tiver tempo "vou a Paris antes de Londres". E para se despedir do Brasil, vai organizar uma festa em colaboração com o *Lóide Aéreo*, levando a bordo dos Skymaster, as "miss" de quase todos os nossos Estados. "Vai ser uma coisa maravilhosa" — diz Soninha "e os rapazes da terra, nem podem dormir direito, só pensando..."

Para recepcionar os jornalistas cariocas, que a foram levar ao Recife, Miss Pernambuco ofereceu um almôço no famoso "Buraco da Otilia", onde se come a melhor "galinha à molho pardo" do mundo. Sônia Maria Campos vestia um "modelo saco", bege, e encantou a todos com a sua brejeirice.

Finalizando, Miss Pernambuco se despediu, dizendo que queria ver a todos, no seu embarque, em Outubro, e também encontrá-los no Galeão, "seja qual for o resultado de Londres", porque antes de ser "miss" e de tudo mais, "eu sou amiga da imprensa"...



A chegada de Miss Pernambuco ao Recife foi uma verdadeira festa durante quase todo o trajeto.



No dia seguinte à sua chegada foi receber os campeões de futebol junto ao pernambucano Vavá.



Soninha matou as saudades do Recife passeando em suas ruas.

la-
deira festa. O povo acompanhou o carro do presidente do



e
futebol e fez questão de posar



Sônia Maria Campos desfilou no Skymaster do "Lóide Aéreo", recebendo palmas de todos os passageiros.



RECIFE RECEBEU OS CAMPEÕES COM "F



M "FREVO" E CHUVA

O AVIAO QUE trazia a delegação estava anunciado para as seis horas da manhã, mas desde as cinco as ruas do Recife estavam completamente cheias, apesar das chuvas torrenciais que caíam já da véspera. E o povo não arredava o pé do lugar, para não perder a oportunidade de ver de bem perto, aqueles que se tornaram heróis nacionais.

A imprensa carioca, que viajara um dia antes para a capital pernambucana, pelo Lóide Aéreo, também estava ali a postos, indiferente a inclemência do tempo. Havia em todos o interesse de bem informar o público. E a missão foi integralmente cumprida, felizmente.

O grande atraso da aeronave que conduzia os pebolistas nacionais, tinha suas justificativas. Em toda parte por onde passavam (Londres, Paris, Lisboa), recebiam dezenas de manifestações do público e dos dirigentes esportivos locais. Sem falar nas entrevistas para a imprensa, rádio e televisão. Era a homenagem do mundo àqueles que venceram porque foram, em todas as partidas, os melhores em campo. Que não experimentaram, uma só vez, ao menos, o amargo da derrota.

Somente, portanto, às 9 horas aproximadamente, desceu o avião no aeroporto dos Guararapes. Esperando estavam os principais mentores do mundo esportivo pernambucano. Rubem Moreira (Presidente da Federação Pernambucana de Futebol), Ovídio Duarte (Presidente do glorioso Santa Cruz), Ademar Costa Carvalho (Presidente do Sport Clube do Recife), Adamir Menezes, José Rozemblit, Jason Melo e tantas outras figuras de proa, eram os encarregados das manifestações que seriam tributadas aos jogadores brasileiros.

O policiamento do aeroporto coube ao Cel. Luciano Rodrigues, da Aeronáutica, homem gentil e educado, mas que esteve péssimamente assistido por um Capitão (também da Aeronáutica, porém da Infantaria) que desconhecia as mais rudimentares boas normas de educação e que queria fazer valer a gritas, a autoridade de que não parecia se sentir seguro. Provocou atritos de toda forma, sendo inclusive responsável pelo bárbaro espancamento de uma senhorita que queria cumprimentar o Vavá. E aquela "fortaleza" de autoridade de nada valeu quando o avião parou os motores e começaram a descer os campeões mundiais, porque o povo invadiu mesmo, a pista, indiferente aos seus gritos. A Base Aérea do Recife precisa ensinar, a esse moço, normas de boa educação. E urgentemente.

Um a um, foram descendo os novos vitoriosos do mundial de futebol. O público, que compareceu ao aeroporto, aplaudia com entusiasmo nunca visto. A Vavá (principalmente), Pelé, Garrin-

Fotos HÉLIO POLITO e A. FERREIRA





Foi a maior homenagem que Pernambuco já prestou em to

cha e Zagalo, foram dirigidas as maiores manifestações. Mas também alguns dos reservas (Zózimo, por exemplo), mereceram as suas preferências.

A ordem recebida pelo Dr. Paulo Carvalho, ainda pelo rádio do avião, era de que a demora no aeroporto do Recife, fôsse a menor possível. E dizia taxativamente: "nada de ir à cidade para desfile". O presidente JK dispunha de pouco tempo e deveria ser apressada a chegada ao Rio de Janeiro. Foram as instruções.

Um mal estar começou a se formar entre o público que compareceu ao aeroporto. A recusa de desfilar pelas ruas do Recife, estava sendo tomada como uma desconsideração ao povo pernambucano, que saíra de casa, alguns madrugada ainda, tomando chuva até aquela hora. Rubem Moreira explicou ao Dr. Paulo Carvalho as conseqüências que poderiam resultar da recusa. Argumentou que tudo estava preparado para recepcionar os jogadores e diri-

gentes da delegação, a decepção que isso traria no seio do povo, e foi mais claro ainda:

— Se os senhores se recusarem a ir desfilar pelas ruas do Recife, posso garantir que esse povo que aqui está no aeroporto, reventará todo o avião! E assim não chegarão ao Rio hoje, de maneira alguma. A coisa é muito simples. É uma questão só, de escolher o que preferem.

— E a polícia? — perguntaram os responsáveis pela representação da C.B.D.

— A polícia — concluiu Rubem Moreira — é nossa. Cruzará apenas os braços...

O Dr. Paulo Carvalho, diante da realidade dos fatos, resolveu concordar. Ele conhecia bem os brios daquele povo valente, que sentindo-se desconsiderado, sabe sempre reagir, como bem atesta a tradição.





em todos os tempos. Todos queriam saudar os campeões

O cortejo rumou em carros fechados (a chuva não permitiu o desfile em jipes como estava programado), pela praia de Boa Viagem, ruas da Concórdia, Nova, Av. Guararapes, seguindo pela Conde da Boa Vista em direção ao Clube Português, onde estava programado um banquete com mesas em V e que não realizou-se entretanto, por falta de tempo.

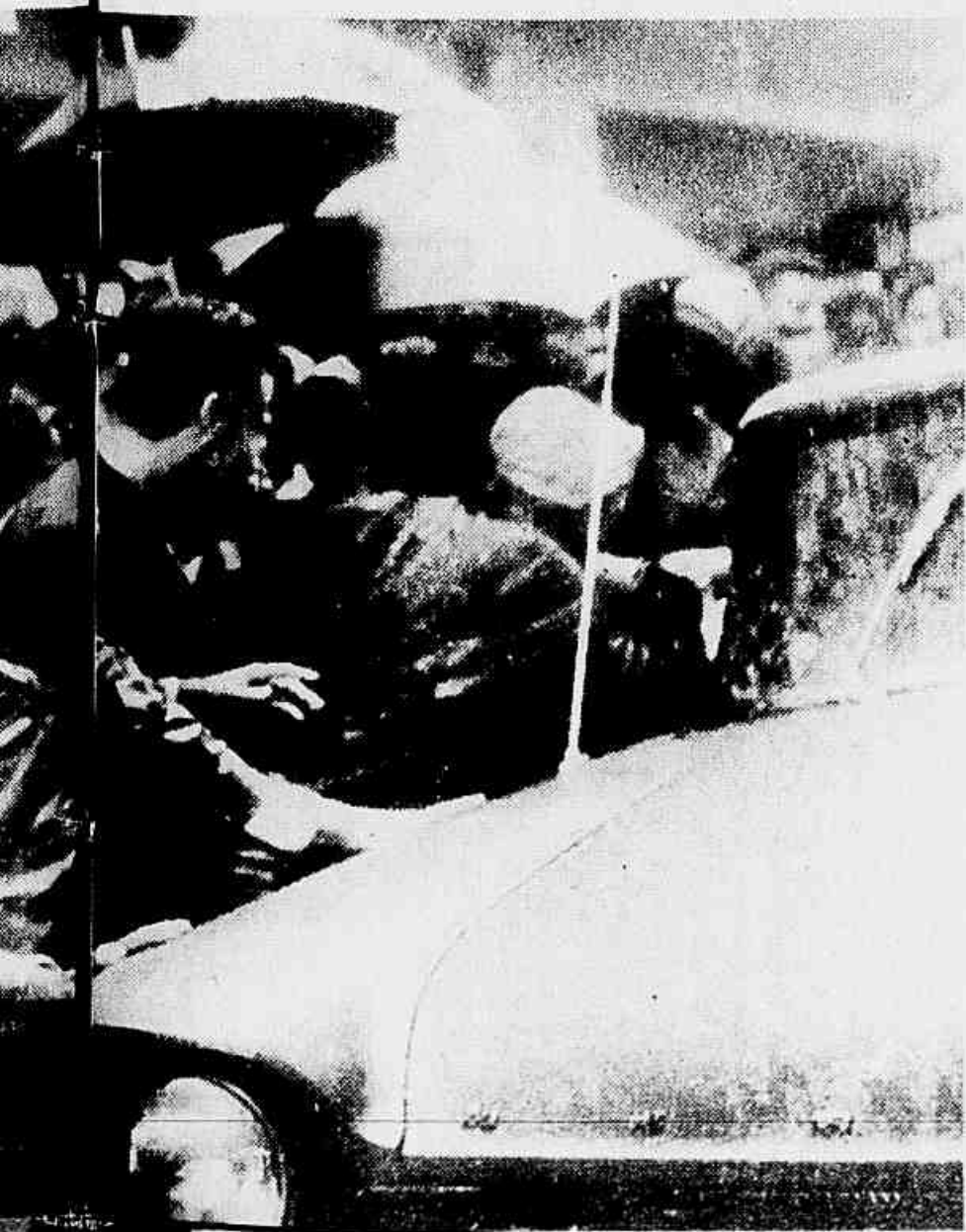
O povo delirou em todo o trajeto, e nos foi possível atestar isso bem de perto, porque no nosso carro desfilava o centro-médio Zózimo que era aplaudido, tocado, beijado, enfim homenageado de toda a forma, por negras, mulatas, brancas e até mesmo pela chamada "gente bem". Uma senhorita da alta sociedade, vibrou intensamente. E estendeu o seu braço moreno e bonito a todos os jogadores para que nêles autografasse. Havia como que um desejo, de tocar ou serem tocadas, por aqueles que honraram o futebol brasileiro, nos campos suecos.

Em Pernambuco, os campeões receberam ainda, relógios, coleções de camisas, um disco "Mocambo" com uma música do consagrado Nelson Ferreira, sobre a vitória nacional, e outras lembranças.

Porém o que eles gostaram de mais mesmo, foram as manifestações que aquele povo amigo lhes tributou. Só por aquilo, valera todo o esforço feito em trazer para a nossa pátria, o presente mais desejado por brasileiros, de Norte a Sul: a cobiçada **Copa do Mundo de 1958**.

Quando voltamos ao aeroporto, Dr. Paulo Carvalho dizia ao mesmo Rubem Moreira:

— Você tinha razão. Nós não podíamos decepcionar esse povo que tanto nos ama e nos esperava debaixo de toda essa chuva! Obrigado por ter-me alertado em tempo, Presidente Rubem Moreira.



CAMPEONATO



RENARD PEREZ

ACORDEI com um barulho no mundo. Um barulho atrozador, de foguetes a se sucederem, que me deu, de súbito, a impressão de que alguma coisa se desmoronava. Que horas seriam? Atravessando as frestas da veneziana, a luz do dia me cegava. Fôra, na véspera, a uma festa junina na Floresta da Tijuca, chegara em casa às cinco da manhã, aos trancos. E aquele despertar, entre explosões me desorientava.

Foi quando me veio, de longe, o som vibrante do Hino Nacional. "E' o jogo! E' o jogo!" — lembrei-me, concatenando idéias, despertado completamente. E' o jogo, e nós ganhamos!" — conclui, emocionado, diante daquele clamor. "NÓS SOMOS CAMPEÕES DO MUNDO! Então, foi o sofrimento: eu perdera a irradiação da partida vitoriosa — e era como se tivesse perdido, irremediavelmente, hora e meia de vida.

Desolado, estendi o braço para o rádio a um metro da cama, liguei-o, passei os ponteiros no mostrador.

O jogo apenas se iniciava. E, de repente, a angústia de ter perdido a irradiação, foi substituída por uma outra, muito pior: não tínhamos vencido, eu devia enfrentar ainda noventa minutos. Agora, preferia ter perdido a irradiação, mas estar diante de uma vitória garantida... E me lembrei daquele dia trágico de oito anos atrás, o silêncio que descera sobre a cidade em 1950, um silêncio doloroso... Tudo ia recomeçar...

A ressaca voltou, abandonei-me à cama, destruído. Acompanhar tal partida representava, para mim, doloroso patriotismo. Bebia as palavras do locutor, o coração aos solavancos, mas me dispunha a mergulhar covardemente no sono se a irradiação fôsse ingrata.

Vieram os minutos preliminares, acompanhados num longe. Súbito, um grito de gol, ao qual se sucedeu um silêncio de morte. Era o gol sueco. Ah, 50!... E me imobilizei sob as cobertas, infeliz. Não queria mais ouvir.

Adormeci? Sei que fui surpreendido com novo grito, esganado e longo, interrompido por uma salva frenética: um troar de foguetes, que abafa as palavras do locutor. Era o segundo gol — o do empate, que me reconfortou.

E' preciso contar o resto? Cada brasileiro, naquela manhã, a princípio terrível, depois gloriosa de domingo, sofreu como eu. Os gols que se sucederam me levaram definitivamente a ressaca. Mas não me tranquilizaram. Cheguei a desejar um avanço no tempo — chegar logo ao fim da partida, qualquer que ele fôsse. O horrível era aquele martírio lento, martírio chinês.

Termina a primeira etapa no 2x1, aumenta a nossa vantagem no segundo tempo. Mas aqueles triunfos não me apaziguam — nem tão pouco ao locutor — única vida, além da minha, no pequeno apartamento. Sabe-se lá! — os suecos lutam, desesperados, por um empate, e faltam ainda trinta minutos para terminar a partida... Ah, Pelé! Ah, Vavá! Deus nos ajude...

— Estamos atravessando os vinte minutos mais lentos da história do futebol brasileiro — murmura o locutor, ansioso.

Somos, eu e ele, duas almas irmanadas no mesmo desespero. Malditos minutos que não passam nunca. Vou ao banheiro, faço a toilette, querendo me enganar. Daí a pouco, novo uivo, seguido do ribombar reconfortante. Venho do banheiro, a correr. O gol, seguido do tiroteio, sai do peito do speaker num grito feroz.

Agora, faltam apenas cinco minutos — o placard é 4x2 — os suecos poderão fazer apenas um gol. Dois — é impossível. Enquanto faço a barba, diante do espelho, invade-me aquela certeza.

— Faltam três minutos para o Brasil ser campeão do Mundo — grita, lá da sala, o locutor, e eu sinto um nó na garganta. E' apenas questão de segundos — não podemos mais perder, não há tempo. E, de repente, o jogo acaba — justamente com um gol no seu fecho e um talho no meu rosto — e NÓS SOMOS CAMPEÕES DO MUNDO. Diante do espelho, eu vejo caírem minhas próprias lágrimas.

Há uma explosão — algo de terrível deve estar sucedendo lá fora. As paredes do edifício vibram, ao eco dos gritos e dos foguetes. "Viva o Brasil! Viva o Brasil!" A janela, onde me debruço, traz-me a visão de um Rio desvairado: a senhora gorda do andar de frente balança no ar uma colcha amarela, o marido uma verde. Há bandeiras estendidas, tremulantes, surgidas misteriosamente. "Viva o Brasil!" Os papéis picados descem, numa chuva, branqueiam os tetos, as calçadas, são trazidos até mim pelo vento. Lá embaixo, a garotada canta o Hino Nacional.

Tenho um apêto na garganta. Mas me sinto um tanto sem graça, ali sózinho no apartamento, de pijama e dorso nu, sem ninguém a quem comunicar a minha felicidade. Os livros enfileirados na estante me parecem absurdos, é ridículo o jornal jogado por baixo da porta, com seus conscienciosos prognósticos sobre uma partida futura...

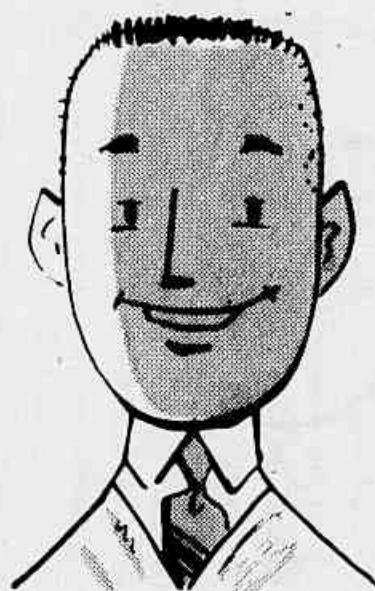
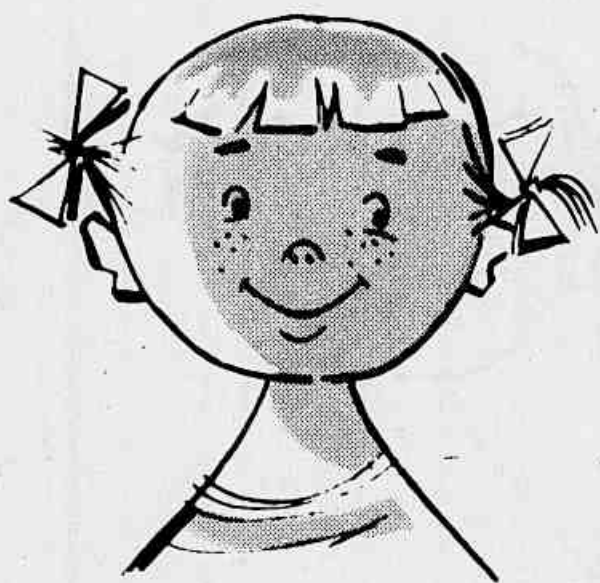
Só o rádio é presente, e aquela vitória que toma posse da rua, da cidade, do mundo.

Entendo patriotismo — patriotismo é vitória do futebol no estrangeiro. Pátria é esse orgulho que me enche o peito, e me engrandece, dá-me vários metros de altura. De súbito, o Brasil é a mais soberana das nações, e as grandes potências de dez minutos atrás de repente se amesquinham e olham para nós lá de baixo, respeitosamente. Heróis são Belini e Pelé — pelo menos hoje. Visto-me, abro a porta. No corredor estreito, a cena é impressionante: seis ou sete senhoras de meia idade, em quimono e chinelos, vêm do elevador a cantar, num cordão carnavalesco:

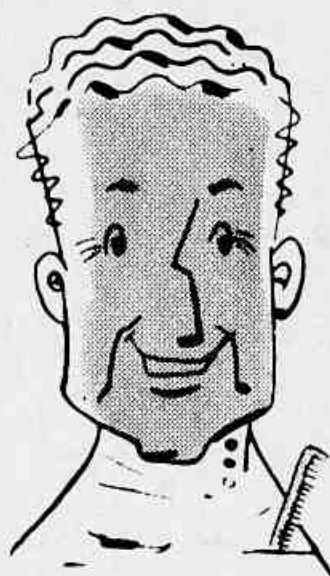
A Taça do Mundo é nossa,
Com brasileiro, não há quem possa...

Desço o elevador, e recebo, na porta, uma chuva de confete. No saguão em alvoroço, uma senhora do quarto andar que conheço apenas de vista, põe, súbitamente, algo diante de mim. Recuo surpreendido, e olho o que ela me oferece. E' uma bala de chupar:

— Para ficar com a boca mais doce...
Choro, como um cretino.



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

encontra nas UNIDAS
— o melhor!



CONFRATERNIZAÇÃO, NO CARNAVAL DA VITÓRIA